TON-TON
ANNO XXIV — N.º 32
Rio, 9 de Agosto de 1930
— PREÇO: 1$000 —
M.C.
930

provocados pelos incommodos mensaes das senhoras são rapidamente alliviados com

Cafiaspirina

Este admiravel preparado de BAYER acalma rapidamente as dores, e restitue ao organismo o seu estado normal de saude.

Mesmo os organismos mais delicados podem tomar CAFIASPIRINA com toda a confiança, pois ella
NAO AFFECTA O CORAÇÃO NEM OS RINS.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

O Conto Brasileiro

Almas do outro mundo

Por MARIO BRANDÃO

— A proposito de almas do outro mundo, vou contar o que me succedeu a semana passada. Pode ficar sossegada, que não foi nesta cidade; o caso verificou-se em Recife, no segundo ou terceiro andar do Hotel Caxias, cerca de uma hora da madrugada. Ainda não lhe disse que fui a Recife tratar de uns papeis do finado meu padrinho Macario Valente dos Santos. O bom do velhinho não se esqueceu de mim no testamento. Deixou-me o melhor da herança. E' verdade que tudo isso vale quasi nada ao pé do mal que elle me fez ha vinte e quatro annos. Afinal de contas, sempre representa alguma coisa. Agora, eu só desejo é que Deus lhe conceda um bom logar, embora o pobrezinho não escorregue [illegible] abaixo, para cahir, novamente, nos braços da parteira, como aconteceu ao personagem daquelle conto de que você me falou outro dia.

A idéa é tudo, minha brilhante amiga! "Nada existe fóra da idéa", conforme affirmou Heguel. Quem sabe si meu padrinho, a esta hora, já não é meu neto? Mas não estou disposto a discutir theorias de espiritismo. Vou abrir um parenthesis para explicar o mal que elle me causou, ha vinte e quatro annos, o compadre de meu pai, o filho da minha filha, supponho, que nasceu hontem no Rio de Janeiro, segundo telegramma de meu genro. Tambem não lhe tinha communicado esta nova. Mas isso não lhe interessa.

Fica aberto o parenthesis.

Naquelle tempo, eu era estudante de preparatorios. Morava com o velho Macario num sitio que ficava a umas leguas daqui. O coronel Macario Valente, dentre as coisas que mais estimava no mundo, possuia um cavallo, presente que lhe fizera o velho amigo do Rio Grande do Sul, dr. Alexandre da Cunha. O cavallo chamava-se *Bucephalo*, naturalmente em homenagem ao seu proprietario. E o animal, que era bonito, bem merecia o nome de seu illustre antepassado [illegible] rudado ou outra côr apropriada, em que o magno general dos hellenos, aos quinze annos, arrancou da bocca do rei Felippe a celebre expressão de orgulho paterno: "Meu filho, procura outro reino, que a Macedonia não te chega".

Pois bem, minha formosa companheira, um bello dia, eu tive a lembrança maluca de ir para o collegio montado no Bucephalo. Talvez a coisa não houvesse acarretado nenhum mal, si o diabo estivesse no inferno. Mas o diabo andava solto, e quiz que, no caminho, a primeira pessoa que encontrei foi a minha namorada. A pequena, que tinha menos juizo do que eu, foi pedindo que a levasse na garupa, e dahi a minha infelicidade. O cavallo atirou-nos, sem mais nem menos, sobre uma enorme touceira de mandacarú. Tambem, quando acabei de arrancar os espinhos, vibrei uma bruta cacetada na cabeça do animal. Foi a conta! O pobre do *Bucephalo* teve a sorte do seu xará na batalha do Hydaspe. E eu, como o rei Poros, fui ajustar contas com o dono. Resultado: levei uma surra de couro cru e fui obrigado a renunciar ao meu desejo de ser doutor. Meu padrinho, não se contentando com as tremendas chicotadas que me passou, ainda me atirou na marinha, para que eu aprendesse a abrandar o meu genio de cobra, como elle proprio me declarou, quando lhe tomei a derradeira benção.

Já lá se foram vinte e quatro annos! Vinte e quatro annos na vida de um homem que foi marinheiro, conductor de bonde, carregador, *chauffeur*, jornalista e mais alguma coisa, verdadeiramente tem muito do que se contar á guisa de novella.

Oh! Meia noite! Você já deve estar morrendo de somno, meu amor! Vou fechar o parenthesis.

Não sei mais em que pé ficou o que me succedeu a semana passada. Sim! Eu estava no segundo andar do hotel.

Tinha ido assistir á "première" de uma companhia franceza, coisa muito boa. Depois do primeiro acto, os amigos me levaram aos bastidores e ali fui apresentado á actriz Giovana de Genova, na qualidade de critico theatral. De modo que ficámos amigos.

Por favor, não tenha ciume! Quando terminar, lhe prestarei contas de minha conducta!

Voltei cedo ao hotel e subi logo para o quarto, numero 13. Mudei de roupa. Estirei-me na cama. Fiquei com o cerebro a ruminar as sensações do dia. Dahi a pouco, ouço umas pancadinhas na porta do quarto.

Nunca me dei bem com o numero 13! Este numero sempre me persegue!

O espiritismo fala-nos acerca de uma certa classe de duendes dados a pancadinhas. E a propria Egreja não nega isto. Segundo li algures, havia até nos seus antigos rituaes uma oração destinada a afugentar os espiritos que se manifestam por meio de pancadinhas: "Afugentae, Senhor, todos os espiritos malignos, todos os phantasmas, todos os espiritos que batem". (*Spiritum percucientum*).

As pancadinhas repetiram-se mais alto. Fiquei assombrado. Levantei-me. Botei a pistola no bolso. Abri a porta.

Era o porteiro do hotel que me trazia um bilhete urgente. Giovana pedia que eu fosse ter com ella na Pensão Internacional, quarto numero 13. Dizia tratar-se de assumpto de grande importancia. E si eu não chegasse dentro de um quarto de hora, a minha vida estaria em perigo. Na porta do hotel havia um automovel á minha disposição.

Tudo isto era pavoroso, inexplicavel, impossivel! Tive vontade de mandar o porteiro para o inferno, com o bilhete de Giovana, com o diabo que os carregasse.

Mas a curiosidade, que tem mãos de ferro, não me deixou esbravejar e me arrastou até o quarto da joven actriz, a tal que me apresentaram no theatro.

Já lhe pedi que não tivesse ciume! Pense no que me succedeu e deixe de ser afobadinha.

Avalie só! A mulher, assim que lhe beijei, respeitosamente, a mão, antes mesmo de dizer qualquer coisa, suicidou-se estupidamente, seccionando a carotida com uma segura navalhada. O peor, entretanto, é que ella não havia deixado a minima declaração. Era preciso que eu fugisse dali sem demora. Do contrario, seria accusado de assassinio. Mas não pude fugir. Um hospede do quarto contiguo botou a bocca no mundo a berrar loucamente: "Soccorro! Soccorro! O homem matou a mulher!"

De repente, era uma multidão que gritava: "Lynchem este monstro!"

Fiquei numa situação horrorosa. Tentei explicar o facto. Implorei que tivessem calma. Pedi, de joelhos, que fossem mais prudentes, porque eu estava innocente. Mas tudo foi em vão. As feras avançavam, as mãos crispadas, jurando esganar-me.

Que teria feito você nestas circumstancias?

Que fiz eu?

Suicidei-me tambem. Atirei na cabeça e me joguei pela janella fora afim de evitar que os loucos me comessem crú.

Não tenha medo! Palavra de honra como eu não sou defunto. Eu não cheguei a morrer. O que me succedeu foi o seguinte: cahi da cama, sonhando, naturalmente porque não havia rezado para as almas do purgatorio, que hontem vieram puxar os seus cabellos, meu amor...

(Do livro a sahir, *Almas do outro mundo*).

A MAIS NOBRE

WALTER DE SEQUEIRA

PATRICIO viera de Portugal com doze annos.

No Brasil crescera; no Brasil casara-se com uma conterranea.

Começára como simples caixeiro e era agora riquissimo, dono de muitos armazéns commerciaes.

Esquecia-se quasi de sua origem humilde, vendo os seus filhos nascidos no Brasil, todos jovens, elegantes e bonitos.

A vida sorrira-lhe assim.

Dois dos seus rapazes estavam já noivos de moças de origem igual á delles.

Amaury, um dos filhos de Patricio, que, pelo porte e elegancia, como os irmãos, se differençava bastante da primitiva pobreza do pae, fôra, certa vez, a uma reunião da alta sociedade.

E ahi conheceu e apaixonou-se por uma linda joven.

Ignez, a moça, sentiu-se attrahida por elle. Nenhum rapaz conseguira tanto a sua sympathia.

Era das jovens mais cortejadas na sociedade.

De familia nobre e illustre, sendo intelligente, elegante, distincta, tornára-se muito querida de todos.

No emtanto, Ignez era orgulhosa, e afastára sempre, de si, os mais apaixonados pretendentes; não os achava sufficientemente dignos de possuil-a; na maior parte das vezes, suas condições eram por demais humildes em comparação á della.

Desde, porém, que conheceu Amaury, Ignez tudo esqueceu. Soube da origem delle, mas não se importou. Sentiu apenas que o amava.

Não poderia encontrar outro joven assim, na vida.

Elle mesmo, na sua elegancia, tanto procurava se differençar do meio pobre em que nascera.

E, tempos depois, ficavam noivos.

A familia de Amaury rejubilou-se com a moça que o rapaz captivára. Os paes sentiram-se orgulhosos; elle iria trazer, para sua casa, uma joven de origem nobre.

Ignez também gostou da familia do amado. Eram todos tão sympathicos! Sentia-se muito feliz.

Mas na sociedade, onde a moça era conhecidissima, seu noivado não deixou de despertar curiosidade.

Creaturas de espirito mau, conhecendo o orgulho de Ignez, sentiram um prazer estranho com a sua escolha.

Teriam, talvez, opportunidade para espesinhal-a.

A mãe de Ignez, uma vez, lhe falou:

— Querida, você, que, por orgulho, rejeitou sempre rapazes com quem eu sympathizava tanto, e que pareciam ser tão bons e lhe querer muito, parece ter sido, agora, castigada.

Como unica resposta, Ignez disse:

— Oh, mamãe! Amo tanto Amaury!...

A senhora sorriu.

Certa vez, ao attender ao telephone, a moça reconheceu a voz de uma das suas maiores amigas.

Conversaram algum tempo.

— Então, Ignez, você, finalmente, noiva?

— E' verdade.

— E não se importou com...?

Ignez percebeu o que ella ia dizer.

— Oh, minha amiga, quando se ama, tudo se esquece, até mesmo a differença de condições.

— Quer dizer que, por amor, você seria capaz de casar com o filho do carvoeiro?...

Indignada, Ignez bateu com o telephone.

E todo o dia passou tremula, a pensar naquillo.

Desde ahi, diversos factos identicos se passaram.

Conversando uma vez com uma amiga, esta lhe disse:

— Querida, pareces gostar muito do teu noivo.

E ella, tomada pela ventura, falou:

— Oh! Elle é lindo!

— Só?

A mãe de Ignez, que estava perto, acudiu:

— Só. Porque é filho de um vendeiro.

Ouvindo-a, a joven tornou, aborrecida:

— Mamãe, tambem a senhora?!...

E retirou-se para o quarto, soluçando.

Sempre, devido ao seu orgulho, a ouvir taes commentarios! Aquillo não poderia continuar assim. Tudo o que lhe diziam, ha bastante tempo, lhe vinha martellando o cerebro. Amava Amaury muito; mas as condições eram tão differentes... Ella era de familia illustre e elle... Sim. Era preciso acabar com tudo. Sentindo que o coração se rasgava no peito, Ignez tomou essa resolução e partiu para a casa do noivo. Lá, foi recebida, como sempre, de braços abertos, por aquella familia tão sympathica. Ainda assim, Ignez ousou dizer ao noivo:

— Amaury, preciso falar-lhe em particular.

— A's suas ordens, querida.

E iam sahindo da sala, quando a irmã do rapaz, olhando para a porta, soltou um grito.

Todos olharam na mesma [illegible]ção.

Zelia, a noiva de Julio, um dos irmãos de Amaury, vinha [illegible] la pelo noivo, com um [illegible] sangue a escorrer do hombro esquerdo.

— Que foi isto?! — perguntou Patricio, alarmado.

Julio, commovido, depoz-a no sofá.

— Oh, meu pae, tentaram [illegible] me, e Zelia quiz dar sua vida [illegible] rainha.

Ignez, sem querer, estremeceu [illegible] aproximou-se da outra, murmurando, baixo:

— A sua vida pela do noivo...

Olhando, meiga, a cunhada, pediu:

— Como foi isso, Zelia? Conte...

Tremula e timida, a outra balbuciou:

— Julio estava já a fechar o armazem do sr. Patricio; eu tinha ido visital-o. Estavamos a conversar, quando presentimos barulho para o andar superior. Corremos para ver o que era: tratava-se de um ladrão. Ao ser visto, elle empunhou um revolver para Julio; então interpuz-me e recebi o tiro.

— Podias ter morrido — fez Julio, afflicto.

— Seria impossivel viver sem você e, assim, daria a minha vida [illegible] sua, de bom grado.

— O que vale é que o ferimento não é grave.

Ignez soluçava, baixinho. Amaury tornou-lhe:

— Então, querida, vamos, [illegible] você falar o que tencionava.

— Posso dizer aqui. Desejava que você marcasse o dia do nosso casamento.

— Oh!

Patricio não se conteve e exclamou alto:

— Meu filho, como me orgulho de ti! Conseguiste captivar e trazer para nossa familia uma joven nobre.

Então, humilhada, confundida, com as lagrimas a lhe correrem dos olhos, Ignez tomou as mãos de Zelia.

— Oh, não, sr. Patricio, esta... é muito mais nobre que eu...

As auras marinhas e a Cutis

Terão se conjurado as aguas e o ar marinhos e os raios do sol para fazer a perdição de sua cutis, amargurando assim as suas ferias? Si tal confabulação houvesse, desbaratal-a-ia fazendo uso da "CERA PURA MERCOLIZED", com a qual lhe será possivel, passar todo o dia no banho ou estendida na areia, exposta aos raios do sol, sem que por isso venha a soffrer no minimo a sua cutis. A "CERA PURA MERCOLIZED" applicada todas as noites antes de deitar-se por meio de uma massagem suave, faz com que a cutis do rosto, do collo e dos braços se conserve tão clara e louçã como se nunca tivesse devido soffrer a energica acção dos raios solares e da agua salgada.

E o segredo desta immunidade está em que a "CERA PURA MERCOLIZED" ajuda a Natureza na funcção de renovação da cutis, pois, diaria e imperceptivelmente dissolve e elimina as particulas velhas e gastas da pelle que são o que impede a apparição de nova e perfeita cuticula que se acha encoberta, cuticula que mercê da acção da "CERA PURA MERCOLIZED" tem assim a opportunidade de vir a superficie para resplandecer na plenitude de sua sã formosura natural.

Obtenha "CERA PURA MERCOLIZED" em qualquer pharmacia, e desfructará as suas ferias conservando inalteravel a belleza de sua cutis.

CÊRA PURA MERCOLIZED

(em inglez "Pure mercolized wax")

O Sr. TABELLIÃO

PIERRE NAUROY

Ah! sim! foi um grande rebuliço na familia Taupinet quando se soube da novidade! Evidentemente, não houvera, a bem dizer, noivado entre Lucia Taupinet e M. Gerlain, o brilhante tabellião de hypothecas; era dever, dever absoluto, do funccionario em questão, acceitar uma troca de logar e partir, sem alarme, para um outro cartorio.

Comtudo, sendo recebido, havia já um anno, no seio da familia Taupinet, jantando duas vezes por semana com ella, fazendo uma côrte discreta á moça, todo o mundo estava de accordo que tudo aquillo terminaria em casamento.

Lucia, que já andava a pentear Santa Catharina e não via nenhum outro pretendente no horizonte, assim decidira. Mme. Taupinet igualmente. Mesmo em seu afan, acreditara fazer bem escrevendo a um velho tio de Paris e a alguns primos: "Nossa querida filha vae casar-se breve. Um partido soberbo! Casa-se com o tabellião de hypothecas!" E o commandante Taupinet tinha-o declarado em todos os tons. E quando o commandante falava, ninguem deveria replicar.

M. Taupinet nunca servira no exercito. Sua vida, toda ella placida, decorrera na cidade natal, o mais burguezamente possivel. Mas mostrava attitudes tão bruscas, tão autoritarias, sabia tão bem distribuir ordens para todos os lados, que os amigos, e a propria familia, todo o mundo, afinal, tomara o habito de chamal-o "commandante". E elle, não descobrindo na palavra nenhuma ironia, mas apenas uma homenagem rendida á firmeza do seu caracter, não admittia que o chamassem de outro modo.

Deve-se bem imaginar em que estado ficou quando soube do desapparecimento de M. Gerlain. O commandante praguejou, deu socos sobre a mesa e declarou que perseguiria o fugitivo para atravessar-lhe o corpo com a espada. Toda a casa tremeu com isso. Somente, como não possuia espada de especie alguma e como não cuidava, em summa, de metter-se em negocios complicados, evitou levar a effeito o projecto. Contentou-se em despejar todo o seu mau humor sobre a mulher — uma toleirona — e sobre a filha — uma pata tonta!

— Que será de Lucia! — suspirou Mme. Taupinet, um dia em que se encontrava sozinha com o marido.

— Lucia! — replicou o commandante, sem pestanejar. — Desde que decidi que se ha de casar, casar-se-á!

— Mas com quem?

— Não importa a pessoa. Não ha apenas M. Gerlain no cartorio.

— A coisa não é tão facil como parece. E depois escrevi, deves estar lembrado, a nosso tio e a nossos primos, que Lucia estava noiva do tabellião. Si se casa com o fruteiro da esquina, cahiremos no ridiculo.

— Não cahiremos, em absoluto, no ridiculo, has de ver!

E, tomado de uma idéa subita, o commandante concluiu imperiosamente:

— M. Gerlain será substituido por um outro funccionario. Lucia esposará o substituto. Será ainda o tabellião. Não terás mentido!

— E se não fôr solteiro?

— Sel-o-á.

Não havia senão curvar-se ás palavras do commandante. Foi o que fez, como de habito, a timida Mme. Taupinet.

Oito dias se passaram cheios de silencio ansioso e de angustia. Uma tarde, á hora do jantar, o commandante entrou com um sorriso de satisfação estampado no rosto, e com um clarão de orgulho brilhando no olhar.

— Eu tinha razão! — exclamou de prompto. — Tenho sempre razão! O novo tabellião acaba de chegar. Travei conhecimento com elle, agora, no Café do Commercio. E' um homem joven, de bella apparencia, distincto, amavel, falando bem. E não é casado! Disse-lhe, em conversa: "O seu predecessor tinha o habito de ir, duas ou tres vezes na semana, jantar em minha casa. Não ha cerimonias, já se vê! Minha filha faz um pouco de musica. Tinhamos noites encantadoras. Se lhe agrada imital-o!..." Acceitou. Virá amanhã.

E, voltando-se para a filha, arregalando uns olhos ameaçadores, o commandante acrescentou:

— Pesquei o peixe. Cabe-te prendel-o! Se tu o deixas fugir ainda desta vez, prego-te no convento até o fim dos teus dias!

No dia seguinte, á hora marcada, M. Duroseau, o novo tabellião, apresentou-se em casa dos Taupinet. Era tal como o descrevera o commandante. Aos olhos da moça pareceu melhor ainda; tanto tinha em perder, pela segunda vez, a unica opportunidade de achar marido.

O jantar correu sob uma alegria discreta, uma alegria de bom augurio, a noite foi das mais agradaveis. Lucia tocou algumas paginas de Beethoven. M. Duroseau consentiu em sussurrar duas canções parisienses, muito em moda, segundo parecia.

Num canto da sala, o commandante esfregava as mãos de contente, a murmurar:

— Eu sabia que tal havia de se dar, palavra! A coisa vae indo! Oh! se vae!

M. Duroseau voltou cinco ou seis vezes ainda. De cada vez parecia sentir-se melhor no seio dessa familia tão acolhedora. Os Taupinet, por seu lado, nada esqueciam para seduzir o hospede. Mme. Taupinet excedia-se na arte culinaria, Lucia esmerava-se na "toilette" e "trabalhava" no piano. E o proprio commandante olvidava a rispidez habitual e fazia-se macio, macio.

No emtanto, tinha pressa de chegar á victoria. Uma tarde, tendo encontrado M. Duroseau, convidou-o para o café e, depois de algumas considerações meteorologicas, abordou a questão que o [illegible].

— Nossa cidade não é muito alegre — disse elle — para um moço como o senhor. Deve casar-se. Na verdade, são raros os bons partidos por aqui. Comtudo, se me permitte uma confidencia, conheço uma moça...

— Mas M. Duroseau deteve-o sorrindo:

— Oh! Se me vier a casar, só o farei muito mais tarde. Não estou aqui senão interinamente. Assumirei meu novo posto dentro de quinze dias!

O commandante ficou pallido, depois rosado; em seguida, vermelho e, immediatamente, carmezim. Teve que fazer um grande esforço para não deixar arrebentar sua colera. Afinal, depois de um longo silencio, murmurou brandamente, mildemente, quasi supplicante:

— Diga-me uma coisa: conhece, por acaso, o funccionario que virá como tabellião effectivo?... E' moço? apresentavel? casado?...

Excede a qualquer carro de seis cylindros, de preço modico, quanto a funccionamento e valor intrinseco

Pela sua qualidade provada, na elegancia e na individualidade do seu desenho, na sua velocidade e acceleração, em luxo e commodidade, o novo Chrysler "66" excede indiscutivelmente a todos os carros de seis cylindros de preço modico, em funccionamento e valor intrinseco.

A technica modernissima do Chrysler "66" se evidencia em seu motor moderno de 75 cavallos de força com um virabrequim contrabalançado de sete mancaes e varias outras caracteristicas exclusivas de um Chrysler.

A segurança infallivel dos seus freios hydraulicos de expansão interna nas quatros rodas, é outra vantagem excepcional.

Sob todos os pontos de vista o novo Chrysler "66" demonstra de um modo convincente ser o carro de maior valor intrinseco entre todos os carros de seis cylindros e de preço modico.

CHRYSLER "66"

PRODUCTO DA CHRYSLER MOTORS

VISITE A NOSSA EXPOSIÇÃO NA:

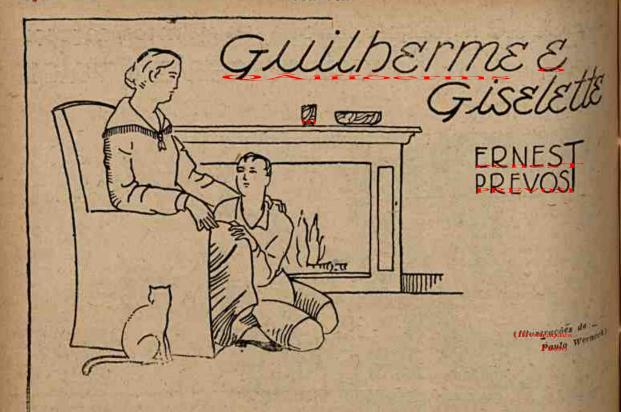
AUTO MERCANTIL BRASILEIRA S/A

AV. RIO BRANCO, 247

Officinas: RUA DOS INVALIDOS, 123 — RIO

Guilherme e Giselette

ERNEST PREVOST

(Illustrações de: — Paulo Werneck)

VOVÓ possuia uma memoria prodigiosa e, como todas as avós antigas, tinha um rosario de bellas contas, que ella desfiava com indulgencia.

Sabia de contos maliciosos, alegres, divertidos; e sabia tambem de muitos que eram terriveis e impressionantes; outros eram melancolicos!

Mas eram os terriveis, os pavorosos que eu lhe pedia que contasse, porque eu tinha esse prazer do soffrimento que faz brotar lagrimas pueris e consterna o coração.

Vovó não era nada banal. Ella não começava as suas historias, assim como os contos de fadas: "Era uma vez..." Preludiava: "Um pobre moço, uma linda joven..." Porque havia invariavelmente, nos seus contos uma bella rapariga e um pobre rapaz.

Nós eramos dois.

Ficavamos sentados deante do fogão, onde ardia o fogo. Havia um estalar triste no brazeiro. O gato ronronava, procurando o calor. Suspensa a uma das paredes do fogão, uma lampada lacrimejava o seu azeite...

Vovó estava sentada na sua cadeira de palha.

Eu me mantinha a seus pés, o queixo nos seus joelhos, o olhar afogado nos seus olhos, afim de ir mais depressa que a narrativa e de adivinhar todo o pathetico da historia, antes que ella contasse...

• • •

— Um pobre rapaz, disse vovó, havia nascido com miseraveis olhos, quasi fechados á luz do dia. E, como si a Providencia o tivesse feito a proposito, não havia nenhuma criança na cidade que fosse tão ávida, quanto elle, de ver e gozar o que elle via.

Surprehendiam-no, constantemente, em contemplação deante da floresta rica de aves, de um regato fugindo por entre as selvas e as flores bravas, deante de um ninho, deante de uma flor. Uma flor que tambem era o rosto das lindas "jeunes filles"...

Muito pequenino, elle os procurava, elle os admirava, e se comprazia no seu longo extase. E, quando elle teve a consciencia da vida, não amou senão uma joven, uma que não o amava, mas que achava tão boa quanto bella, e que se devia fazer adorar.

— "Onde está Guilherme?" — perguntavam.

— "Está com Giselette, na certa."

E não era mentira.

Guilherme, que havia sido recolhido por uns lavradores e que "ainda não lhes havia pago o que lhes custara", Guilherme não se julgava feliz, senão ao pé da filha dos seus paes adoptivos. Giselette era uma formosa menina e o orgulho dos seus paes.

Giselette devia ser rica mais tarde. Apesar da sua apparencia insignificante, os pretendentes não lhe faltavam. O filho de tal fazendeiro gostava della; aquelle outro fazia empenho de aproximar-se della. A menina não se inquietava e, sem desprezal-os, não denotava preferencia por este nem por aquelle.

Depois, era uma sonhadora. Emquanto ella se enternecia á margem do rio ou seguia o vôo das andorinhas entre os juncos, Guilherme, que guardava o rebanho no campo, podia admiral-a á vontade e encantar-se com o seu sorriso, com o azul estrellado dos seus olhos.

— Guilherme, tu não te cansas de me olhar? Eu não sou bonita; no entanto! — dizia ella, coquette.

O rapaz era vigoroso. Tinha hombros largos; e era com mão forte que abandonava o bastão, para tocar as joias que eram os dedos delicados da joven.

— Não és bonita, Giselette? E' verdade, não és bonita, mas és formosa como a communhão.

E elle se ajoelhava: — "Giselette! Giselette!" — e os seus olhos, que não revelavam miseria, se dilatavam, avidamente, para receber mais luz e mais vida...

• • •

Uma noite, Guilherme, que dormia com os seus animaes, despertou sobresaltado por um trabalhador:

— Ah! meu Deus! meu Deus! — dizia elle. — Que desgraça! Giselette virou o lampeão e queimou-se toda.

— Queimada? — urrou Guilherme, acabando de vestir-se e atirando-se fóra da cama.

— Sim! Queimou-se no rosto.

Elle vôa. Os seus olhos denunciam o horror que vae pela sua alma. Atravessa o pateo, entra em casa dos seus paes adoptivos, empurra as pessoas, precipita-se, atira-se, ajoelha-se aos pés da sua amiga:

— Giselette!

Ella está desfigurada. Elle a entrevê. Aproxima-se della... E abafa um grito, levando a mão aos olhos...

Procura o leito, o lençol, o corpo, direito, rigido, os musculos estalando, febrilmente, desesperadamente... E, de repente, elle se volta, aturdido, os braços em cruz, a face pallida, as palpebras revoltas.

— Não vejo mais! Não vejo mais! Estou cego!

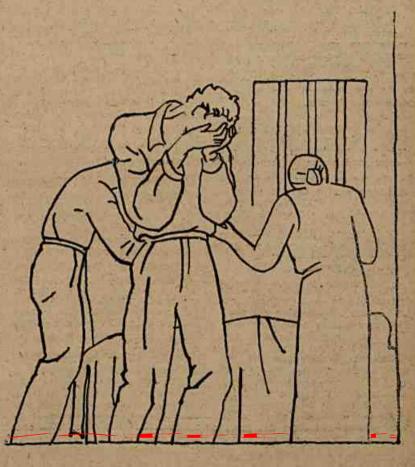
A dôr do rapaz fôra tão intensa, a sua commoção fôra tão grande, que o seu olhar, já vacillante, se apagara de todo, no terror dos seus olhos mortos... Mortos, sem ter visto aquella coisa monstruosa, iniqua, crucificante: os cabellos de Giselette, a physionomia, os olhos ultrajados, torturados, devastados, devorados pela flamma, faziam de Giselette uma coisa informe!

* * *

Contando-me isso, vovó chorava. E eu chorava, entre os seus braços, convulsivamente, como si a scena pavorosa se tivesse desenrolado no momento em que a presenciassemos.

— O pobre rapaz! O pobre rapaz! — soluçava eu.

* * *

... Mas, hoje, si me entristeço e me recordo de Guilherme, me surprehendo logo a pensar: Feliz, comtudo, o homem, a alma illuminada de belleza, sobre a qual a noite desce, á hora tragica em que o destino acaba de desfigurar o seu sonho!

BATATAES (São Paulo) — Agradeço, penhorado, a gentileza da leitora de Batataes que me enviou um convite para o baile da Sociedade Recreativa 14 de Março, que teve um grande brilho mundano.

Lamento!, apenas, não possuir um avião, nem mesmo aquellas famosas botas de sete leguas, para me transportar á florescente cidade paulista.

YARA (S. Paulo) — Infelizmente, já conhecia a *Revolta dos anjos* de Anatole France. Mas o que vale para mim, no caso vertente, não é propriamente o valor material da offerta: é a sua lembrança gentil. Um livro é sempre uma lembrança amavel — porque traz uma dedicatoria, um nome que nos evoca uma pessôa que não conhecemos — ou que conhecemos — mas que está envolta, em nossa memoria, numa saudade doce, que não possue o amargor da de Garrett.

Saudade! Por que essa saudade? Porque é só o que nos póde inspirar uma creatura distante, ás vezes, que um dia teve um momento de attenção para comnosco — comprando um livro, dedicando-o á nossa amizade, enviando-o ao nosso endereço com zelos e cuidados extremos.

Depois, o offertante se esquece de nós; mas a sua lembrança está sempre viva para nós outros — toda vez que abrimos a obra onde se encontra a sua dedicatoria.

Eis porque o seu presente me encantou e vive envolto na sombra de uma saudade de uma creatura longinqua e desconhecida...

MARIANNA (S. Paulo) — Uma cartinha cor de ouro? Que me dirá a dona dessa "prenda?"

Vejamol-a:

"Snr. Yves. Ha muito que lhe escrevo e não recebo resposta. "Je m'en fiche". Escrevo-lhe outra vez.

O meu pedido é simples: desejava a minha graphologia. Já uma vez pedi-a a um jornal. Não me satisfez. Disse-me cousas banaes e sem nitidez. Prefiro que me digam: é de um espirito mediocre, altruista, sem instrucção, correctissima etc...

Si for attendida, agradeço-lhe, ou quem sabe si como das outras vezes irei para a cesta (ainda dou graças a Deus.) Peço-lhe tambem, si for possivel, dar-me a sua opinião, a qual muito prezo, sobre o caso "Mario Mariani". Está-me interessando vivamente e desde já declaro-me sua partidaria.

E' favor usar como pseudonymo, para a resposta, *Marianna*.

Saudades e saudações da."

Ah! Eu logo vi... Era graphologia o que a sua carta pedia.

Vê-se bem que v. ex. é displicente, soberana, altiva, não-me-toques, "je m'en fichente"... Pois não liga, não dá importancia a ninguem, não desce do seu fastigio, não se nivela com gente deploravelmente plebéa...

Acredito que o jornal citado lhe negou a sua graphologia para não lhe negar toda a importancia que v. ex. se attribúe. Mas, mesmo assim, é de admirar, porque as secções graphologicas dos jornaes andam á cata de leitores, aos quaes fornecem "promptuarios" e ainda offerecem aos grapholandos uma caixa de bombons, um bilhete de loteria e um bungalow em Santa Cruz.

Eu que me faço pagar caro: 20$000 por cada estudo. Unico meio de fazer a leitora me deixar em paz, em assumpto de graphologia, dando-lhe ainda o direito de me chamar charlatão e me descompor pelo meu espirito mercantil.

Mas eu direi como o Divino Rabbi: "Perdoae-lhes, Pae, porque *ellas* não sabem o que fazem!"

Quanto ao caso Mario Mariani, acho que é meramente politico. E sendo politico, é natural que um escriptor de espirito illuminado, forte, independente — e que commette o crime de ter idéas proprias — seja subjugado pela força dos homens da situação.

Para que mais?

ALEGRIA (?) — Oh! Eu estava certo de que não falhava a sua bôa visita. A visita de uma jovem poetisa que é uma delicia no verso de pé quebrado...

Primeiro, gozemos a sua missiva. Ella vale ouro:

"Prezado Snr. Yves. Ha muito que estou para lhe endereçar esta, acompanhada dos dois sonetos, que ora lhe mando.

Mas confesso-lhe que só o lembrar-me da critica que vou soffrer por tão ousado acto: deixava-me gelada.

Hoje emfim munindo-me de grande coragem; venho lhe rogar, que analyse os meus sonetos; são os primeiros que faço. Diga-me o que delles achar; pois acho-me com coragem bastante, para ler toda a sua critica impiedosa. Não considera isso um acto de bravura?

Bem Snr. Yves; espero que não se zangue commigo por mostrar-lhe tanto medo.

Da leitora agradecida. — Alegria."

Leiamos agora uma das obras primas: o soneto *Foi castigo!*

FOI CASTIGO!

Quando chegou a luz do dia,
Sem as lagrimas nos olhos
Eu d'elle me despedia.

Elle perguntou-me; meigo:
Vais partir só por orgulhos!
O que eu desejo é socego.

Era então, moça e mui linda!
E tinha grande esplendôr!
Nunca pensava na dôr;
E me sentia mui humilhada.

Depois; não mas tive paz!
E nunca jamais me alegrei.
Socegos! em vão procurei.
Isso foi castigos! talvez.

O seu soneto (?) é uma maravilha — é a oitava! — porque, sendo lyrico, elle nos faz rir com o seu delicioso humorismo.

V. ex., por exemplo, rima *olhos* com *orgulhos*. E a gente ri — quá, quá, quá, — porque sente que v. ex. ou quiz dizer: *orgulhos* e *ulhos*. Sim, é evidente que o leitor pode ler, indifferentemente, *olhos* ou *ulhos*; *orgulhos* e *orgolhos*.

A mesma regra tem cabimento no caso de *meigo* e *socego*, os [illegible] *ceigo* e *mego*. [illegible] v. ex.

Na terceira estrophe, [illegible] *linda* com *humilhada*; e [illegible] podemos dizer, naturalmente, [illegible]*lhanda* e *humilhinda*.

V. ex. é mesmo humorista irresistivel. Rima *paz* com *talvez*. E' claro que a declamadora [illegible] rá declamar os seus versos deste modo:

Depois, não mais tive "pez"...
Isso foi castigo, "talvez"...

Ou então:

Depois, não mais tive paz...
Isso foi castigo "talvaz"...

Não, D. Humilhinda, v. ex. [illegible] de entrar no reino do céo, de accordo com o "Sermão da Montanha".

MAYSA (?) — Um cartão tão melancolico? Que me dirá elle? Talvez uma historia muito alegre. Será? Dizém que as mulheres choram quando estão contentes com a vida; e riem quando estão martyrizadas por uma dôr... côr de [illegible]ge, e que transparece numa carta côr de... rosa... Como não desejo que venha a ter alguma crise de nervos, provocada por

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

fame trocadilho, resolvo passar ao seu cartão melancolico...

Lá vae elle...

"Snr. Yves. E' a primeira vez que, tomo a liberdade de dirigir-me a si, para uma consulta e um favor.

Ha muito tempo que desejo obter a sua valiosa opinião a respeito de um caso de... amôr...

— Um rapaz que durante annos muito amou uma menina sem della receber prova alguma de amor, recebe um dia sem esperar a resposta desejada, e inicia-se então a correspondencia, que pouco durou infelizmente para ella...

Sem que houvesse um motivo elle deixou de escrever e até hoje... o que pensa disso? — Conto com a gentileza da sua resposta e o tambem o favor de enviar-me a minha graphologia. Pode ser?

Muito grata a.

Sob pseudonymo de — Maysa."

A interpretação da attitude do rapaz, creio eu que pode ser dada nesta synthese: O homem é tão caprichoso quanto a mulher. Vendo que a tal menina se vendia caro, elle insistiu em persegui-la como aquelle personagem do romance de Stendhal. Tantas olhadellas deitou á pequena, tanto chorou *as suas maguas*, que ella se decidiu a lhe dar a tal prova de amor. Pandego que era, o rapaz, que já estava fatigado de esperar a tal prova, resolveu pregar-lhe uma peça: entreteve com ella uma correspondencia p l a t o n i c a... (*chi lo sá?*) e, quando percebeu que ella estava mesmo com um forte *béguin* por elle, tomou o alvitre de fazel-a passar pela pena de Talião...

Resultado: agora é ella que espera pelo moço. E, naturalmente, carnavalesco que elle é, deve a estas horas, estar sambando e cantando de goso:

T'ahi, eu fiz tudo
p'ra você gostá de mim...
Ai meu bem,
não faça assim
commigo não...

O resto, v. ex. sabe.

Moralidade: — A mulher que pretende ir a uma festa de amor não deve chegar atrazada: arrisca-se a encontrar o seu logar tomado por outra...

CARMEN (?) — Aqui está a sua carta, exactamente como v. ex. a escreveu. Leiamol-a juntos. Dois pontos:

"Yves. Muita saúde. Eu sei que v. é um homem extraordinariamente occupado. Sei ainda que a recompensa que tem recebido pelos seus optimos estudos graphologicos tem sido uma serie infinda de irreverencias que como sempre magôam ás pessoas que, como v. possuem uma sensibilidade moral tão grande quanto a esthetica.

Mas, caro Yves estou convencida que não sou uma hypocrita e tenho verdadeiro anceio de conhecer-me atravéz minha caligraphia.

Poderei contar com tão grande obsequio do autor de "O Suave Enlevo"?

De qualquer modo receba v. os agradecimentos da admiradora do seu talento.

Addendo.

Resposta por obsequio para

Carmen."

Ora, si v. ex. está convencida de que não é hypocrita, é claro que não necessita da minha graphologia. De resto, para que v. ex. ha de pagar 20$000 por um estudo de graphologia, si já sabe que não é hypocrita?... E' mesmo vontade de ser perdularia — quando a sua letra indica que v. ex. é gorduchinha como uma esponja que só absorve...

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

GRAPHOLOGIA — *condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú 62

Caixa Postal 57

Telephone 2-4116

FON - FON — 9-8-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

Uma grande vantagem para a lavagem e conservação das roupas finas

Com o uso de Lux: as roupas não precisam ser esfregadas

Lançar em uma bacia com agua quente uma quantidade sufficiente de Lux para produzir uma espuma abundante. Remexer a agua até que as escamas se dissolvam e então accrescentar agua fria para que a solução fique apenas tepida. Espremer com cuidado as roupas entre os dedos (mas nunca esfregando). Passar em agua limpa e morna . . . e a lavagem está concluida.

E tão puro é que não pode prejudicar o tecido mais fragil

O Lux é o agente mais puro até hoje conhecido para a lavagem de roupas; faz rapidamente o seu trabalho de limpeza e devolve aos tecidos o seu brilho primitivo.

Lx 11-030 BZ

S.A. IRMÃOS LEVER
CAIXA POSTAL 2745
SÃO PAULO

WILSON, SONS & C.º LTD
AV. RIO BRANCO, 37
RIO DE JANEIRO

WALTER & C.º
RUA SÃO PEDRO, 71-1º
RIO DE JANEIRO

O MICROPHONE

DE ANDRÉ MYCHO

O castello de Amilly, situado não longe de Montgicourt, sobre as margens do Eure, junto a um espêsso bosque, dominava um parque á franceza, o qual descia em suave declive até o rio. Era flanqueado por duas torres pontudas e muito se parecia com as estampas dos castellos d'Epinal.

Era, portanto, um edificio de construcção antiga; restaurado a primeira vez um pouco antes da Revolução, depois quasi abandonado, havia sido novamente posto novo em 1919, graças aos milhões de um vendedor de quinquilharias, enriquecido durante a grande guerra.

O dono da velha moradia estava dominado pelo modernismo e, embora respeitando a apparencia exterior do edificio, introduziu nelle todos os aperfeiçoamentos da mais recente technica que iam além da indispensavel chapa: "Agua, gaz e electricidade".

Lalouette fez installar aquecimento central, um apparelho frigorifico, um elevador, uma sala de hydrotherapia e de gymnastica, uma piscina, telephone com e sem fios e toda a sorte de outros dispositivos modernos de confôrto.

Um delles deveria, mais tarde, tornar-se o veneno da existencia desafogada de Lalouette e sua esposa.

Esses concertos e reparações demoraram muito tempo e quando, em setembro de 1919, foram concluidos, houve uma série de festas, das quaes os habitantes da região guardam uma saudosa lembrança.

Oito dias depois da inauguração, a criada de quarto da castellã entrava, com um ar espantado, na mercearia de Montgicourt e dizia á merceeira:

— Novidades lá em casa, madame Louchet!

— Já o adivinhava; a senhora está com um ar tão espantado!

— Imagine! Um logar no qual eu me achava satisfeitissima! A senhora acredita que me puzeram na rua, sem dizer "agua vae"?!

— Mas por que?

— E' o que lhe pergunto! Sahi sem que me dessem uma só palavra de explicação!

— A mim, parece-me que um outro criado tenha feito intrigas da senhora.

— Outro criado?! Mas, esqueci-me de dizer que fomos todos despedidos!

— Todos?! O criado de quarto, o cozinheiro, o copeiro...

— ... o "chauffeur", o jardineiro! Uma limpeza geral, do jardim ao dormitorio. E quer saber? O "marcação" pagou os nossos oito dias e exigiu que hoje mesmo partissemos. Lalouette já telephonou para Paris e ainda esta tarde, pelo trem das seis horas, deverá chegar novo pessoal para o castello. Que diz a senhora a isto?

— Digo que elles devem ser uns patrões difficeis de servir.

— Não, senhora; tão difficeis quanto os outros e até, pelo contrario, o logar não era máo e os salarios eram bons; nós faziamos tudo para que os patrões ficassem contentes... Mas, máo grado os nossos esforços, eu vi logo que o negocio não ia bem. Lalouette, quando nos via, franzia os sobrolhos e sua esposa olhava-nos com um olhar furioso...

— Furioso? Eis uma coisa bizarra! Serão elles malucos?

— E' bem possivel. Dahi, o sr. Alberto, o criado grave, rapaz que tem instrucção, nos explicou bem: "Quando essa gente, sahida do nada, abocanha um castello, dá prova do delirio das grandezas e isso é o inicio da paralysia geral!"

— Senhor! — exclamou a merceeira, horrorisada, o sr. Lalouette e sua senhora virão a ficar paralyticos?

— Assim o creio. O sr. Alberto nos explicou que o paralytico geral não é nada mais, nada menos que um lunatico.

— Ah! Quanto a isso, senhorita, eu prefiro ser sempre uma merceeira e possuir sempre o meu juizo.

— E o que me faz crer que o sr. Alberto tem razão é que, esta manhã, quando o patrão nos chamou para nos dizer que nós podiamos "abrir o panno", elle estava congesto, com os olhos a saltarem das orbitas, e estava como um possesso... Mas o sr. Alberto é um homem que sabe falar, não se deixou intimidar: — "Perdão — disse elle a Lalouette, com o ar tranquillo com que eu falo agora — será permittido perguntar ao senhor por que razão se priva dos nossos serviços?"

— Como elle se exprime bem! — disse a merceeira.

— E é um bello rapaz!...

— Mas, então...

— Então o patrão respondeu, impertigando-se, orgulhoso: "Eu não devo dar explicações a qualquer criado". Creia-me, madame Louchet, ha ali qualquer [illegible] homem!

Cinco dias depois, com grande espanto dos habitantes de Montgicourt, todo o novo pessoal do castello de Amilly era, por seu turno, substituido.

A conducta dos Lalouette era por demais incomprehensivel, tanto mais que nada, nas suas attitudes e nos seus habitos, deixava suppôr que elles tivessem perdido o juizo.

Novo escandalo na região! Alguns dias depois da chegada da terceira turma de serviçaes, era ella expulsa da casa, sem a menor ceremonia!

. . . .

No pequeno salão, os Lalouette, ao cahir de uma tarde morna, esperavam a quarta fornada de criados. Os dois ex-vendedores de quinquilharias, sentados em frente um do outro, depois de um longo silencio entrecortado de suspiros, começaram a conversar em voz baixa:

— Decididamente — dizia o homem — a vida torna-se impossivel neste castello, com essa horrivel [illegible]vação!

— Tu tens razão, Vicente; esta criadagem é uma [illegible]. Parece incrivel que nós, neste castello, com tanto dinheiro, tenhamos que fazer nossa cama, fazer a cozinha e lavar a louça!

— Desgraça! — disse o castellão — si, como pretendem os communistas, nossa fortuna é o fructo do [illegible] to e da rapinagem, o serviço domestico será o castigo!

— Que idéa! — exclamou madame Lalouette. A maneira por que nós ganhámos o nosso dinheiro não justifica nenhuma punição! Fomos sempre escrupulosamente honestos...

— Não resta duvida! Esses que pretendem o contrario são uns energumenos! De resto, como [illegible] teurs", nós não aproveitamos senão o que [illegible]

— Deixa que eu diga, Vicente, que tudo isso vem da infeliz idéa que tiveste de installar aquelle maldito microphone na copa!...

— Talvez! Mas o facto é que és tu que vives eternamente pendurada aos phones que temos aqui, neste salão, para ouvires o que os criados dizem de nós!

— Oh! Sim, Vicente, tu tens razão! Isso me faz doente, mas, a curiosidade é mais forte [illegible]

Dentro De Seu Lar

A magnifica e nova Electrola Victor com Radio é o meio ideal de diversão

Este maravilhoso instrumento levará ao seu lar a musica que vagueia pelo ar e a gravada nos famosos Discos Victor Orthophonicos . . . mas com um realismo e perfeição assombrosas. A sua musica predilecta será reproduzida fiel e limpidamente a *qualquer momento que V. S. deseje!*

Goze seus momentos de ocio com a Electrola Victor. Tenha conhecimento dos acontecimentos mundiaes na occasião em que elles estão succedendo; ouça concertos escolhidos, reproduzidos com um *realismo assombroso;* deleite sua familia e seus amigos com musica popular e com toda classe de musica.

Não existe nada que possa ser comparado com a maravilhosa e elegante Electrola Victor com Radio. Ouça-a no estabelecimento de qualquer commerciante Victor desta localidade. Custa pouco.

DISTRIBUIDORES GERAES:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Ouvidor, 98 — Rio. S. Bento, 35 — S. Paulo.
A' venda em todas as boas casas do ramo.

Historias da vovó

HORMINO LYRA

OS netos e os meninos do visinho cercaram-na. Sentados todos na esteira, consultava vovó qual a historia queriam elles que lhes contasse.

— Querem o "rabicho da Geralda"?

— *Chi!*... Está muito xarope! E' em verso não é? O tio da Rocha e o tio Bazilio da Lagôa das Pedras já nos contaram muitas vezes! Conta, vovó, a historia do sapo casado.

Sabiam-na elles de cór, mas esqueciam-se na metade! Vovó, sim, sabia tudo!

Na verdade, affirmavam todos saber a velhinha florear a historia do sapo casado. Tinha "dado" para contar historias!

— Está bem. Vou contal-a; porem tão cêdo não a conto outra vez, porque é muito comprida.

— Conta sempre, sinão te esqueces della.

— Não quero algazarra perto de mim, sinão me vou embora!

Um dos meninos, o seu Neco, fez *pschiu!* collocando ao mesmo tempo o index esticado sobre o nariz.

Pigarreou a bôa velhinha.

— Lá vae a historia:

"No sertão do Cariri
havia um sapo casado;
na sêcca de 34
quasi que morreu torrado!" etc.

. . . .

Quando acabou vovó de contar a historia do sapo casado, como bando de andorinhas em seus trinfares, que levantasse o vôo, dispararam os pequerruchos para o quintal.

Emquanto faziam grande roda e cantavam e dançavam a "ciranda", o *seu* Neco, o neto favorito, deitava a cabeça ao collo da bôa velhinha, reclamava de quando em quando uns cafunés e amolava-a:

— Conta, vovó, outras historias; mas então quero novas. Já estou xaropeado das que me contas todos os dias!

— Ora, *seu* Neco, não me lembro agora de nenhuma.

Esgotára vovó o repertorio dos "Contos da carochinha", de Figueiredo Pimentel. Contára-lhe já todas as historias colligidas por Sylvio Romero, nos "Contos Populares do Brasil"; as de "A arvore de Natal", colligidas por Tycho Brahe; todas as aventuras de "Narizinho, Rabicó" e demais personagens de Monteiro Lobato, companheiros daquelles, e algumas historias das "Mil e Uma Noites", sempre repetindo destas, a pedido da meninada, a de "Ali Babá e os quarenta ladrões".

Tudo aquillo sabia ella de cór e salteado.

Porem, *seu* Neco insistiu; estava tornando-se imprudente, a ponto do pae, ao passar por perto delles, ensaiar pigarro e franzir o sobr'olho.

Prevendo a velhinha o que poderia resultar de tudo aquillo, forçou a cansada memoria, matutou, matutou um pouco, e disse por fim:

— Está bem *seu* Neco. Vou contar-te bonita historia que ainda não contei a ninguem, para nunca mais fazeres malcriações, porque póde o teu pae castigar-te.

— Por tão pouco?!

— Achas que é pouco se fazer malcriação?

Seu Neco fez beicinho e ficou meio amuado.

— Está bom. Chega, vovó! Conta a historia.

Depois de esgaravatar bem o miólo, engendrou ella uma historia em que tinha parte saliente um pae severo.

— Havia casal muito pobre: mais pobre do que rato de egreja.

— Por que é que rato de egreja é pobre, vovó?

— Que menino pão! Sei lá!... Porque lá não ha bons [illegible]

— E' mesmo, vovó, concor[illegible]

— Como ia dizendo, havia um casal muito pobre e carregado [illegible] filhos. Certo dia, caridosa [illegible] ra deu bonito ôvo a uma [illegible] crianças. Ao chegar esta á [illegible] ça, todos ficaram contentes; e [illegible] consentiu o pae que se comesse tal ôvo...

— Por que, vovó?

— Disse elle: quando [illegible] zinha deitar a gallinha [illegible] pedir-lhe o favor de reunir [illegible] á ninhada.

Havia de sahir bonita [illegible] que mais tarde vinha a ser [illegible] nita gallinha; e tinha esta [illegible] muitos ovos com os quaes [illegible] depois grande criação de [illegible] naceos. Venderia alguns [illegible] adquiriria uma leitôa; e [illegible] esta viesse a ser porca feita [illegible] ria esplendida criação de bácoros.

— Que é bácoro, vovó?

— Bácoros são os porcos [illegible] rinhos são os porquinhos.

— Continúa, continúa...

— Por fim, venderia [illegible] os porcos e, com a importancia, compraria um cavallinho. [illegible] quando falou em cavallo... [illegible]

— Que aconteceu, hein, vovó?

— Um dos filhos [illegible] tente: [illegible]

"Eu pego o cavallinho [illegible] tanto nelle..." [illegible]

"Espera lá, seu sem-vergonha, disse o pae, muito zangado, me queres judiar o bucephalo?"

"E deu uma pisa no filho e o deixou molle!"

— *Tibit!* Por tão pouco!

— Por tão pouco! Calcula [illegible] aconteceria ao pobre [illegible] fesse elle tanta macriação [illegible] prehendes-me!...

— Ora, não me amola! [illegible] Conta mais outras [illegible] muito das historias [illegible]

O MICROPHONE

(*Conclusão*)

e tu mesmo, meu amigo, não ficas horas inteiras aqui, desesperado, a ouvir o que dizem esses canalhas?

— E' verdade! Mas, é uma coisa estupenda, a gente poder penetrar a fundo na maldade e na estupidez humanas; poder ver que, máo grado os nossos esforços para nos mostrar generosos e equitativos para com tão feios animaes, reconhecermos, afinal, que nada póde acalmar seus sentimentos de inveja e de odio.

— Sim — continuou madame Lalouette, com um tom amargo, e que nada os impede de nos chamar de "macacões" e de falar de nós nos termos os mais grosseiros.

De repente, Vicente Lalouette ergueu-se [illegible] colerico:

— Isso é de mais! Tu tens razão, Clementina [illegible] éramos, afinal, uns idiotas, que vivíamos [illegible] do o nosso tempo a escutar os outros [illegible] de ladrões, imbecis e ignorantes!

E elle avançou para um canto do aposento [illegible] porta de um armario que occultava um posto [illegible] nico, tomou dos phones, arrancou-os, [illegible] e, sapateando sobre elles, disse furioso: [illegible]

— Ah! Acabou-se o microphone; [illegible] tifes poderão dizer de nós aquillo que [illegible]

— Pelo menos, nós não teremos a [illegible] philosophicamente, madame Lalouette.

E até hoje o castello do Amilly conserva [illegible] mente os mesmos criados.

FOSFATINA
FALIÈRES

Crème Simon
Cuidai da vossa beleza como cuideis da vossa saude; o vosso rosto é uma delicada obra prima que deveis proteger.
O CREME SIMON
fabricado segundo formulas experimentadas, liberta a pele de todas as suas imperfeições, conservandolhe a beleza, a frescura e o aveludado. Da-lhe brancura e pureza impedindo a formação de rugas.
PÓ & SABONETE SIMON
Paris

ESPIRITO ALHEIO

Uma das damas da commissão do baile de caridade (á senhora coberta de joias). — Penso que a senhora preferirá dançar com o detective, pois não?...

— E' falta de educação, Joãozinho, tirar o ultimo doce. Por que não o offereceste ao teu amiguinho?
— Porque receei que elle o acceitasse.

— Bem apresentada esta manteiga! Com que fazes esses arabescos?
— Com o meu pente, patrão.

— Não me engano: alguem me vem seguindo os passos...

— Por que vinhas correndo?
— Para evitar que dessem uma surra num garoto.
— E quem era o garoto?
— Eu.

— Estamos, agora, nos communicando com a Hespanha.
— Devéras? Então esse *crac-crac* que se está ouvindo deve ser o ruido das castanholas...

"A INDISCREÇÃO E A VERDADE."

— Você anda sempre tão bem vestida! Isso deve custar-lhe uma fortuna!

— Pois é um engano, minha amiga; custa-me relativamente pouco; o meu segredo é que só compro fazendas tintas com INDANTHREN.

— E que tem isso?

— Pois não sabes que os tecidos tintos com esses corantes nunca desbotam e por isso estão sempre novos?

Indanthren

é o corante inalteravel á chuva, ao sol e ás repetidas lavagens.

Indanthren

Mancha que não se limpa

De SELENE

Uma pequenina mancha no seu lindo vestido? Não é nada; chegando em casa, a leitora lava cuidadosamente com agua morna e sabão de Marselha a parte manchada e põe-no a seccar á sombra.

Tomou todas as precauções; nem usou agua fria, nem sabão com potassa, nem poz o vestido a enxugar ao sol. Sim, senhora! Mas, qual não é a sua decepção ao verificar que a mancha desappareceu é verdade, mas no logar em que ella existia abre-se um largo circulo em que a côr do tecido já não é a mesma.

A differença não será grande; a fazenda está apenas levemente esmaecida naquelle logar; mas isso é o bastante para que a leitora não possa mais sair á rua nem fazer uma visita com aquella toilette.

Qual a razão? Simples. A fazenda do seu vestido não era de côr fixa; a simples acção da agua diluiu, levemente embora, a anilina usada na fabricação do tecido e espalhou-a em volta do logar lavado.

Mas isso só acontece hoje ás senhoras imprevidentes; porque a chimica industrial já resolveu o problema da côr fixa; hoje encontram-se no mercado fazendas de côres firmes, marcadas com uma etiqueta, *Indanthren*, resistentes á luz solar e a repetidas lavagens, mesmo com sabão ordinario.

Tudo depende da leitora exigir sempre do seu fornecedor que lhe dê fazendas que não desbotem, fazendas de côres permanentes.

E fará com isso notavel economia.

A Imprensa e a Policia

De ASTAROTH

O assumpto de que vamos tratar hoje aqui não é novo, mas continúa a merecer que se fale delle.

Trataremos do Crime, da Policia e da Imprensa.

E' sempre perigoso criticar a imprensa pela imprensa, isto porque, não havendo superioridade em armas, a gente se expõe a duellos, ás vezes perigosos.

O assumpto, porém, longe de ferir a susceptibilidade dos jornalistas, busca apenas mostrar a todos, jornalistas ou não, o quanto é nocivo á sociedade e á policia a divulgação larga dos crimes e das providencias que a policia toma quando busca cumprir o seu dever de prender o criminoso e desvendar os mysterios dos crimes.

Nós, que escrevemos estas chroniquetas, visando, apenas, mostrar, com a maior imparcialidade, aquillo que observamos friamente, temos a obrigação de dizer que já fomos reporter policial e funccionario da policia.

Estivemos, pois, nos dois campos e estamos autorizados, portanto, a falar no assumpto.

Ha quem diga que o Brasil tem uma imprensa mal feita e uma policia soffrivel.

Acho que isso é o pessimismo elevado á quinta potencia e tomo a liberdade de dizer que é falso.

Temos uma imprensa na altura da civilização do nosso paiz e uma policia boa, muito boa mesmo.

Ellas, porém, imprensa e policia, que em toda a parte do mundo formam um blóco alliado contra o crime e o criminoso, aqui, no Brasil, são duas inimigas sempre promptas a se atrapalharem mutuamente.

A imprensa, no afan de informar com toda a fidelidade e minudencia aos seus leitores, cerca-se de auxiliares argutos, perspicazes, reporters que representam verdadeiros "sherlocks", e por meio delles trazem, para a publicidade ampla, todas as minucias de um crime, todos os trabalhos de investigação policial, todos os passos dos homens de policia, tudo, emfim, que satisfaz ao paladar guloso das populações curiosas; orienta a fuga possivel do delinquente, atrapalha e, muitas vezes, destróe a acção policial.

A policia, por sua vez, em legitima defesa e para bom exito do seu serviço, levanta barreiras aos jornalistas, procura desorientai-os, cerca-os de vigilancia, defende-se.

Dessa maneira, a policia, em vez de ter como auxiliar a imprensa, tem que, ao mesmo tempo em que se desdobra em esforços contra o criminoso, perder tempo em resguardar-se da imprensa, alliada, inexplicavelmente, ao delinquente.

Consideremos, agora, que a nossa policia é uma repartição que possue um numero diminuto de auxiliares, em comparação com a área a ser policiada e ao numero sempre crescente de habitantes.

Consideremos que a nossa policia não é uma policia de carreira, que não tem a sua organização semelhante ás grandes policias do mundo.

Comparemos, agora, o seu trabalho com o das policias afamadas de Londres, Paris e Nova York, e veremos que, devidamente apparelhada e organizada, a nossa seria a melhor dellas.

Em toda a parte da Europa, quando se dá um crime, toda gente de bem se põe ao lado da policia e emprega os maiores esforços em auxilial-a.

Os jornaes, por seu turno, trabalham com a policia e, longe de dar informações circumstanciadas do andamento das investigações policiaes, evitam que o criminoso fuja, esteja escondido ou preparando a fuga, e que seja posto ao corrente dessas investigações.

Aqui, não. Ninguem irá espontaneamente á policia dizer o que sabe ou o que suppõe, a respeito de um crime.

Por seu lado, a reportagem policial se desdobra em esforços para saber das diligencias e investigações da policia e no dia seguinte, em columnas abertas, publica todos os passos, todos os trabalhos da policia, pondo o criminoso a par de tudo quanto se faz no sentido de apanhal-o.

Ha annos, na França, appareceu em uma estrada o cadaver de um homem que, embebido em gazolina, se queimava em uma sargeta. Um chauffeur que passava apagou o fogo e communicou á policia o encontro.

No fim da tarde, a policia sabia que esse cadaver meio carbonisado era o do joalheiro Gaston Truphème e sabia tambem quaes tinham sido os ultimos passos da victima, bem assim tudo o que se relacionava com ella.

Os jornaes de Paris noticiaram apenas, o encontro do cadaver e silenciaram o resto.

Só depois que a policia estava muito bem orientada na pista do criminoso, foi que os jornaes annunciaram o nome da victima, e o crime como provavel causa do assalto na estrada.

Entretanto, a policia já sabia, e os jornaes tambem, que um ourives chamado Mestorino era a pessoa a quem muito approveitaria a morte de Truphème.

Só depois que Mestorino foi preso é que os jornaes parisienses historiaram o facto, dando detalhadamente noticias da maneira pela qual a policia conseguira capturar o assassino. Aqui, esse crime seria um dos taes crimes mysteriosos, porque, mal a policia entrasse na procura de Mestorino, elle seria posto de sobreaviso pelos jornaes.

Os jornaes de lá, porém, longe de desorientar a policia, procuraram illudir o criminoso, fazendo-o crer que as investigações seguiam caminho errado, razão pela qual o criminoso não pensou em se ausentar de Paris, deixando mesmo permanecerem no seu domicilio vestigios do crime, que o obrigaram á confissão plena.

Quando nós eramos da policia, tivemos mais de uma vez a prova de que os jornaes auxiliam os criminosos.

Uma vez, depois de uma luta fantastica, a policia conseguiu pôr a mão em um desordeiro que matara um policial.

Esse homem foi preso, fora da capital, em caminho do interior.

Como perguntassemos ao delinquente a razão por que tinha preferido fugir a pé para o interior, elle nos respondeu:

— Li num "papel" (jornal) que a Justa (policia) tinha guardado a estação da Central e a ponte das barcas. Li, tambem, que ella havia mandado uns (tiras" (investigadores) para o bairro onde eu morava, e então resolvi "esplantar" (fugir) de "autopés" (a pé) para o matto.

Abrir campanha contra a policia por ella não ter descoberto a pista de um criminoso, depois de termos fornecido a este todos os detalhes da acção policial, será o mesmo que exigirmos que um general vença uma batalha, cujo thema de

A Imprenssa e a Policia

(Conclusão)

acção nós mesmos denunciámos ao inimigo.

Além dos males apontados, a imprensa, descendo aos pormenores dos crimes e delictos e, muitas vezes, salientando a figura do criminoso, collabora para que outros, futuros criminosos, enriqueçam os seus conhecimentos, com detalhes que ignoravam ou em que não haviam pensado.

Ao homem serio e honesto nada adeanta saber como se arromba um cofre forte, uma porta ou um movel, nem como foi feito o nó com que um assassino estrangulou uma mulher.

Isso, porém, são detalhes va[illegible]sissimos para os neophytos, para os principiantes, para aquelles que ainda não commetteram um crime por temer o mau exito da execução.

Demais, só as populações [illegible] educadas, só as pessoas de pouco cultivo se podem deleitar com esses detalhes horrorosos dos crimes, porque só ellas possuem a curiosidade morbida que elles produzem.

Os espiritos fracos das mulheres e crianças são os mais accessiveis a esses detalhes, a essas descripções de horrores e miserias.

São ellas quem soffre mais a influencia dessas noticias.

Portanto, conclue-se que, relatando os crimes como agora faz a imprensa da nossa terra [illegible] aproveita ao delinquente, prejudicando a policia, fornecendo dados preciosos aos futuros criminosos, levando ao espirito das mulheres e crianças a reconstituição de scenas horrorosas que envergonham a humanidade.

Que me perdôem aquelles que põem um *furo* jornalistico acima dos interesses da policia e, portanto, da sociedade.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

SAMBAS E MAXIXES CANTADOS PARA DANSA

5208-B MACUMBEIRO — Januario de Oliveira e Jazz Band Columbia.
FALSA JURA — Januario de Oliveira e Jazz Band Columbia.

5209-B O AMOR NÃO É ASSIM — Januario de Oliveira e Jazz Band Columbia.
É MENTIRA — Januario de Oliveira e Jazz Band Columbia.

5210-B VENENO DE EVA — Januario de Oliveira e Jazz Band Columbia.
VOLTARÁS — Januario de Oliveira e Jazz Band Columbia.

5211-B INGRATIDÃO — Januario de Oliveira e Jazz Band Columbia.
VOU TE PÔR EM LEILÃO — Januario de Oliveira e Jazz Band Columbia.

5212-B VIVA A PENHA — Januario de Oliveira e Jazz Band Columbia.
COMO ÉS BELLA — Januario de Oliveira e Jazz Band Columbia.

TYPICAS

5217. MORENA CÔR DE CANELLA — Elsie Houston.

5218-B SAUDADES DA BAHIA — Elsie Houston.
QUE QUERES MAIS — Elsie Houston.

5219-B NÃO DOU — Jan e Elsie.
SOU BRASILEIRO — Paraguassú.

5220-B MALDIÇÃO — Paraguassú.
COMO A VIDA É BOA — Paraguassú.
CÔCO DE INDAYA — Paraguassú.

NOVIDADES

5207-B SE EU TIVESSE UM FILM FALADO DE VOCÊ — Jan e Elsie.
SONHADOR... — Elsie Houston.

5213-B PERY — Chôro de Pistão — Por Napoleão, c| Jazz Band Columbia.
LOURINHA — Quintetto Instrumental Columbia.

5214-B A PRIMEIRA NAMORADA — Jazz Band Columbia.
ROSAS DA PICARDIA — Jazz Band Columbia.

CANÇÕES

VALSA

5215-B DEZEMBRO — Januario de Oliveira.
CAUHÁ — Januario de Oliveira.

5216-B SONHOS DE RINETTI — Paraguassú.
QUERES UM AMOR QUE NÃO MERECES — Paraguassú.

NOVOS NUMEROS DE CORNELIO PIRES

20022-B BIGODE RASPADO — Com Mariano e Caçula — Serie Regional — Moda de viola.
ESTRAGUEI A SAPAIADA — Série Infantil.

20023-B TOADA DE CANNA VERDE — Com Mariano Caçula — Série Regional — Toada de dança.
A MINHA GARCINHA BRANCA — Com A. Godoy e sua mulher — Série Regional — Toada mineira.

20024-B RECORTADO — Com Caipiras Barretenses — Série Regional — Brasil Central.
A FESTA DO GENNARO — Série Humoristica.

20025-B NAS TOURADAS — Série Humoristica.
UMA SESSÃO SOLENNE — Série Humoristica.

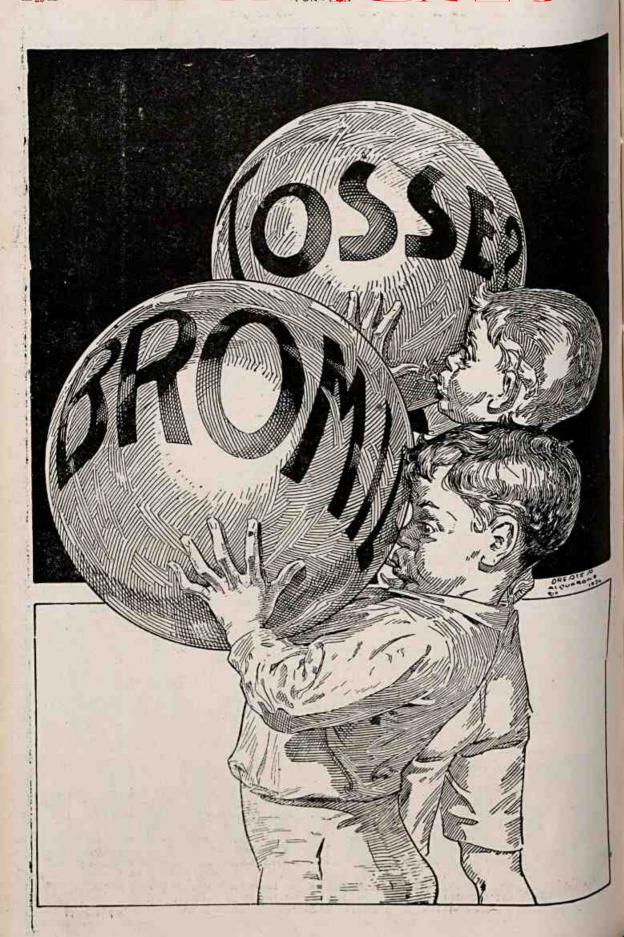
A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS

Columbia

Distribuidores Geraes: BYINGTON & C.
Rua General Camara, 65 — Rio de Janeiro

TOSSES
BROM

ANNO XXIV

NUMERO 32

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 9 de Agosto de 1930

A MULHER HINDÚ

A India, cheia de originalidades e mysterios, está em foco pela sua politica actual. A desobediencia á dominação ingleza. O nacionalismo desperto na consciencia das massas. Gandhi, que para o hindú é um santo, e o *leader* da luta dos nacionalistas contra os seus dominadores crueis.

Mas a India que me parece interessante é a India esquisita, a India pittoresca, e que prende a attenção do Occidente pelos seus ritos bizarros, pelos seus habitos, pela sua theogonia, pelos seus impressionantes mysterios.

E a mulher hindú? Muitos escriptores têm perguntado com o mais vivo interesse: Qual é a situação das filhas de Eva na India actual?

Entre elles, está Maurice Dekobra. E é ainda este quem melhor nos esclarece a questão.

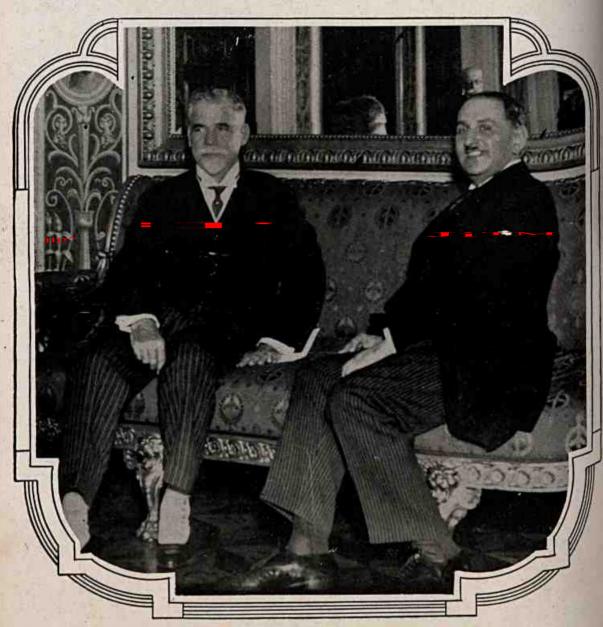
Na Turquia, não ha mais as "desencantadas" de Loti. Mas no paiz dos Maharajahs, as mussulmanas e as arabes estão sujeitas ao rigor do *purdah*. As adeptas do budhismo, do jainismo, e do brahmanismo, obedecem ás regras do *zenana*. O *zenana* e o *purdah* prohibem que as mulheres se mostrem em publico, sem o véo. O *sati* era o preceito imposto ás mulheres viuvas. Morto o marido, o seu dever era atirar-se a uma enorme fogueira, que a purificava para os mysterios da reincarnação. Si enviuvasse aos doze annos, por exemplo — explica Dekobra — "elle était condamnée, sa vie durant, á se mortifier, á être méprisée, á être considerée comme possedée par les mauvais esprits." Felizmente, tudo isso passou. A mulher hindú é noiva aos nove annos. Casa aos doze. E o seu dever é dar um fructo do seu amor ao seu esposo. Si é uma filha que nasce, ella deve pedir a Siva que lhe dê um varão. Porque a mulher, para a familia indiana, é uma inutilidade. Gente contradictoria! A honra, no emtanto entre esses asiaticos, é uma coisa severa. Um dia, um hindú arrebatou a mulher de outro hindú. Dias depois, elle a reenvia ao seu dono, com um bilhete que lhe dizia o seguinte: "Tua esposa foi minha. Eu t'a devolvo. Ella é menos bonita do que eu pensava..." O marido ultrajado reune alguns camaradas e parte á procura do conquistador. Encontram-o. Aprisionam-o e levam-o para os seus dominios. Ahi chegado, manda buscar a sua companheira infamada. Tira-lhe o véo, e diz ao D. Juan: — Parece que achaste feia a minha mulher. Não quero que sejas forçado a contemplar uma creatura assim. Toma de um tóro de lenha em braza e enterra-o nos olhos do conquistador debochado. Solta-o, e conclúe: — Podes agora voltar ás tuas montanhas

BASTOS PORTELA

FILIGRANAS

E' habito no sertão nordestino dar nomes curiosos ás facas e punhaes: Tira-teima, Salva-vidas, Lingua de sogra, Dente de cascavel, Unha do Padre Eterno. A's vezes, esses appellidos são gravados nas laminas pelos armeiros locaes. Todos os povos gostam de fazer isso. O sr. Gille traduziu no Caucaso as velhas inscripções em dialectos exoticos dos sabres montanhezes. Os terçados mexicanos como as espadas antigas se usam com divisas e motes. A cutelaria famosa de Albaceyte, na Espanha, costumava estampar na folha de suas adagas e navalhas disticos desta ordem: *Soy de un solo, cuando esta vivora pica no hay remedio en la botica.*

FILIGRANAS

Não são os progressos, os modernismos, as bellezas urbanas de encommenda que dão ás cidades o seu maior encanto. *Este reside* no que ellas tenham de humano de vivido, de sentado no passado. "Il faut, pour être intéressante, qu'une ville ait l'air d'avoir vécu, et que l'homme en quelque sorte lui ait donné une âme." Este conceito de Gautier é magnifico e a gente, depois de reflectir um pouco, tem de concordar com elle. Compare-se a modernidade de Berlim com a velhice de Paris e confronte-se o artificialismo de Buenos Aires com a naturalidade do Rio de Janeiro. Ter-se-á a prova provada.

O sr. presidente da Republica recebeu, em audiencia especial, no palacio do Cattete, para entrega de credenciaes, o novo ministro plenipotenciario da Turquia junto ao governo brasileiro, sr. Ali Bey, que na photographia desta pagina apparece ao lado do dr. Washington Luis, quando palestrava com s. ex.

MINISTRO RAMOS MONTERO

S. ex. o ministro plenipotenciario do Uruguay junto ao governo brasileiro, dr. Ramos Montero, distinguiu FON-FON com uma visita de agradecimento pela homenagem que prestámos ao seu nobre paiz por motivo da grande data do centenario constitucional da Republica Oriental.

A bordo do «Cap Arcona», que passou por este porto, realizou-se, no dia 31 do mez findo, uma linda festa em beneficio do Hospital Pró-Matre. Essa festa, que constou de um baile e uma lauta ceia, foi promovida pelo embaixador americano, ministro da Allemanha e uma commissão de senhoras brasileiras, e teve o comparecimento das figuras mais expressivas da alta sociedade carioca.

A SABEDORIA ANONYMA

Póde-se comparar o cerebro a um dynamo electrico que, por sua rotação, haure no campo magnetico terrestre a energia necessaria á producção da corrente electrica.

O bem e o mal são considerações humanas essencialmente variaveis: o interesse e o caracter de cada um transformam, a seu sabor, o valor moral de um feito, de uma tentativa, de uma attitude.

Faianças

O mal do telephone

— Allô! Quem fala?

— Quem fala é um empregado.

— Mas quem é elle?

— E' X...

— Ah! bom dia, sr. X... Quem fala aqui é uma sua admiradora.

— Muito obrigado. Comquanto não saiba com quem estou falando...

Do outro lado do telephone, ella interrompeu o rapaz. Disse-lhe quem era. O rapaz, do lado de cá, observou o seguinte:

— Sabe que a não posso attender?

— Por que?

— Porque tenho muito trabalho hoje.

Protestos da parte della. Excusas da parte delle. Afinal, o moço se mantém inflexivel. Nenhum delles quer chegar a um accordo: ella não deixa o apparelho; e elle não quer commetter uma indelicadeza.

Por fim, ella desliga. Resultado: o rapaz perdeu o seu tempo. Ella não perdeu nada, porque nada tem que fazer.

...E' essa a situação de quem trabalha numa revista.

Está um pobre homem sentado á sua banca, traçando as suas notas — ás vezes sabe Deus como — e eis que o telephone o interrompe.

Para que? Para perder seu tempo.

E' claro que o empregado da revista não póde fazer uma descortezia. A's vezes, é uma leitora brincalhona, que concorre para a prosperidade da publicação. Mas quasi sempre é uma joven desoccupada, que se dá ao desfructe de bater o telephone para todos os numeros de rapazes conhecidos, no desejo mau de ser perniciosa, cacete, amoladora...

E o peor é que nada se póde fazer contra ellas, porque, conforme disse, ás vezes é uma leitora que concorre para a prosperidade da revista, com o seu favor e a sua sympathia.

Mas si não fosse isso — o que ellas teriam de ouvir!...

Não! Não vale a pena dizer o que teriam de ouvir. Ellas que o adivinhem...

Creio que foi Alfredo Capus quem fez esta observação contundente:

"A moral das senhoritas... Umas não são capazes de um telephonema a um desconhecido. Vão, porém, á entrevista que elle lhes propõe. Outras telephonam. Amam furiosamente pelo telephone. Mas não accorrem á entrevista que o interlocutor lhes offerece".

E o escriptor francez termina com este commentario: "Moral... Qual a melhor dellas duas?"

A senhorita risonha parece dizer á sua amiga: «Não se admire. E' o photographo do FON-FON...»

Notas de um graphologo

De dia para dia, eu me convenço de que a graphologia é uma sciencia verdadeira.

Façamos um confronto. A psychologia falha. Exemplo. A's vezes, nos tomamos de subita antipathia por uma pessôa que encontramos, sem saber quem ella seja.

— Por que essa ogeriza?

— Não sei.

E de facto não saberiamos explicar esse facto, senão por um phenomeno magnetico de maior ou menor força de attracção e de sympathia.

Em Marx Doris, mestre do magnetismo, encontrarmos essa explicação do phenomeno: é o choque de dois fluidos semelhantes: branco diante do branco, roseo em face do roseo, o rôxo em frente do rôxo."

Mas a verdade é que a psychologia falha, muitas vezes. O magnetismo, tambem. E por que? Porque mal entramos em contacto com aquella pessôa da nossa antipathia, eis que passamos a querer-lhe bem, com remorso do juizo que haviamos formulado a seu respeito.

Em outros casos, o que se dá é o contrario: vemos a pessôa de longe, sympathizamos com ella. Mas logo á primeira aproximação, toda a nossa sympathia se esborôa.

Com a graphologia, não ha possibilidade de erro. A pessôa é o que a sua letra nos indica.

E' a experiencia que me leva a essa conclusão.

Certa vez, recebi uma carta de uma joven que me pedia um obsequio.

A sua letra revelava — delicadeza. E quando essa joven me appareceu, tive o prazer de constatar o que a sua letra indicava.

Outro caso e outra joven. A graphia era a de uma pessôa violenta, embora o texto da carta accusasse uma delicadeza excessiva. O seu pseudonymo em francez insinuava uma ex-alumna do Sion. A carta era azul-celeste. Tonalidade amavel, como se vê. Mas a letra... Preparei-me.

Um dia recebi um telephonema da illustre desconhecida. Pois, meus senhores, a primeira palavra que ella me disse foi um insulto desorientador. Uma aggressão que me levou a desligar o apparelho.

Estudem a graphologia, e digam depois si não estou com a razão...

Uma excepção

Tanto se falou da mulher, tanto se disse que, intellectualmente, ella era inferior ao homem; tantas vezes se affirmou que seu logar era no ambito domestico, que, afinal de contas, ella veio para a linha de frente, e abria fogo contra nós, para demonstrar a sua força.

Em outras palavras: emquanto os marmanjos se atiram á pratica dos sports, esquecendo a cultura do espirito, a mulher se interna nas bibliothecas, nos salões de estudos, nas escolas superiores, nas universidades, competindo com o homem em todos os dominios da actividade mental.

E é assim que, já hoje, não é mais possivel dizer: "A brasileira não lê, não estuda, não cultiva o seu espirito." O conceito deve ser invertido: "O brasileiro é que não lê."

E na verdade, si não tomarmos cuidado, seremos vencidos, em toda a linha, por aquella que, no dizer de A n a t o l e France, "perdeu o genero humano"...

Entre nós, — no terreno da literatura — as mulheres estão surgindo com um vigor e uma certeza de victoria que é de deixar o homem assombrado.

A mocinha de fronte inclinada dá a impressão de que diz á outra: «Disfarcemos...»

Já não alludo aos nomes femininos consagrados, como Maria Eugenia Celso, Rosalina Coelho Lisbôa, Anna A m e l i a, L a u r a Margarida de Queiroz, Iveta Ribeiro, Henriqueta Lisbôa, Maria Sabina, Sylvia Patricia, Mercedes Dantas, e outras.

Refiro-me aos nomes da nova geração. Da nova e novissima, entre as quaes é justo citar Sylvia Seraphim, Elora Possólo, Magdala da Gama Oliveira, Colombina, Conchita Cid, Zelia Moreira, e, nos Estados, Eneida de Moraes, Lola Kneip, Raquel de Queiroz e Yara do Rio, que apparece, agora, com um lindo livro de contos.

Yara do Rio foi um nome que surgiu no *Fon-Fon*. O *Fon-Fon* a lançou. O resto foi ella que conseguiu com seu talento, patentemente demonstrado no seu volume "O Cipó traiçoeiro".

Mas o que ha de curioso no seu apparecimento, é que a novel escriptora não esqueceu de frizar este detalhe importante: — que tudo deve a este semanario.

Tratando-se de uma filha de Eva, o caso é singular. E merece este registro, para que ainda se possa fazer uma excepção neste seculo, entre a ingratidão feminina...

O amor moderno

O amor, que era representado por Eros, — um anjo com asas de borboleta — devia modificar o seu typo. Devia ser symbolizado na figura de um pequenino Satan cavalgando um Pegaso valente, devorador de espaço, ou attento ao volante de um avião.

Sim, porque si o amor voava como uma phalena — *in illo tempore* — hoje elle vence distancias com a velocidade de um "B r e g u e t", ou outro qualquer typo mais moderno.

E não é só: desconcerta as cabeças mais equilibradas, sejam jovens ou anciãs.

Aliás, essa denominação não é de hoje. E' bem certo que elle começou a fazer valer a sua influencia, desorientando a cabeça de Eva que, por sua vez, desconcertou a de Adão...

Mas, que tem uma coisa com outra? indagarão os senhores.

E' facil explicar... E explico o caso com outro caso...

Ha dias vinha eu por uma rua deserta. Uma rua de um bairro chic.

A' minha frente, distrai das com a sua palestra, caminhavam, lentamente, duas garotas, typo "jeune fille".

De braço dado, ellas conversavam s o b r e o amor. Analysei-as com vagar. Deviam ter de treze a quatorze annos.

Não pude perceber o inicio da palestra. Mas ouvi á menor este fragmento, pelo qual se pode reconstituir o começo:

— Elle me assombrou...

— Por que?

— Por que estavamos na rua. De repente, elle se volve para mim, e declara, resoluto: "Sabes, Odette, estou com vontade de te dar um beijo á maneira de John Gilbert e Greta Garbo.

A outra riu:

— E que fizeste?

— Disse-lhe que alli — não...

Não é justo, digo eu, que se dêem as asas de um avião ao amor?

As do avião ou as do Pegaso mythologico...

YVES.

Balcão Florido

ROSAS DE TODO O ANNO

Minha amiga distante — Acabo de ler sua ultima carta, que encheu a minha solidão com a fascinante luminosidade de seu espirito. Sua alma de sensitiva, ora... selvagem, arisca e timida, ora sombria, velada pela garôa da sua melancolia e do seu scepticismo, teve, emfim, um sorriso para mim, um sorriso, minha querida amiga, em que vislumbrei uma esperança e uma meia revelação... *Meia*, sim, porque você é dessas mulheres que nunca se revelam de todo. Aliás, em geral, a mulher é assim, sempre a projectar na vida do homem a sombra vaga e angustiante da duvida, ou a insidiosa claridade de um ponto de interrogação, de muitos pontos de interrogação...

E isso, creia, tem o seu encanto, o seu attractivo, porque tem a fascinação — a irresistivel fascinação do mysterio, que tanto agrada ao espirito curioso e investigador do homem e aos devaneios e inquietações do seu coração.

Nesse jogo de meias-luzes, nessa combinação de meias-tintas, nesse lusco-fusco em que predominam as sombras crepusculares, está, mesmo, o grande segredo da arte do complexo conjuncto de attitudes por que a mulher revela ao homem a historia de Mil e Uma Noites da sua vida interior. De Mil e Uma Noites?...

Não leve a mal que assim qualifique a historia da alma de toda mulher, maxime quando se trata de uma mulher intelligente, culta, fina, embora... "selvagem", como você. E isso, minha querida amiga, porque, na sua generalidade, a mulher vive mais no ambiente maravilhoso do mundo das fadas que no da vida real, onde ella sempre feitiçamente se apresenta *travestida* de *Chaperon Rouge* ou de *Cendrillon* inquieta, a esquecer, de proposito, o mysterioso chapim da prata com que enfeitiçou o *Principe Charmant* de seu coração.

Você, com sua alminha de *transplantada*, de teuto-brasileira — quero dizer — em que ha suaves melodias de canções do Rheno e rythmos fortes ou dulcissimos das cantigas da nossa terra tropical, cheias de saudade e de melancolia, não foge á regra geral do modo de ser do "eu" feminino, com o seu eterno feitiço. A' custa de... sortilegios, deslumbra, mesmo de longe, com a estranha fascinação das miragens verdes, doiradas de sol ou veladas pela cinza liquefeita das garôas pesadas de nostalgia. E perturba e quebra a monotonia da paz quieta dos immensos desertos que a vida abria deante de mim, deante da minha alma de solitario, operando o miraculoso sortilegio de encher de flores e de perfumes exoticos os areiaes combustos das terras do meu coração, da terra onde, sob o suave condão de sua alma de feiticeira, florescem as rosas da minha illusão em você...

Da minha illusão, sim, porque você, minha amiga, como toda feiticeira, tem o poder, a força, o dom de... illudir, generosamente, é certo, porque você é uma boa fadasinha e tambem uma linda e encantadora mentira.

Perdôe-me: isso, porem, quem o diz é você propria, na sua carta: "Alguem me disse que a gente sempre tem a alma da attitude que adquiriu na vida — seja ella embora uma attitude falsa". Será? Fiquei, então, duvidando do que sou realmente na vida: *profundamente alegre*, me dirão os que me conhecem; *triste*, a alma *cheia de garôa* — dirá você. Para quem serei mais sincera? Para você que me conhece somente através de estados in-

Mlle. Francisca Divan («Miss Porto Alegre 1930») é uma legitima representante da belleza gaucha.

O Automovel Club do Brasil proporcionou, sabbado ultimo, mais uma reunião de alta elegancia ao «grand-monde» carioca. Realizou-se naquelle dia a «soirée» dançante que o programma de festas da aristocratica sociedade nos promettia para o ultimo dia de julho e que fôra adiada, por motivos amplamente justificados. Isso, aliás, em nada prejudicou o brilho mundano dessa festa de fina distincção, que a directoria do Automovel Club organizou com o seu costumado bom gosto e sob a fidalga orientação do dr. Nelson Pinto.

quietos, revoltados, de feridas da alma, ou para os que conhecem, apenas, a attitude que adquiri por orgulho, na vida? Você diz que nunca me revelei inteiramente. Para que? Para lhe dar a conhecer essa tranquilla mentira que represento?... O que ha de verdadeiro, de intensamente verdadeiro no "coração de nossa alma, nunca, quasi nunca se ergue do escuro onde vive e soffre."

Estou brincando: em parte você tem razão, porque todos nós somos uma attitude, muitas attitudes deante da vida. E a somma, o conjuncto dessas attitudes é que forma a nossa segunda alma, a alma — mentira que "nada mais é do que aquillo a que a obrigou a ser o meio, o mundo, a vida que a rodeia", como você diz.

Mas — a outra, a alma sem mascara, essa, minha amiga, com seus valles floridos, com suas planuras verdejantes, com seus mais profundos abysmos, tambem vibra, palpita, sente, e reveste, através do amor infinito, de que ella é simples particula, todas as fórmas mais bellas e mais grandiosas de sua revelação na vida.

E toda alma palpitante de amor, na exaltação da sua espiritualidade e do seu sentimento, sempre está mais perto de Deus e mais proxima das fontes primitivas da vida...

HELIANTHO.

O Derby Club commemorou, sabbado passado, o 45.° anniversario da sua fundação, e para festejar esse acontecimento offereceu, na séde da Avenida Rio Branco, brilhante recepção á sociedade carioca.

ROSAS DE VELLUDO

Odio e piedade

VOCÊ, afinal, está disposta a cumprir o seu destino. Vae casar com o homem a quem odeia, só porque esse homem morreria de dôr si você não fizesse tão grande sacrificio. Vae entregar a sua vida áquelle que, não tendo o seu amor, mereceu, pelo menos, a sua piedade de mulher. Pensa, desse modo, concorrer para a felicidade desse pobre apaixonado, que, antes de possuil-a, já se considéra com o direito de exigir-lhe uns tantos absurdos creados pelo seu egoismo de homem.

Foi o que você me disse, naquella noite fria, com os seus olhos verdes faiscando melancolicamente sob as estrellas desoladas de julho. Foi o que você me disse depois que eu lhe contei, na varanda beijada pela prata imponderável do luar, a pequena tragédia da minha grande desventura humana.

E pediu-me um conselho que eu lhe não pude dar ali, deante da noite clara e da serra escura, que nos espiavam, silenciosas... Um conselho que ainda agora não me sinto capaz de entregar ao seu impressionante sentimentalismo, porque tenho receio de matar a illusão — a única talvez — desse infeliz rapaz que, evidentemente, não nasceu para você.

Além disso, eu sou um pouco suspeito neste caso doloroso. Gosto de você e a quero só para mim, livre de todos esses empecilhos que suffocam e tentalizam o amor. Gosto de você, e, embora sabendo o segredo amargo do seu doce coração, não ficaria satisfeito vendo-a nos braços de outro e tendo apenas o consolo platônico da esperança...

De maneira que o meu conselho — esse conselho que você aguarda ansiosamente — ficaria prejudicado pelo meu plácido egoismo de amoroso. Não seria um conselho: seria, antes, uma supplica desolada de quem tivesse medo de perder a creatura amada.

Dir-lhe-ia, simplesmente, que não unisse a sua vida á vida de um homem que lhe inspira odio e nunca lhe poderia inspirar amor, porque possúe um espirito differente do seu espirito e uma sensibilidade que jamais se identificaria com a sua sensibilidade. Dir-lhe-ia simplesmente, que se não casasse com esse homem. Seriam ambos infelizes. Você, porque nunca chegaria a amál-o. Elle, porque viveria eternamonte desconfiado e illudido, si a sua compaixão durasse a existencia da sua illusão. Duas vidas alimentadas da piedosa mentira das apparencias e pelo sorriso desalentado do irremediável. Porque elle, um dia, havia de comprehender, também, o papel que representava no drama da desventura dos dois.

E então... Ah, só então, minha descrente amiga, você daria razão ao seu amigo e, já bem tarde, talvez, se arrependeria de ter obedecido á voz commovente da sua sensibilidade compassiva e da sua magnifica piedade...

MAURO DE ALENCAR

MARCELO ROBERTO

VALMIRINA Correia é uma figura que póde ser collocada, com adjectivos encomiasticos, entre as mais finas representantes das lettras femininas do Brasil.

Retirada do bulicio literario, Valmirina Correia trabalha, silenciosamente, as joias do seu espirito. Para melhor dar uma idéa da arte da poetisa, offerecemos aos nossos leitores uma pagina sua, rica de sentimento e belleza.

A poetisa Valmirina Correia e seu filhinho Jonas Neto.

O Outomno

Achas-me bella e bôa. E na cegueira
Do teu amôr dizes que sou de louça...
Fragil boneca, que sou feiticeira,
Que estou ficando cada vez mais moça.

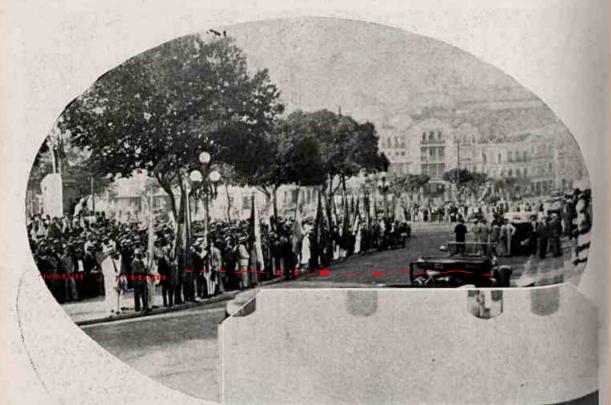
Ouço-te e creio. E a minha crença aviva
A emoção a que toda me abandono...
Mas, de repente, fico pensativa.
Sinto que em breve ha de chegar o outomno.

O outomno! A minha cabelleira escura
Cheia de néve! O olhar nevoento e triste..
Perdida a luz acariciante e pura
Que tantas vezes nos meus olhos viste!

O rosto desmaiado... O riso claro
Sem fulgôr... Minha bocca emmurchecendo...
O passo sem leveza... E ao desamparo
Do tempo, as graças desapparecendo...

Sombras... A mocidade tão distante!
Dias já mortos... Fôlhas seccas... tédio...
A geada e o frio á minha espera, adiante...
E nalma, uma saudade sem remedio.

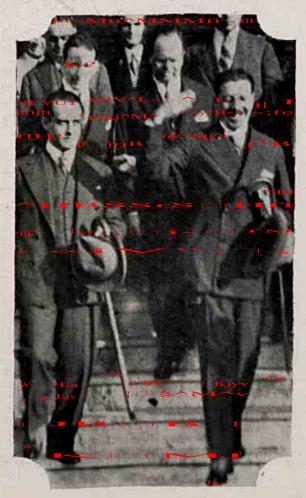
Que eu possa ter, no outomno desta vida,
Um crepusculo bom, confortador,
Vendo e sentindo que te sou querida,
E sempre moça para o teu amôr!

Valmirina Correia

O dr. Julio Prestes de Albuquerque, presidente do Estado de São Paulo e presidente eleito da Republica, chegou segunda-feira ultima a esta capital, de regresso de sua viagem aos Estados Unidos e á Europa. S. ex., que veiu acompanhado de sua exma. familia e dos membros de sua comitiva, viajou no «Arlanza» e aqui desembarcou na manhã daquelle dia, sendo alvo de expressivas homenagens por parte das diversas classes sociaes que se fizeram representar. Deixando o vapor que o conduzira, depois dos cumprimentos da pragmatica, o dr. Julio Prestes se dirigiu para o automovel official que estava á espera de s. ex., na praça Mauá, e no qual o futuro chefe da Nação se transportou, em companhia da senhora Julio Prestes e do representante do dr. Washington Luis, ao Copacabana Palace Hotel, onde ficou hospedado. São flagrantes do desembarque do dr. Julio Prestes o que representam as photographias desta pagina, onde se vêem as associações operarias postadas na praça Mauá, aguardando a chegada do presidente eleito da Republica e s. ex. descendo, ao lado de sua exma. senhora, a escada do «Arlanza».

FILIGRANAS

Não ha nada mais curioso do que o *perú* do jogo de xadrez. Elle vibra mais do que os parceiros e faz sempre, não se sabe por que razão, causa commum com um delles, torcendo desesperadamente contra o outro. E, ás vezes, seu enthusiasmo é tão grande, que mette as mãos no taboleiro e move as peças a seu talante.

Ao *perú* do xadrez devia estar sempre presente o velho brocardo cearense: "*perú* calado ganha um cruzado; *perú* falando sáe apanhando..."

O dr. Julio Prestes, quando chegava ao pavilhão central da praça Mauá e se dirigia para o automovel que aguardava s. ex. Vêem-se, ali, cercando o presidente eleito da Republica, o chefe de policia do Districto Federal, dr. Coriolano de Góes, e outras autoridades.

A PARABOLA DO VERDADEIRO AMOR

De Destrée

PASSANDO Jesus, com seus discipulos, em um campo de trigo, delle se approximou um homem que lhe disse:

— Mestre! Conheço duas mulheres, igualmente bellas e igualmente boas. Desejo que uma dellas seja minha esposa. Tu, que tanto sabes aconselhar, a qual devo escolher.

Jesus tomou dois molhos de espigas maduras e, entregando-os ao homem, disse-lhe:

— Entrega estas a cada uma dellas, e depois volta para contar-me o que fizeram.

No dia seguinte, quando o sol doirava, com

seus ultimos raios, as oliveiras, o homem se approximou novamente de Jesus e falou-lhe:

— Mestre! Segui teu conselho e entreguei os mólhos ás duas mulheres. Uma dellas, recebendo as espigas, teceu com ellas uma corôa para adornar seus cabellos. Nunca a vi mais formosa. A outra, tomando o seu mólho, foi debulhando, uma a uma, as espigas do trigo, e exclamou: "Farei um pequeno pão branco para te offerecer, quando voltares".

E Jesus disse ao homem:

— Vae, immediatamente, buscar a segunda mulher, e fal-a tua esposa. A que teceu a corôa só pensou nella. A que te prometteu o pão, pensou em ti. E este é o verdadeiro e bom amor.

TREPAÇÕES

APESAR de estar nos primeiros postos da carreira, o joven militar foi promovido a *coronel*...

Não sabendo resistir aos encantos da rapariga morena, de olhos de fogo, entregou-se de armas e bagagens.

A principio, a vida corria serena e mansa, porque, ao lado da doida fantasia do amor novo, havia *munição* para manter o estado de sonho...

Porem, agora, surgiram os primeiros apertos financeiros.

As economias do joven official foram devoradas num abrir e fechar de olhos.

A paz da casinha branca escondida lá pelas alturas da Tijuca está seriamente ameaçada.

A morena de olhos de fogo não se alimenta apenas de sonhos...

Gosta de se vestir bem, de passear de automovel, de apreciar os *films* do dia — gosta, emfim, de viver a vida trepidante da cidade.

E o *coronel*, não podendo aguentar o barco, terá, forçosamente, de ser rebaixado de posto, recolhendo-se á vida privada de quartel.

O illustre pae da Patria arranjou divertimento no Rio, para a temporada legislativa deste anno.

Elle não dispensa, diariamente, um encontro galante, espeçie do aperitivo para o jantar.

A's tardes, o illustre parlamentar vae até uma conhecida casa de chá, onde *ella* o espera sempre com um sorriso amavel, para pagar a despesa...

E, inteiramente entregues ao prazer da conversa, esquecem a vida, deixando-se ficar á mesa, para o desespero dos *garçons* avidos da gorgeta dos freguezes.

Mas... o interessante é que ainda não conseguimos atinar com a finalidade dos repetidos encontros a que alludimos.

Ella é solteira e deseja, naturalmente, casar.

Elle é casado e tem vontade de fazer vida de solteiro.

Vamos vêr como acaba a historia, pois ambos devem saber muito bem o que estão fazendo...

O *maillot* encarnado é um caro encantador para o rapaz de pelle bronzeada pelo sol.

O *maillot* perdeu a cerimonia e não vê mais o que se passa ao redor, na praia, onde ha tanta gente curiosa...

O rapaz, tambem, pensa que, sobre a areia da praia mais linda do mundo, não existe senão o *maillot* encarnado.

Vae dahi o espectaculo singularmente pittoresco que os olhos dos banhistas assistem, ao pé do mar.

O *maillot* distrahido offerece a boquinha de *rouge* á caricia dos labios do rapaz, e... quem se sentir incommodado que feche os olhos para não vêr e morrer de inveja...

COPACABANA tem uma pequena praça ajardinada, com o nome de um ex-prefeito da cidade.

Na praça ergue-se um coreto, cujo primeiro degráo da escada, de pedra se confunde entre o verde da grama e os tufos de folhagens.

Ahi nesse degráo, ao cahir da noite, por mais de uma vez, tem sido visto o vulto de uma mulher moça e bonita.

Sentada na pedra, ella procura occultar-se na sombra, numa attitude compromettedora, de quem está exercendo uma espionagem necessaria para tirar a limpo qualquer coisa...

Ella, evidentemente, soffre, porque se inquieta, nervosa, alteando a cabeça para alargar o seu raio de visão, procurando adivinhar através das janellas fechadas e illuminadas de um predio, o que se passa do outro lado...

Ella já deve saber de tudo, já deve sentir que é desgraçada, e que lhe não resta mais a esperança da felicidade do bem amado.

Mas, de quando em quando, ella parece na praça, sentada no degráo de pedra do coreto, [illegible] rando-se na sombra, para não ser vista...

Amor, a quanto obrigas!

As tres interessantes filhinhas do casal Daniel Muller, numa photographia de De los Rios.

Qual dos nossos leitores não desejará ficar com sua vida segurada por

10:000$000?

No louvavel proposito de beneficiar a UM dos leitores de Fon-Fon ou Selecta com um premio util e vantajoso, de facil acquisição, esta Empresa resolveu combinar com a importante Companhia

A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil

a instituição de um sorteio, que constará de uma **apolice daquella companhia de seguros sobre a vida, saldada e emittida independentemente de exame medico, no valor de dez contos de réis (10:000$)** *ficando estabelecidas as seguintes condições:*

Quem tomar uma assignatura ANNUAL de qualquer das nossas revistas, «Fon-Fon» ou «SELECTA», ficará habilitado a concorrer com o numero do seu recibo de assignante, ao referido sorteio, cujo premio corresponderá ao numero do 1.º premio da PRIMEIRA LOTERIA DA CAPITAL FEDERAL, a extrahir-se em MARÇO DE 1931.

A importancia de **Rs: 48$000**, equivalente á assignatura, deverá ser-nos enviada, por vale postal ou carta registrada, indicando o endereço completo e a revista que desejar.

Para maior facilidade, os nossos leitores, que nos quizerem distinguir com a sua assignatura, poderão encher o coupon abaixo, e para qualquer informação que desejarem, dirigir-se á

Empreza Fon-Fon e Selecta S./A.

Rua Republica do Perú, 62 — Rio de Jan iro

ou pelos telephones **2-4136** e **2-0377.**

COUPON DE ASSIGNATURA

Nome ....

Rua ....

Estado .... *Cidade* ....

Uma assignatura annual da revista ....

Idade (de interesse para a apolice de seguro) ....

IGREJINHA do monte Caruarú!

Igrejinha de papelão que as mãos devotas levaram lá para o alto, temendo que de tão bonita fôsse roubada.

Flor de mandacarú que rebentou um dia no teso do serrote e não murchou mais.

Igrejinha que parece de mentira, para os meninos brincarem.

Tão alva, tão alva, que lembra um plumacho de algodão voado para ali, de algum sitio da caatinga!

Airosa entre o arrepio dos velameiros e o eriçado dos avelozes!

Com o seu cruzeiro que está sempre com vontade de abraçar a gente...

Mestra trepada numa cathedra pintada de verde, vigiando a cidade que, quanto mais cresce, mais travêssa fica.

Aceno de acolhida ao que vem de longe e adeus de saudade ao que para longe se vae...

Ao sol reinadio do agreste, com o bojo azul do céo por cima, a igrejinha estremece de claridade, como si lhe estivesse a luz fazendo cocegas, para vel-a se rir. .

Por vezes, o nevoeiro a envolve numa camisa de sêda transparente, mas, pouco a pouco, a despe, mostrando-a mais louçã e mais branca...

A' tarde, sombras, sombras que dão desejos de não descer mais do monte, de pensar, de adormecer ali no mirante, perto da capellinha...

E lá de cima, como num véo sereno de avião, vêr toda Caruarú, inteirinha, como um mosaico, como uma porcelana, como um rosal... A renda mais linda que já se fez...

Tons de sangria... O sol enlanguesce... morre... a igrejinha se embacia, se embuça, porque a ventania a açoita, o frio a belisca...

E, então, o cruzeiro resplende, se desenha de luzes, o cruzeiro muito mais perfeito que o do céo!

Igrejinha do monte de Caruarú!

Na sua nave de altares tôscos e imagens ingenuas, dá mais vontade de rezar que nas matrizes ricas e douradas, porque na capellinha humilde o Jesus de pés descalços e de tunica modesta não tem acanhamento de entrar...

Dá vontade de rezar mesmo aos que nunca rezaram, ou aos que desaprenderam as orações.

Calungagens de cêra... Milagres... Quantos!... Cabeças, pernas, braços, seios...

Pelas suas veredas ingremes, que as campanulas azues atapetam e os avelozes verde-fortes franjam, pelos seus lagedos lustrosos e escorregadios, onde os chiques-chiques brotam, sóbe a senhorinha de cabellos curtos com a vela promettida...

Sóbe a brejeira de saia encarnada e de tranças com um ramo de risos do prado e a capella de flôres de laranjeiras...

Sóbe o rapaz que sarou da tisica e tem sangue nas faces...

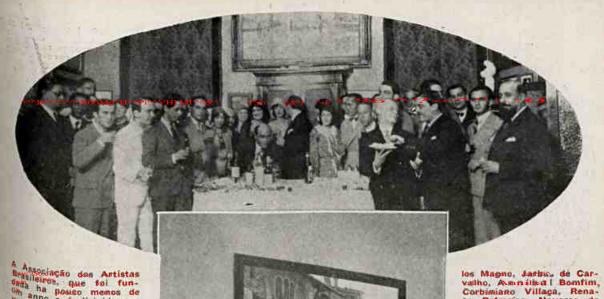
Sóbe a mãe exhausta das vigilias com a filha já de pé...

E sóbe a viuva que leva os orphãos para rezarem pelo pae...

O que vae pedir...

O que vae agradecer...

O que vae se consolar...

Igrejinha do monte de Caruarú!...

De dia, um algodão em pluma...

De noite, um algodão em flor...

A Associação dos Artistas Brasileiros, que foi fundada ha pouco menos de um anno e é dirigida por um nucleo de artistas de elite, reuniu, quinta-feira penultima, no primeiro andar do edificio n.º 14, do largo da Carioca, alguns dos nossos mais festejados intellectuaes, para «adoçal-os» com um «cock-tail». E assim mais facilmente poude falar-lhes da inauguração do Segundo Salão dos Artistas Brasileiros, que se realizou quatro dias depois, segunda-feira desta semana, no salão do Palace Hotel. Foi uma verdadeira festa de artistas, simples, cordial, alegre e illuminada dos mais fidalgos sorrisos dos salões cariocas. Lá estavam, entre outras, mlles. Maria José de Queiroz e Rosalita Cândido Mendes e Senhora Sarah Villela de Figueiredo, que deslumbravam, com a sua graça radiante, os olhos de estetas como Berilo Neves, Celso Kelly, Oswaldo Teixeira, Horacio Cartier, Herbert Moses, Nobrega da Cunha, Paschoal Carlos Magno, Jarbas de Carvalho, Annibal Bomfim, Corbiniano Villaça, Renato Palmeira, Navarro da Costa e muitos outros. Fez as honras da casa o finissimo Celso Kelly, que confiou a direcção das bebidas á competencia «espirtitual» do nosso confrade Annibal Bomfim, cuja actividade no fabrico do «cocktail» foi bastante apreciada pelos presentes... A festa, que teve inicio ás 5 horas da tarde, prolongou-se até quasi 7, e entraria pela noite, si não fôra esta imperiosa razão: o «cocktail» acabou-se cedo... E com elle, naturalmente, acabou o enthusiasmo da maioria dos convidados da Associação dos Artistas Brasileiros... Offerecemos, nesta pagina, dois detalhes photographicos dessa reunião de artistas. A outra photographia aqui estampada é um aspecto do salão do Palace Hotel, durante a abertura, segunda-feira á tarde, do Segundo Salão dos Artistas Brasileiros, onde se acham expostos trabalhos dos nossos melhores pintores.

O POLO INTERNACIONAL

A segunda partida da temporada internacional de polo realizou-se domingo passado, na «cancha» do Gavea Golf and Country Club, nella se empenhando os jogadores da «Los Caranchos», de Buenos Aires, e os da equipe do Primeiro Regimento de Cavallaria, que se mantiveram á altura da sua competencia no aristocratico e sumptuoso sport. Pela segunda vez, entretanto, os polistas argentinos sahiram vencedores, derrotando, com o elevado score de nove a um, os jovens militares do Primeiro Regimento. Esse resultado era, aliás esperado, e não causou, portanto, surpresa alguma á fina e numerosa assistencia que enchia, na tarde clara de domingo, o pittoresco prado da estrada da Gavea. O prefeito Prado Junior assistiu, com outras altas autoridades ao desenrolar dessa partida internacional de polo, de que offerecemos alguns aspectos interessantes nesta pagina.

NO TEMPO DOS ESCRAVOS

QUANDO nasci não havia mais escravos. Felizmente, nunca meus olhos viram as scenas dolorosas da escravidão. E sou filho da terra brasileira que primeiro libertou os seus negros. De maneira que somente posso falar dessa horrivel instituição pelo que me contaram os seus contemporaneos.

Sempre que tenho ouvido ou lido relatos sobre a vida dos escravos, minha impressão é a mais triste possivel. Avalio, assim, o que não sentiria, si tivesse conhecido esse horror, salvo si meu coração estivesse empedernido pelo habito como o dos nossos avós.

Recordo-me, com certa tristeza, duma vez que fui de Recife a Olinda em companhia de velho amigo pernambucano que fôra senhor de engenho e possuira escravos. Um homem que fôra dono de outros homens! Entretanto, tão generoso e tão bom, que os seus pretos, depois de alforriados, preferiram ficar em sua companhia a procurar a vida alhures. Para honra dos nossos costumes e do nosso coração, esses exemplos não foram raros. Antes pelo contrario.

Era, então, a primeira vez que visitava Pernambuco e desejava conhecer a velha e tradicional Olinda, tão pinturescamente assentada no cabeço dum serro, olhando o velho mar que sulcaram as caravellas com a cruz de Christo no velame e os galeões grossos das Provincias Unidas. Ao sahirmos da cidade de Mauricio de Nassau, avistei entre os mangues uma grande casa arruinada. Perguntei ao meu companheiro o que fôra. E elle me informou que um antigo deposito de escravos.

— Bem sabe, continuou, que o Recife era um grande mercado de negros.

Não o sabia e tive desse bom amigo a seguinte informação:

— Os captivos vinham da Africa no porão dos navios, mal alimentados e seviciados, ignorando a lingua de seus dominadores, profundamente abatidos no physico e no moral. Uma lastima!

No dia da venda em publico, eram retirados dos casarões de deposito semelhantes áquelle que ali está em ruinas e levados pelas ruas da cidade, onde ficavam nos passeios, de pé, sentados ou deitados á sombra das casas. Os homens tinham um pedaço de panno passado na cintura e entre as coxas; as mulheres, uma tanga curta. Era tudo quanto lhes cobria a nudez. Apresentavam horrivel aspecto. Fediam. Entretanto, apathicos, não parecia sentirem o horror de sua posição.

Emquanto estavam expostos á venda, comiam ali mesmo o que lhes davam os mercadores: carne sêcca, farinha, feijão, bananas. A comida era cozida em plena rua, em grandes caldeirões, sobre tripés de ferro.

Bastava chegar um comprador para que elles, quasi instinctivamente, se levantassem e para elle se dirigissem, esperando ser adquiridos e desta sorte sahir daquelle deposito e exposição, da sujeira do deposito e da quasi fome em que viviam. O comprador os apalpava, experimentando a rijeza dos musculos, examinando a qualidade dos dentes, como os alquiladores fazem com os cavallos e os fazendeiros com os bois, nas feiras do sertão. Ali se separavam as mães dos filhos e os irmãos dos irmãos. Ali se debatia o preço daquella carne humana trazida da Africa. E, quando alguma coisa nos relembra essas scenas, comprehendemos a indignação castiça e gongorica dos versos de Castro Alves.

Durante todo esse tempo, os pobres malungos não pronunciavam uma palavra, não deitavam uma lagrima, não demonstravam no silencio a menor emoção. Tristes, silenciosos, impassiveis! Resignação absoluta, desespero mudo ou indifferença animal? Pobres negros, arrebatados ao coração da Africa, apanhados na Costa da Mina, arrancados a Angola, a Benguela, ao Congo, ao Gabão, ao Rebolo, á Mandinga, a Moçambique, quasi todos dóceis, muitos affectivos, outros os verdadeiramente malungos e ... raça que não teve um Espartaco e que mal debuxou no sertão nortista o feroz Zumbi heroico e um malvado negro Cosme, "tutor e imperador das

O dr. Oscar Clark, professor da Faculdade de Medicina, chefe do Serviço Medico-Escolar do Districto Federal, é, não só um verdadeiro sabio, pelos muitos annos de estudo e dedicação á amavel sciencia de Hippocrates, mas ainda um espirito generoso, apontado sempre, ao bem dos seus semelhantes. A obra que esse scientista illustre, autor de cerca de duzentas monographias sobre os mais variados problemas da medicina moderna, acaba de realizar em favor da saúde dos nossos pequenos escolares, é um facto unico na historia brasileira dos ultimos annos. A administração Fernando de Azevedo, na Instrucção Publica, propiciou-lhe a fundação da nossa primeira Clinica Escolar, que recebeu, com justiça, o seu illustre nome. E agora acaba de dirigir e organizar a publicação do livro «Educação Sanitaria», escripto pelos medicos escolares do Rio, e destinado ao ensino e educação medica das professoras e enfermeiras da cidade. E' o primeiro, no seu genero, que se escreve no Brasil.

Jardim aberto

(Conclusão)

"verdades", sem falar nos rebeldes malês, de religião mahometana, anniquilados pelas tropas da legalidade oppressora.

O velho senhor de engenho apertou-lhe o braço e acrescentou:

— Isso que lhe contei é a scena do mercado de carne humana. Horroroso. Imagine o que seriam a lida no eito, a promiscuidade miseravel e libidinosa da senzala, o sadismo dos amos, as odysséas amargas que Vicente de Carvalho eternizou nos seus versos, a angustia da existencia nos quilombos e mocambos, a ferocidade dos capitães de matto e a maior ainda dos seus cães de caçar negro, emulos dos blood dogs das Antilhas Inglezas e do famigerado Leoncino [illegible], que recebia paga como arcabuzeiro... Pobres malungos...

Indaguei por que motivo chamavam os escravos malungos.

— Era o termo affectuoso — respondeu-me — que entre si davam, na sua lingua barbara, os que vinham soffrendo no mesmo barco e quasi sempre, nunca mais se viam na terra do exilio e do captiveiro.

Depois duma pausa, concluiu:

— Os pormenores do que lhe contei estão no Koster. Leia-o. A historia da escravidão no Brasil e da influencia africana na nossa civilização ainda está por fazer, de um modo geral. Será um dia uma obra digna de immortalizar um nome.

O casal Carlos Dias Fernandes deu, na penultima quinta-feira, em sua residencia, na Tijuca, uma grande recepção em honra do eminente principe dos poetas brasileiros, academico Alberto de Oliveira. Em torno do grande herdeiro da corôa gloriosa de Olavo Bilac reuniram-se alguns escriptores e artistas, entre os quaes Berilo Neves, Severino Silva e Brasil Luz. Foi uma noite de puro encantamento espiritual, em cujo decurso disseram lindos versos do homenageado o illustre escriptor Carlos Dias Fernandes e sua exma. senhora.

A colonia suissa, reunida na séde do Club Suisso, durante a noite festiva de sabbado, em que commemorou a data nacional da Confederação Helvetica.

Baton Rouge

— Mariposa estonteada da Cidade, encanto e graça do coração da gente, Melindrosa vem cá...

— Não vou, não! Que quer comigo?

Renato Travassos, o delicado poeta de «Cantilena», tão apreciado pela suave expressão de seu lyrismo, vae reunir, em um só volume, os trezentos e tres sonetos que formam o seu grande poema, já conhecido nas duas series publicadas e amplamente elogiado pela critica. Será uma edição definitiva e bem cuidada, que está sendo ansiosamente esperada pelos admiradores de Renato Travassos.

— Quero dizer-te ao ouvido uma coisa linda, linda...

— Ora, adeus, sr. Conversa Fiada, tenho mais que fazer!

— Tu?

— Eu, sim.

— Ah! Comprehendo. Fazes, como sempre, le cours da coquetterie, do charme, da brejeirice, da seducção...

— E que mais?

— Achas pouco?

— Não. Parece-me, porem, que não esgotou, só com esse introito, todo o vocabulario da sua galanteria...

— Isso não! Se nunca me permittiste tecer um madrigal em teu louvor...

— Engraçado! E' preciso, então, que lhe antecipe minha permissão?

— Falas tanto... E's tão tagarella e tão sarcastica...

— Eu... tagarella! Eu... sarcastica?

— Não te julgas assim?

— Não, não, pelo menos conscientemente...

— Porque, porem, quando me approximo de ti, dás ao teu sorriso, sempre tão brejeiro e acolhedor, uma expressão de aguda e cortante ironia?

— E' a minha defesa.

— Tua defesa?

— Sim. Sou despreoccupada, desenvolta, leviana, feliz, na minha inconstancia de borboleta, como uma cigarra estridula, tonta de sol. E canto, canto, indifferente ao mais, porque toda minha alma, todo meu ser é musicado como uma canção de amor...

— De amor?

— Sim: de amor. Pensará, então, que não tenho coração?

— Não. Sei que o tens. Apenas teu coração é tambem um coração de cigarra, a se expandir, e delirar e vibrar ao contacto quente do primeiro raio de sol que illumine a arvore em que pousas.

— O sol nasce para todos...

— E o amor?

— O amor... para os eleitos, para os predestinados, para os felizes...

— Deves ser muito feliz...

— Eu, feliz? por que?

— Porque és muito amada, muito querida, muito desejada...

— Desejada, talvez — você o disse. Entre o ser desejada e o ser querida, e o ser amada, a differença é tão grande, não é?

— Suspiras?

— Não... Falo demais. Tomei a respiração...

— Teus olhos marejam-se...

— O sol está a arder. Queima. Não está sentindo?

— E, com tua alma coquine, teu volúvel coração, teu ser feito de canções festivas e rumorosas, porque não cantas, agora, que a luz doirada do sol estonteia, a canção do teu amor?

— Nunca a pude cantar á luz do sol... Nem a cantei nunca senão para o segredo de meu coração...

— Por que, se não sou indiscreto?

— Porque é feita de sonhos, de saudades, de melancolia e de lagrimas a canção do meu amor, do meu verdadeiro amor...

— Amaste, já?

— Se amei! Se amo, ainda!

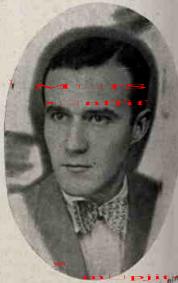
— Tu, Melindrosa, tu, figurinha vaporosa e brejeira da Cidade, sorriso illuminado das ruas, mariposa multicôr, de azas inquietas, cigarra alegre e descuidada, tu tambem, tambem já amaste, tu ainda amas?

— Tambem...

— A quem?

— A' vida...

— A' vida?

— Sim, a vida, a vida que scintilla e que é bôa mesmo quando faz chorar... — FRAGONARD.

Fernando Lamarca é um joven pintor mineiro, de Juiz de Fóra. Veiu expôr vários trabalhos seus no Salão dos Artistas Brasileiros. Fernando Lamarca chega ao Rio precedido dos elogios da imprensa de sua terra, que, aliás, estão confirmados nas telas que trouxe para o certamen artistico desta capital.

O anniversario d'O GLOBO

Como todos os annos, os nossos distinctos collegas d'«O Globo» commemoraram, com expressivas solennidades, a passagem do anniversario da fundação do valente vespertino, que transcorreu a 29 do mez que findou. Esta pagina focaliza vários aspectos das cerimonias levadas a effeito e, entre ellas, a missa festiva na egreja de S. José, e a romaria ao tumulo de Irineu Marinho, no cemiterio de S. João Baptista, no momento em que falava o nosso collega Manoel Gonçalves, em nome dos seus companheiros da redacção daquelle jornal. Em baixo, vê-se o dr. Eurycles de Mattos, o illustre director-redactor-chefe d'«O Globo».

A MULHER CHIC

Miss Juliette Compton com um chapéo de feltro verde amendoa de Jean Patou

Especial para "Fon-Fon"

Chapéo de velludo negro guarnecido de duas azas de crystal
▲ *Modelo Jean Patou* ▲

Especial para "Fon-Fon"

O Maior Thesouro

A sra. Heloisa do Amaral Leal da Costa (Yára do Rio), nossa collaboradora, acaba de lançar á publicidade um lindo livro de contos, intitulado O cipó traiçoeiro. *Yára do Rio foi revelada pelo* FON-FON, *onde publicou os seus primeiros trabalhos, e nos quaes, desde logo, se affirmou uma escriptora brilhante, culta e senhora dos segredos da arte de escrever.*

A sra. Heloisa (ou Yára do Rio) apparece, nesta gravura, ao lado de sua filhinha Neyla, sobre quem escreveu a interessante pagina que aqui publicamos.

E a Mulher, que ficára só, resolveu ir ao Paiz das Illusões Desfeitas...

Assim, despojou-se da sua immensa fadiga, enxugou as dolorosas lagrimas, ergueu a cabeça encanecida e foi consultar o feiticeiro da montanha.

Vagarosamente, desperto de um grande extase, o velho asceta disse á Mulher:

— Volta! Como queres que uma creatura tão fragil consiga alcançar o que desejas?

A Mulher, porém, falou-lhe da força da sua vontade e da firmeza da sua resolução. E o eremita, vencido, apontando um pequeno ponto luminoso, mostrou-lhe o Paiz das Illusões Desfeitas, lá ao longe, perto das nuvens.

Depois, pousando a mão esquálida sobre a cabeça da destemida, recommendou:

— Vae, minha filha; porém, não te esqueças da palavra magica que é o talisman que terás de usar nessa penosa viagem. Não te esqueças — escuta bem — da palavra: *Quero!*

E a mulher, empertigando a caixa ossuda do magro thorax, encheu a bocca da palavra magica, e, finalmente, pronunciou: "*Quero!*"

* * *

E a Mulher, que ficára só, dirigiu-se ao Paiz das Illusões Desfeitas...

As pedras da montanha, ponteagudas e más, rolaram, num gargalhar satanico, e vieram tornar chagados os pés descalços da viajante.

O sol, não contente de crestar-lhe a pelle, reverberava tão forte, que quasi cegava os seus olhos claros, cansados de chorar. E, na sua ardencia de astro-rei, ordenava imperioso: *Volta!*

A Mulher, porém, sem desanimar, alteava o busto emmagrecido e pronunciava a palavra magica: *Quero!*

A fome e a séde, de mãos dadas, faziam ronda em volta á infeliz e, sarcasticas, cantavam: *Volta! Volta!*

A' noite, o minuano, com a sua lamina cortante, retalhava a face da Mulher; depois, saciado, ia agazalhar-se nos galhos rendados das casuarinas, sibilando tetrico: *Vo... o... ol... ta! Volta!*

Sombras esguias, phantasmas alvacentos, morcegos, corujas, num voejar constante, embargavam-lhe os passos, repetindo sempre: *Volta! Volta!*

E a Mulher, obstinada, abaixava a cabeça, semi-cerrava os olhos, continuando a caminhar, emquanto repetia, baixinho, como si fosse uma oração, a palavra magica: *Quero!*

* * *

E a Mulher, que ficára só, conseguiu chegar ao Paiz das Illusões Desfeitas...

O Bem-Estar, vindo recebel-a, tomou nos braços o seu corpo exhausto. Assim levou-a até o palacio dos grandes thesouros.

A Mulher, saltando ao chão, guiada pelo Perfume do Passado, dirigiu-se para a sala onde jaziam as preciosidades da sua juventude.

Oh! como ainda palpitavam, vivas, as suas mais bellas emoções!

Viu a Riqueza que esbanjára, os Amantes desprezados e a sua Formosura intacta...

E pelos olhos, brilhantes de gozo, da recem-vinda, passaram, feéricas, as Illusões que foram suas. Sofrega, quiz colhel-as todas — todas ellas — porque já conhecia os seus valores; porém a Fatalidade, esguia, vestida de negro, chegando-se de manso, friamente, lhe disse:

— Desprezaste-as todas! Por tua culpa — só por tua culpa — ellas se desfizeram. Pois bem. Para o teu castigo só poderás levar daqui um dos thesouros que foram teus. Anda: escolhe!

E a Mulher, como si estivesse louca, foi de uma a outra illusão sem saber qual a melhor.

De que serviria a Riqueza sem a Mocidade; a Mocidade sem a Saude; os Amantes sem a Belleza?...

Num canto, porém, a infeliz divisou uma pequenina sombra pousada...

Esquecendo as outras coisas que tanto a seduziam, ella poz as mãos sobre o coração soffredor e encaminhou-se para o logar que acabava de descobrir. Sem indecisão, tomou a pequenina sombra nos braços, apertou-a de encontro ao peito, dizendo á Fatalidade:

— Já fiz a minha escolha. É a da mais preciosa.

E a Mulher, que ficára só, voltou do Paiz das Illusões Desfeitas completamente venturosa, porque conseguira apoderar-se do seu maior thesouro: O filho pequenino.

YÁRA DO RIO.

O pintor Murillo Lagreca, que é um dos grandes pinceis nacionaes, apesar de ser um nome pouco conhecido nesta metropole, talvez pela razão de viver em Recife, sua terra natal, inaugurou, sabbado ultimo, á Avenida Rio Branco, 197, uma exposição de quadros seus. Damos acima um aspecto do acto inaugural e a photographia do talentoso pintor pernambucano.

O dr. Clementino Fraga, illustre director do Departamento Nacional da Saúde Publica, tomou a louvavel iniciativa de mandar reservar, no Hospital S. Sebastião, appartamentos especiaes, destinados á hospitalização dos jornalistas. Visitando, com a maior satisfação, essa magnifica providencia, offerecemos, nesta pagina, um flagrante da visita que a Commissão Especial de Beneficencia e Auxilios da Associação Brasileira de Imprensa, em companhia do dr. Clementino Fraga, fez áquelles appartamentos, vendo-se, além do digno director da Saúde Publica, os nossos prezados confrades Oswaldo Souza e Silva, R. Borba Reis, Eduardo Whitehurst e Carlos Dias Fernandes.

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

Manhã de amor

NOSSOS olhos diziam tudo, como si fôssem velhos amigos que se encontrassem. Nossos olhos semearam e colheram, no silencio, as mais lindas palavras de amor.

Ella estava enrubecida, palpitante e deliciosa. E nossos passos nos conduziram pela areia branca do caminho.

Estava frio. Mas o sol brilhava num céu azul de porcelana de Saxe. Nem um rumor no jardim áquella hora. Nem um rumor. Os passaros tinham-se calado e as abelhas haviam cessado de zumbir.

Passeavamos devagar, muito juntos, como si desejassemos nos penetrar mutuamente. E sómente o claro saibro cantava baixinho sob a sola dos nossos sapatos.

O grande jardim estendia-se até o mar na sua gloria de sinopla e ouro. Era como um tapiz de esmeraldas claras e escuras. Sobre seus buxos aparados ainda luziam as perolas e os diamantes do orvalho nocturno.

A agua dum repuxo estava immovel no ar. Parecia que nos contemplava e que não queria continuar a correr para não perder a visão do rosto lindo, aluminado por dois olhos negros e de negros cabellos emmoldurado, que se encostava ao meu hombro na voluptuosa lassidão do desejo...

ASSISTINDO Á AGONIA DE UM AMOR

Caso raro. Yole Marly e Mauro iam casar por amor.

Um amor nascido nos bancos escolares.

Entremeado de sustos, de algarismos, de lições de geographia...

Não foi o noivado [illegible] dum baile.

De um cinema.

Um romance bonito, o que elles viviam.

Desses que, infallivelmente, passam um dia pelas nossas mãos.

Elles o liam juntos, sob caramanchões floridos.

Eu os admirava.

Admirava em Mauro o rapaz brioso, discreto e [illegible].

Em Yole Marly, a vaidade simples de menina [illegible], o sorriso acolhedor, a doçura da mulher que sabe ser mulher.

Côr de perola, brilhan[illegible] de graça, ella passeava, de braço com o seu Mauro, pelo *boulevard* alegre e buliçoso.

O seu "Prince charmant" dos sonhos infantis.

Noivos por amor...

A belleza de Yole chamava a attenção dos rapazes do bairro, que quizeram elegel-a *miss*.

A senhorita Margarida Machado Magalhães, filha do antigo deputado federal dr. Landulpho Machado Magalhães, e o dr. Namsen Araujo, medico e escriptor, cujo enlace acaba de se realizar nesta capital.

Mauro revoltou-se, enciumado.

E continuaram a pacata vida de collegiaes estudiosos.

Um dia, eu os encontrei na Avenida.

Yole Marly estava linda.

Mauro sempre elegante.

Notei uma especie de frieza entre elles.

Tive a impressão de que o sorriso de Yole Marly era forçado, e a cortezia de Mauro, muito medida.

Pouco tempo depois, soube do rompimento.

Um rompimento sem lagrimas.

Que não deixára saudades.

Talvez tivesse sido eu a unica a observar a agonia dos amores de Yole Marly e Mauro.

Mais tarde, encontrei Mauro, no mesmo *boulevard*, com outra pequena loura, mimosa, bonitinha.

A mesma elegancia.

A mesma linha.

Yole Marly casára.

Um negociante rico, quasi capitalista, substituira o estudante amoroso.

E falem dos homens...

E falem das mulheres...

CONCHITA CID.

A terceira «Vesperal de Alegria», promovida pelas «Damas de Bondade» da Assistencia Dentaria Infantil, em beneficio dessa instituição, que tantos serviços presta ás criancinhas desamparadas, realizou-se sabbado ultimo, no grande salão da Associação dos Empregados no Commercio, e no programma da mesma tomaram parte os artistas que apparecem no grupo acima. A commissão organizadora dessa festa de arte era composta das sras. Carlota Gondolo Labouriau e Alfredo de Paula e da senhorita Heloisa Lentz.

Paralogismo do amor venal

(Cap. II do livro "Eros e Trophos", em preparo.)

EROTROFIA: doutrina que vê no gesto procreador, do interesse fundamental da especie, tambem um acto simili-digestivo — por interesse nutritivo reciproco dos individuos em conjugação. Donde: amor é egoismo a dois na intenção especifica da creação de mais um.

Ao prisma doutrinario da erotrofia nada haveria mais absurdo que o commercio dos sexos. Ambos os que nisso se consentem, têm no só nisso consentirem sua exacta e justa recompensa. Nem um dos conjugados reclamaria do outro, com razão, qualquer estipendio, que um e outro têm as suas contas já saldadas nas mercês euforigenas e nas vantagens eutroficas do amplexo de amor que acertou de os unir.

Reçuma dahi quanto é anti-natural o hetairismo: tristissima condição social da mulher que, á criminosa complacencia masculina, põe sua capacidade de amar a mercado malsão. Accresce que é no lupanar onde mais se desnatura a pratica do amor physiologico: ou seja nas commoções violentas dos exotismos sensuaes, ou seja na fraudação constante dos intuitos fecundantes. O genio da especie não se esquecé jamais de castigar o contraventor de seus preceitos com o desfalque coetaneo de seus premios nutritivos. E porventura não está alhures a explicação buscada da decadencia paradoxal de certos povos: alcandorados em civilização que parecera garantir-lhes hegemonia perenne, e eis que desviçados na pujança de seus valores pela soltura de seus costumes.

* * *

A prophylaxia das doenças venereas não exaure a questão complexa do meretricio: a chaga social manteria gran-parte de seus maleficios, ainda quando de todo em todo removido — o que nada tem de utopico — aquelle perigo. A erotrofia faz ver a legitimidade das reclamações da moral: identificada assim *sensu strictiori* a preoccupação sanitaria nas bases physicas de seus conselhos.

Dest'arte, sciencia e religião ensinarão, conjunctas, a via regia por onde se chegar á solução do maior problema da felicidade humana.

PRADO VALLADARES

O aviador norte-americano capitão Lewis A. Yancey, detentor de vários «records» de vôos transatlanticos e que veiu a esta capital pilotando um apparelho de sua propriedade, foi, sexta-feira penultima, homenageado pela Standard Oil Company of Brazil, que, sob o patrocinio do «Foreign Advertising and Service Bureau» e da imprensa carioca, lhe offereceu um cordial almoço, no Jockey Club. Saudando o aviador Yancey, falaram: em nome da Standard, o sr. H. D. Humpstone, e, em nome dos jornalistas presentes, o nosso illustre confrade dr. Mattoso Maia Forte, secretario do «Jornal do Commercio». Tambem usou da palavra o homenageado, para agradecer o ágape e as saudações que lhe foram feitas alli.

FILIGRANAS

Eu não sou fundamentalmente contrario a certas linhas da architectura Moderna, cuja simplicidade decorativa é, em verdade, interessante. Entretanto, tenho pena que se violente o meu Brasil, impondo-lhe esses exotismos, quando a voz da sabedoria e da arte fala pela bocca do grande Theo neste periodo do *Voyage en Russie*: "Chaque contrée, lorsqu'on ne la violente pas au nom d'un prétendu bon goût, produit ses monuments comme elle produit ses hommes, ses animaux et ses plantes, d'après les necessités de climat, de religion et d'origine..."

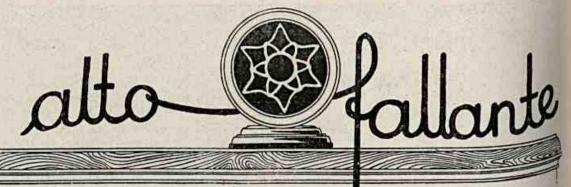
Creio não ser necessário pôr mais nada na carta...

Engenheiros de minas e antigos alumnos da Escola de Minas, de Ouro Preto, residentes no Rio, reuniram-se, sabbado, em cordial almoço, para evocar, numa hora de [illegible], episodios da vida academica na velha cidade mineira onde se formaram.

GLYCINIAS

Na manhã chuvosa, a tua lembrança enche a minha solidão. Recordo, olhando a chuva que cáe, lá fóra, devagar, e sentindo o frio suave de agosto — recordo uma cinzenta manhã em que os teus olhos desolados, contemplando a agua que descia pela rua deserta e inclinada, pareciam reflectir toda a melancolia e toda a angustia daquella despedida matinal.

Estavamos, ambos, silenciosos. Nenhum dos dois tinha coragem de falar. Nenhum dos dois se atrevia a dizer qualquer coisa sobre a nossa separação.

E a chuva cahia, como agora. Uma chuva triste de fim de abril. Uma chuva que sempre me acompanhou na vida, meu amor, desde que tu partiste, porque foi a ultima chuva do nosso vertiginoso romance e a toda hora está a me evocar os teus olhos azues mergulhados na cinza molhada daquella triste manhã de inverno...

OSORIO DUTRA E SEUS NOVOS POEMAS

DOIS poetas — dois grandes e magnificos poetas — proporcionaram-me, na semana finda, o grato prazer de algumas horas de alta e fina espiritualidade: Osorio Dutra e Oliveira e Silva.

Moldando sua arte em processos bem differenciados, um e outro affirmam, com brilho, a potencialidade de um éstro poetico vibrante, emotivo, cheio de espontaneidade.

* * *

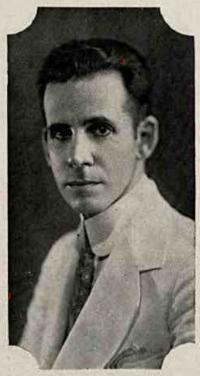
Osorio Dutra, nos seus novos poemas — Castellos de Marfim, premiado pela Academia Brasileira de Letras, e Céo Tropical, com menção honrosa do referido instituto, ambos enfeixados em elegante volume, ha pouco dado á publicidade, mantem, firme, o seu credo artistico, trabalhando sua inspirada poesia de accordo com os canones literarios do parnasianismo. Revela-nos, porem, uma arte mais aprimorada, mais expressiva, em que sua personalidade se affirma e destaca mais accentuadamente do que em Terra Bemdita e em outros livros seus, anteriores.

Com essa vigorosa affirmação de sua personalidade, Osorio Dutra, sem subordinar, inteiramente, a faculdade intellectual e emotiva ao principio poetico vital e inspirador de sua arte, enquadra-se magnificamente naquella formula preconizada por Theophilo Gautier: Chacun de nous est émule par un lever ou un coucher de soleil. E realiza seu faustoso e esplendido lyrismo com aquelle esclarecido e fino "senso de limitação" que Oscar Wilde dizia ser a regra de ouro da arte, affirmando que "quanto mais a linha-limite é distincta, accusada, definida, mais perfeita é a obra realizada."

Emotividade, sentimento, sensibilidade, vigor de rythmo, espontaneidade, colorido — todos esses predicados primaciaes e essenciaes do mais alto expressionismo poetico, Osorio Dutra nos offerece na sua nova série de poemas.

E' um encanto lêl-o, conviver com essa alma de "oriental" nascida e formada sob o magnifico esplendor do nosso sol tropical. E que elle, em O Arabe do Cairo assim canta:

Eu tenho a pallidez de um arabe [fino, do Cairo.

FIGURAS DO ULTIMO CONGRESO ODONTOLOGICO

Entre os odontologos que tomaram parte no 3.º Congresso Odontologico Latino-Americano, reunido em nossa capital, occupou sempre logar de assignalado destaque o dr. José Maria Reposo, que, como representante de Cuba, pela sua cultura scientifica e cavalheirismo, tão bem se desobrigou da alta missão que lhe fôra delegada. Além da admiração ao scientista, o dr. José Maria Reposo soube grangear para a sua terra natal as mais enthusiasticas sympathias de todos os membros daquella assembléa, sendo, por unanimidade de votos dos delegados das nações latino-americanas, escolhida a cidade de Havana para a séde do 4.º Congresso, que se reunirá em 1932.

Afastado de Oman e habituado ao [Simum;
Num sonho original, sobre o de- [serto palro,
E passo um dia inteiro, ás vezes [em jejum,
Contemplando, alta noite, o delta [azul do Nilo;
Invoco Soliman com sincero fer- [vor e fé
E levo o pensamento, encantado e [tranquillo,
Dos jardins de Karnak ao cume do [Thabor...

. . . .

Viajado, conhecendo todo o Oriente, onde permaneceu varios annos, Osorio Dutra parece ali haver nirvanizado seu espirito, enchendo sua poesia de um extranho e fascinante exotismo:

Fumo e durmo em seguida. Sonho [até...
Sinto que a luz, nostalgica, [finda,
E que eu trago calcada toda a [China
Sob o peso irritante de meu pé...
Ao sol triumphal da protecção [divina,
Abre-se, amplo, o Nirvana á mi- [nha [illegible]
Certo, Budha, o meu cerebro il- [lumina...
Que o mais piedoso dentre os [deuses é
Pelos meus olhos, numa nuvem [de opio,
Como através de um grande teles- [copio,

Passam todas as ruas de Pekim...
E eu deliro de gozo e de loucura,
Transformando os meus gelos em [ventura
Em pagodes de marmore e mar- [fim.

E é sempre assim, o poeta de Castellos de Marfim e Céo Tropical: pittoresco, fatalista, quando canta com sua alma de oriental emotivo, terno, com agudezas de sensibilidade, quando sua alma sob [illegible] tropical esplende, magnifica, o sol doirado do céo brasileiro.

* * *

Sobre Oliveira e Silva, que acaba de publicar — O Vôo Interrompido, direi algumas palavras na proxima edição do Fon-Fon.

MAX LINDER.

A Associação Brasileira de Educação promoveu, segunda-feira, no Jockey Club, um almoço em homenagem aos seus professores, que alli apparecem, após o ágape, em companhia dos directores daquella sociedade.

AQUELLA ANDORINHA...

Nós olhavamos a tristeza da rua...

Parecia uma rua de novella: — esguia e ladeada de arvores que oscillavam lentamente ao sopro de uma viração saturada de gottas frias e pesadas. O céo, inteiramente gris, lembrava uma enorme taça voltada, derramando-se por sobre a terra...

De repente, uma ave cortou o espaço num vertiginoso vôo...

Depois, o Kosmos foi, aos poucos, escurecendo-se, proporcionalmente, á chegada da noite, que, numa caricia envolvente, ia fechando as palpebras do dia agonizante...

Foi quando, envolvidos pela humidade, entrámos. Dentro em o nosso pobre apartamento, sob o clarão rosicler do abat-jour, renovámos, proporcionando um ao outro novas caricias, como si fossemos ainda um para o outro inéditos, o amor que nos havia absorvido, por muito tempo, e que nos pôz na divina illusão de um sonho que parecia eterno...

Assim, esquecemo-nos de tudo que la lá por fóra: a tetricidade noturna, com as suas rajadas e garôas; o mundo, com a sua fria estação; o outro lado da vida, com as suas miserias, para pensarmos, apenas, em o nosso amor que refloria...

Foi ha annos...

Hontem, lembrei-me disso tudo. Mas, como outrora, não havia, lá por fóra, nem rajadas, nem chuva, nem tristeza...

Era uma dessas manhãs alacres, cheia de muitos sons, de muito perfume, e em que o sol enchia de muito ouro os abysmos verdiazes, e oxygenava a cabelleira verde das montanhas...

No emtanto, eu tinha, dentro de mim, uma grande taça entornada, derramando-se por sobre a minha alma e, com indizivel tristeza, recordava aquelle inverno que foi para mim a mais plectorica das primaveras, e em cujo céo da minha illusão aquella andorinha voltára...

SEBASTIÃO DE SÁ

A inspectora do curso profissional da Escola Paulo de Frontin, sra. Julietta Mon-Jardin, em companhia de um grupo de alumnas daquelle estabelecimento de ensino, entre as quaes apparece a senhorita Dulce Faria de Macedo, filha do nosso companheiro Pedro Virgilio de Macedo.

FILIGRANAS

Na sua viagem á Espanha, Theophile Gautier fez algumas observações mais dignas dum sociologo do que dum simples chronista litterario dos jornaes parisienses. Entre ellas, esta: "L'Espagne n'existe pas encore au point de vue unitaire: ce sont toujours les Espagnes, Castille et León, Aragon et Navarre, Grenade et Murcie, etc.; des peuples qui parlent des dialectes différents et ne peuvent se souffrir..." Assim se vê que as inimizades e separatismos que dividiram e subdividiram os vice-reinados espanhóes na America, durante e depois da independencia delles, têm raizes historicas e sociaes profundas. E, no meio dessa fragmentação, a cohesão brasileira repete a unidade portugueza.

Enir, filhinho do escriptor Lincoln de Souza, em companhia de sua tia, senhorita Zilda Koellmann Ferreira.

Os engenheirandos da Universidade de Cordoba, na Argentina, que se acham entre nós, visitaram, ha dias, acompanhados dos professores argentinos Carlos A. Revol, Enrique Tillard e Carlos Galindez Vivanco, e do dr. Dulcidio Pereira, cathedratico da nossa Escola Polytechnica, estudantes brasileiros e engenheiros da General Electric S. A., a Fabrica Mazda, que percorreram detidamente, apreciando todas as installações daquelle estabelecimento.

SUBTILEZA...

...E assim... devagarinho... como quem entra no quarto de um grave doente adormecido, você entrou na minha vida e ficou, quietinho, dentro de meu coração tristonho.

A luz que se desprende de seus olhos escuros aqueceu e illuminou minh'alma sombria e sempre fria. Sua vóz, terna e melodiosa, fez com que meu coração esquecesse "aquella" grande dor que o martyrizava...

Você foi como um lenitivo para minhas magoas... E' por isso que eu lhe quero muito bem e não desejo, nunca, que você saia de minha vida...

Tinha de ser assim... Embora ninguem não mais quizesse acolher no seu reinado de ouro, meu coração o recebeu sorrindo e porque você lá entrou mysteriosamente.

Sua alma é differente da dos outros homens, porque nenhum delles me soube fazer esquecer aquella magoa atroz que, lentamente, me consumia...

Você me fez crer que o soffrimento purifica a alma, que o amor existe e que, nem sempre, a tristeza é infinita. Você veiu sorrindo para me fazer sorrir...

Você veiu para dissipar de meus olhos este véo de melancolia que, ás vezes, me turva o olhar.

Tinha de ser assim... Foi o Destino que nos aproximou.

Amemo-nos! O amor é a nota mais sublime e suave da alma, o éco mais doce do coração, a phase mais bella da mocidade.

Chegou a minha hora de amor. Já não posso fugir... Sigamos, pois, de mãos dadas — eu e você — por esta vereda encantada, que é toda feita de flores e de espinhos. E vamos procurar a felicidade...

ZELIA MOREIRA

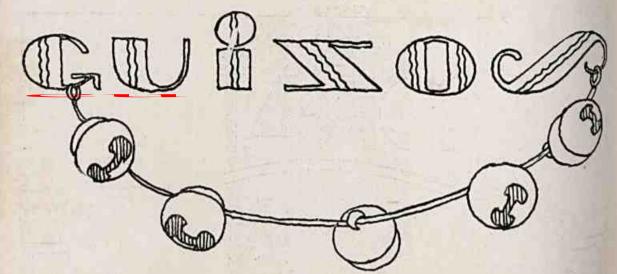
A menina Neuza, filha do sr. Ibrahim Haddad e de sua senhora, a professora Aida da Costa Poncio Haddad, no dia da sua primeira communhão.

Tenho na minha vida um passarinho:
L'homme n'eut pas véeu sans l'oiseau!
Ouço-o sempre com o maior carinho...
Seu canto para sempre me encantou!

Embebido em seus sons, por onde vou,
vou pisando no chão devagarinho;
e nem ouço o ruido que passou
e nem sinto os garranchos do caminho!

A cada esforço em que arde e se fatiga
meu honesto labor, elle responde
com o seu canto de ternura amiga.

E quando porventura elle se esconde
é para me esperar com uma cantiga
nova — cheia de amôr — no alto da fronde...

SILVINO OLAVO

SPLEEN

A'S vezes, eu accordo assim... nostalgico, o coração envolto em tédio.

A razão?!

Não a procuro, com franqueza, porque não vale a pena a gente estar a indagar a causa dos nossos momentos de spleen.

Seria trabalho inutil, e não tenho paciencia para pesquisar o que se encontra nos refolhos da minha alma...

Talvez a saudade de uma boneca fragil, uma boneca de carne, que era o enlevo dos meus dias, e que, certa vez, partiu...

Para onde?!

Não sei.

As bonecas da nossa vida, quando fogem dos nossos braços, não dizem nunca para onde vão.

Seguem, naturalmente, atraz de um sonho novo, que lhes parece mais lindo.

Cumprem o destino de todas as bonecas...

Nós ficamos onde estavamos, cultivando essa flôr roxa do coração humano, a saudade.

A saudade que tortura, que por vezes mata.

As bonecas, porem, não voltam a cabecita loira para olhar o que ficou atraz.

A nossa vida é assim...

A vida das bonecas está toda no sorriso de um dia, de uma hora, de um minuto, ás vezes...

O minuto que nós não podemos esquecer, porque foi tambem o mais lindo que vivemos.

A nostalgia desta manhã, certo, tem raizes num desses momentos vividos ao lado de uma boneca...

Mas, qual dellas?!

Porque nós, homens, brincamos com tantas bonecas...

ANTES ASSIM...

AUGUSTO HECKSHER é um nome de destaque nos meios financeiros e industriaes de Nova-York.

Tem 81 annos de idade e arranjou uma esposa com 56 primaveras.

Um bello acontecimento, festejado pelos amigos do casal, que, após a cerimonia do casamento, partiu para as montanhas Adirondacks, logar escolhido para a lua de mel.

Os jornaes, que registraram o acontecimento, não dizem si as autoridades judiciarias tentaram impedir a união em virtude de solicitação dos parentes do noivo.

Noticiam apenas que o acto correu com a mais franca alegria, fazendo isto suppôr que o noivo não tem herdeiros...

Decididamente, o norte-americano não conhece a figura do ridiculo!

DO MEU EXILIO.

...Hay almas hechas para el Amor: la mia es una de ellas.

El Amor me ha revelado una nueva vida? por que he de abandonarla? Además á qua dedicaria yo mis energias?

. . . .

Tenho, novamente, nas mãos, o teu perfume, que me enlouquece os sentidos.

Copacabana, á hora em que vou sacudindo no ar os guizos da minha alma, sorri, na toilette côr de rosa de um poente prolongado...

O mar, tranquillo, reflecte a doçura do céo.

Tua voz de crystal canta aos meus ouvidos.

Uma canção incomprehensivel...

Uma canção eivada de melancolia; pontilhada de ironia...

A melancolia das almas exiladas do affecto humano...

A ironia de quem, no mundo, encontrou mais um homem, banal...

Parece que não nos entendemos!

Despetalei as rosas do meu jardim para cobrir o chão, á tua chegada.

E tiveste a impressão de espinhos...

La Vida es un estado mental de nuestro yo.

Deve ser assim...

*

Guizos...

Eu os trago na alma.

A minha vida guizalhante ha de passar, mas o ruido della ha de perdurar, por algum tempo, como uma saudade leve, em outras almas gemeas da minha.

A minha vida é um fio de illusões.

Sonho e gozo a delicia dos meus sonhos.

Tu, incomprehendida, não comprehendes tambem o mysterio da musica dos guizos...

Como lamento a minha pouca sorte!

Hay almas hechas para el Amor: la mia es una de ellas.

E quasi estava a dizer-te:

— El Amor me ha revelado una nueva mujer...

MARION

O AMIGO IMMORTAL

De Krishnamurti

— Amigo, dize-me onde está Deus? Em vão o procurei por toda a parte...

— E não o encontraste?

— Procurei-o entre ritos e ceremonias, entre o perfume das flores e o incenso dos altares. Fui devoto; obedeci á lei; refugiei-me num convento. Li os livros santos, orei em muitos templos...

— E não o divisaste?

— Não. Li o livro unico de Deus e visitei sua morada sobre a terra e, ao pôr do sol, chorei com toda a angustia, beijando a areia quente do deserto... Trabalhei pela humanidade e atordoei-me em servir a meu semelhante, descobrindo meu corpo esqualido para cobrir o de outro desgraçado... Em caminho algum o encontrei!...

— E não o sentiste, oh! peregrino?

— Sim; a mim mesmo elle se revelou... Vi-o na mó de pedra que tritura o arroz na aldeia placida... Vi-o na folha morta que rola ao abandono, ao pó da estrada. Vi-o no pinheiro solitario, que se ergue, majestoso, sobre o isolado monte. Vi-o no mendigo que vae de porta em porta em busca de pão. Vi-o, ainda, na rapariga linda que passa para o mercado do amor... Senti-o santo, illuminado e peccador!

"E em tudo Elle está! Como o lotus que habita aguas lodôsas, assim móra elle commigo eternamente e em todas as coisas se reflecte."

(Traducção livre de Rachel Prado)

O industrial Alfredo Teixeira, figura de grande conceito nos circulos sociaes de S. Luiz do Maranhão, e nosso confrade de imprensa, representante do FON-FON naquella capital, que se acha entre nós, a passeio

FEIA

E' muito triste o destino das mulheres feias. E tu não tens, infelizmente, a ventura de ser bella. Contas já trinta annos de anseios e desejos e, tambem, trinta annos de renuncias e desillusões. E, no emtanto, tu mereces o affecto que em vão procuras pela vida em fóra. Tens a alma cheia de innocencia e a mente povoada de chiméras. E tens, além disso, o desejo ingenuo de tornar alguem feliz. Mas, até mesmo para espalhar felicidade, é preciso que se tenha o rosto lindo. E tu não tens, infelizmente, a ventura de ser bella. Esquece-te, por isso, de que me queres desvairadamente.

Não são as almas que eu procuro. Não me fales, pois, do thesouro que julgas possuir. Esquece-te de que no mundo existe o amor. Pensa nos teus cabellos brancos, nos teus olhos mortos e, sobretudo, na plastica ridicula que vives exhibindo. Pensa demoradamente e não me peças, por favor, o meu affecto.

Que lucrarias, aliás, com a minha preferencia? Tu sabes que ao mulheres são piedosas. Tratarias, portanto, todas ellas, de arrebatar-me á tua ternura extemporanea e á tua irritante fealdade. E, depois, havias de dizer que eu é que sou o traidor. Mas quem resiste, na vida, ás tentações? Vês? Passou por aqui uma creaturinha linda de dezoito annos. Tem o corpo em perpetua floração e a bocca vermelhinha de peccado. Olhou-me. Fez promessas de sos laio e deixou, pelos caminhos, o perfume da perfida mancebilha. Amanhã, com certeza, nos encontraremos novamente. E o coração me diz que hei de vêl-a, quasi nua, numa praia.

E quem resiste á fascinação do um corpo harmonioso resguardado no "maillot"? E' possivel até que ella não tenha resquicios de pureza e que o seu verdadeiro coração seja o que nos offerece a sua bocca vermelhinha de peccado. Mas é assim, nessa attitude indiscreta e semi-louca, que os meus olhos a devoram e a comprehendem.

Guarda, pois, o thesouro que julgas possuir. Eu não sou, feia, o argentário que desejas encontrar. Não me fales da casinha enfeitada que ambicionas possuir nem da ternura maternal que queres, um dia, revelar. Adeus!

Vou entregar-me á creaturinha esbelta de dezoito annos. Sua bocca vermelha me promette beijos e eu como que a vejo, na praia, radiosa, de "maillot". Ella me fez promessas e eu vou buscar, entre as espumas, a graça promettida. Adeus! E não me peças, por piedade, o meu affecto. Nem queiras seduzir apparecendo-me, na praia, de "maillot". Tem juizo, e pensa no enjôo que, como eu, teria o mar...

HORACIO MENDES

Notas de Arte

Oscar D'Alva

COMPANHIA LYRICA

Com seis estréas e quatro repetições, realizou, na semana passada, a Companhia Lyrica Italiana do Theatro Lyrico os seus ultimos espectaculos. Foram, como os anteriores, audições relativamente elogiaveis de populares e queridas operas. Ouviram-se: *Cavalleria Rusticana*, *Pagliacci*, *Tosca*, *Traviata*, *Gioconda*, *D. Pasquale* e [illegible].

Continuaram os artistas a merecer a sympathia do publico e da critica.

Amalia Savattieri foi boa Gioconda e melhor Santuzza. Cantou com muita vibração a *Canção do suicidio* e foi communicativa, arrebatadora, empolgante mesmo, na romança *Voi lo sapete o mamma*, e nos duettos *No, no Turiddu rimani.* — *Tu qui, Santuzza!*

Renata Villani, graciosa e viva Norina, deu especial brilho á romança *Quel guardo* e ao duetto *Vado corro.*

Giulia Scaramelli viveu regularmente o papel de Nedda. Cantou com brilho a formosa *Canção dos passaros* — *Che volo d'augelli.*

Giuditta de Vicenzi interpretou com certo relevo lyrico-dramatico o pequeno papel de Lola.

Fior di Giaggiolo — pareceu-nos quasi um primor. Pena foi que em Laura não nos desse a mesma impressão. *L'amo come il fulgor del creato!* — foi o contrario de — *Fior di giaggiolo.*

Pina Monaco, embora a principio muito nervosa pela commoção da estréa, cantou com agrado a aria final do 1.º acto da *Traviata* — *Ah! forse é lui*, e a romança do 4.º — *Addio del passato!* Apesar das falhas que se lhe possam apontar, a sua voz encanta pela doçura do timbre. E' uma artista que, aprimorada pelo exercicio continuo do canto, se torna cada vez mais um elemento de destaque da scena lyrica do Brasil.

Carmen Gomes, apesar de poder ter sido melhor do que foi, dados os seus invulgares dotes de cantora e de actriz, não deixou de ser uma das melhores interpretes da heroina do romance de Alencar e da opera de Carlos Gomes. Viveu, como poucas, o celebre duetto — *Sento una forza indomita*, e a ballada — *C'era una volta un principe.* Não menos primorosa no formoso duetto — *Perchè di meste lagrime.*

Se Carmen Gomes se transportasse a um meio artistico de escól, onde ouvisse grandes mestres e desenvolvesse os seus raros dotes, estamos certos de que não seria apenas — o que já é — uma das mais notaveis cantoras brasileiras, mas sim uma das mais notaveis cantoras do mundo. Tem talento bastante para attingir semelhantes alturas. E' pena que o Estado não aproveite vocações dessa natureza para desenvolver, dentro da esphera que lhe cabe, a cultura artistica do Brasil. E isso é tanto mais lamentavel, quanto outras menos dotadas, com semelhante auxilio adquirem, muitas vezes, excessiva ou immerecida notoriedade...

Angelo Pilotto, uma das mais valiosas figuras da Companhia, embora não tenha o volume da voz de

Por occasião da sua recente «tournée» na Belgica, onde a rainha Elisabeth quiz ouvil-a no proprio palacio real, a grande violinista franceza Renée de Saussine foi acclamada pelos amadores da boa musica. «Esta joven violinista — disse o jornal «Midi» — maneja o arco de maneira notavel; a sua technica é simplesmente deslumbrante». A «Libre Belgique», depois de elogiar o temperamento musical da illustre artista, escrevia: «Quanto fogo! Que execução maravilhosa! Ahi está uma violinista que dará que falar de si.» Renée de Saussine realizará o seu primeiro recital para a platéa carioca no proximo dia 20 do corrente, em «matinée», no theatro Lyrico.

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

Corrado Tavanti, possue em grão superior qualidades artisticas, E' merecedor dos applausos que recebe. Comico ou tragico, agradam sempre a sua voz e a sua arte. Vimol-o especialmente quando, Tonio, cantou esplendidamente *Io son il prologo*, que o publico bisou; Malatesta, o duetto *Vado, corro;* Barnaba, o solilloquio *Monumento!* e a barcarola *Pescador affonda l'esca;* Germont, a romança *Di Provenza il mare;* todos numeros em que sobresahiram, simultaneamente, cantor e actor.

Fattori corporizou bem os personagens de Alvise e de Cacique. Agradou na *aria da vingança*, da *Gioconda* — *Si morir ella dé...* e ainda mais na *preghiera* do *Guarany* — *O' Dio degli Aimoré.*

Brandisio Vanucci parece-nos um cantor que apenas inicia a sua carreira. Cantou, com applausos, a romança de Alfredo, da *Traviata* — *Dei miei bollenti spiriti*, e a serenata de Ernesto, do *D. Pasquale* — *Com' é gentil.*

Gino Lussardi, encarnando *D. Pasquale*, concorreu, como cantor e como actor, para o bello exito de todas as scenas. Foi verdadeiramente o heroe da opera.

Arturo Pressutti agradou na figura do *Prologo* e deu algum realce ao papel de Silvio, especialmente no duetto — *Nedda rispondimi.*

Reis e Silva mostrou, mais uma vez, os seus bellos predicados de artista. Os profissionaes poderão notar-lhe certos processos de cantar e representar que para uns serão defeitos e para outros qualidades; pode-se mesmo desejar que aprimore os seus raros dotes naturaes, mas o que ninguem pode, com justiça, contestar, é que o illustre patricio é a mais bella voz de tenor que o Brasil possue, e uma das melhores que têm apparecido nos theatros do Rio de Janeiro.

Encarnando Turiddu, Canio, Enzo e Pery, foi em todas essas caracterizações acima da vulgaridade, e em varios trechos revelou-se notavel cantor e bom actor.

A não ser a *Siciliana*, a que um incommodo occasional não permittiu desse o costumado brilho, tudo cantou Reis e Silva com muita correcção musical e dramatica. Esplendido nos duettos — *Tu qui Santuzza* e *Mamma quel vino é generoso*, arrancou justos e calorosos applausos em *Vesti la giubba* e *No, pagliacci, no sono.* Mas onde nos pareceu ter conseguido ostentar melhor a belleza da sua voz e a vida da sua arte foi na romança de Enzo — *Ciel e mare*, o no grande e nunca assás louvado duetto do *Guarany* — *Sento una forza indomita.*

Reis e Silva é um cantor que nos parece dispôr de elementos naturaes capazes de o tornarem notavel em outros meios artisticos além do nacional. Aprimorando cada vez mais o proprio talento, mediante o cultivo e o estudo dos mestres, certo conseguirá ser muito mais do que realmente é.

E' digno de todo elogio o empresario Viggiani, incorporando á Companhia Lyrica Italiana os tres cantores brasileiros que, com a sua voz e com a sua arte, deram mais brilho, mais realce á temporada que acaba de findar. Pina Monaco, Gilda Gomes e Reis e Silva concorreram em diversos graus, segundo o valor de cada um, para o bom exito dos espectaculos de que participaram, e revelaram, mais uma vez, que o Brasil possue bellos representantes da scena lyrica.

Foi na Russia dos Soviets que occorreu este facto.

Um viajante hospedou-se em um hotel de Leningrado, de propriedade do turco Levy. Passou ali alguns dias. Ao pedir a conta, verificou, com espanto, que na mesma se acha annotada uma despesa que elle, absolutamente, não fez, pois que nunca em sua vida provou vinho:

"Vinho... 150 rublos".

Reclama, então, do dono do hotel. Levy fica confuso, apresenta mil desculpas ao hospede, e, immediatamente, rectifica o engano, escrevendo:

"Agua... 150 rublos".

*

— Já foste victima de algum desastre ferroviario?

— Sim. Uma vez em que, viajando no rapido mineiro, ao passar um grande tunnel, dei um beijo na mãe em vez de dál-o na filha...

*

No circo.

O palhaço. — O circo está pegando fogo.

O emprezario. — Chama, então, depressa, o homem come-fogo!

*

Um alfaiate manda seu empregado cobrar uma conta de um mal pagador.

Quando o empregado volta, o patrão lhe diz:

— Aposto como esse tratante te recebeu mal!

— Pelo contrario — respondeu o moço. — Elle gostou tanto da visita, que me pediu voltasse amanhã...

*

Um millionario americano estava dictando ao tabellião o seu testamento.

— Deixo — dizia — 20.000 dollars a cada um de meus criados que tenham estado a meu serviço durante vinte annos ou mais.

O tabellião. — Isso revela uma generosidade muito grande por parte do senhor.

O millionario. — Sim. Isto é de grande effeito e não custa nada. Nenhum delles esteve a meu serviço mais de dois annos...

*

O amigo. — E como foi o accidente?...

O ferido. — Voltavamos do banquete... Eu ia guiando o meu carro... De repente, vi deante de mim tres automoveis, e o meu foi de encontro ao do meio... Depois, soube que, em vez de tres, só havia um carro... Não sei como me enganei assim...

*

Na livraria.

A freguezа. — Dê-me um livro que seja bonito.

O livreiro. — Mas, que especie de livro quer a senhora?

A freguezа. — Um que combine com minha mesinha de cabeceira...

*

— Não achas que Helena é mais velha do que representa?

— De qualquer maneira, não ha de ser tão joven como parece.

*

Durante a convalescença.

A esposa. — Sim, Nepomuceno. O doutor julgava, a principio, que a enfermidade te houvesse affectado o cerebro.

O marido. — E ainda deve suppôl-o, a julgar pela conta que me mandou...

*

— Não falas mais com Eduardo?

— Não. Mas não sei si porque elle me deve dinheiro, ou si sou eu que lho devo.

Como fallam

Diz o pae á filha amada
Diz o marido á mulher
E tambem a Lua ao Sol:
Só tem a pelle estragada
Quem bom uso não fizer
Do sabonete Eucalol.

O juiz (ao accusado). — A joven a quem o senhor beijou está disposta a retirar a accusação, si lhe pedir perdão e arrepender-se.

O accusado (á joven, que é muito bonita). — Sim, peço-lhe perdão, humildemente, senhorita; mas sou um homem honrado e não posso affirmar que me arrependo...

*

— Os postes de illuminação de nossa rua foram pintados de novo.

— Eu já o sabia. Desde que meu marido chegou em casa...

*

Procurando casa.

— Esta casa tem o inconveniente de ser muito devassada. Os vizinhos vêem pela janella tudo o que se faz dentro.

— Mas, a senhora poderá fechar a janella.

— E, então, como poderei ver o que fazem os vizinhos?...

*

A mãe. — O tempo está muito feio, Glaudinho. Ameaça chover. De maneira que não poderemos ir, hoje, á *matinée* do cinema.

O filho (que é um menino intelligente e moderno). — Mas, teremos que ir de qualquer maneira, mamãe, pois eu já registei em meu diario a *matinée* de hoje!

*

— Mas, doutor, meu marido morre ou não morre?

— Fique tranquilla, que elle resistirá, minha senhora: tem o estomago á prova de toda classe de medicamentos!

*

Um futuro sogro, falava com um amigo sobre o homem que ia ser seu genro.

— Só lhe conheço um defeito — diz o amigo.

— Qual é?

— Não sabe jogar.

— E você chama a isso defeito? Pelo contrario. Estou muito satisfeito de sabêl-o.

— Mas é que elle não sabe jogar, porque perde sempre.

Onde a Felicidade!

NA mesa estreita de um bar, onde um garçon servia a cerveja espumante, o Pinto, meu velho companheiro, fazia o elogio da vida de medico.

— Não póde haver melhor carreira. E' rendosa e independente. Reune o util ao agradavel. Eu, si ainda me fôra possivel estudar, iria formar-me em medicina. Só então seria feliz.

Articulava ainda as ultimas palavras, quando, apressadamente, se aproxima de nós o dr. Monteiro, medico, gritando para o garçon:

— Um cognac!

Notava-se, pela sua physionomia, que alguma cousa o contrariava. Estava pallido, tremulo, inquieto. E, antes que lhe dirigissemos qualquer pergunta, começou elle a falar com palavras entrecortadas, visivelmente emocionado:

— Si lhes contar o que me aconteceu hoje... Estava em casa a ler, quando recebo um telephonema do Mario Pontes, que vocês conhecem, chamando-me com urgencia á sua residencia. Cinco minutos depois, tomava o automovel, que, velozmente, fonfonando, me transportou á porta de sua casa. Recebeu-me elle na sala. Estava pallido, desfigurado, com os cabellos crescidos. Cumprimentou-me e começou a falar:

"— Dr. Monteiro, resolvi chamal-o hoje, para tentar, ainda uma vez, como ultimo recurso, salvar a vida da minha filha. Ha trinta dias arde em febre. Já chamei todos os clinicos da familia. Nenhum conseguiu, apesar do esforço que empregaram, debellar a doença que lhe mina a saude, dia a dia.

"E depois que terminou a exposição da molestia que ameaçava arrancar a vida do seu rebento querido, apparece na sala, banhada em lagrimas, a sua mulher, d. Armida, exclamando:

—"Doutor, tenha pena de mim! Salve a minha filhinha. Meu Deus, que soffrimento! Era tão risonha, alegre, cheia de vida, e hoje está tão pallida, magrinha, com os ossos a furar a pelle. Doutor, faça tudo

CONTO DE

[...] Marrocos de Araujo

[...] possivel para não deixar morrer aquelle meu [...]

[...] Fiquei atarantado, perturbado, com aquellas ex-[...]ções. Conduziram-me ao quarto, onde estava a [...]. Num leito, entre alvos lençoes, quedava um [...] definhado, com labios descorados, olhos sem [...]. A febre queimava-lhe o corpo. Depois de um [...] detido, meticuloso, dei-lhe uma injecção e expuz [...]ção de tratamento a ser observado. Retirei-me, [...] que, si a pequena peorasse, poderiam chamar-[...]me com urgencia.

[...] tarde, já me estava aprompttando para voltar á [...] Mario, quando um automovel fonfonou á minha [...]

[...] chauffeur chamou-me e disse-me que a pequena [...] morrendo e que o Mario pedia que eu chegasse [...] perda de tempo. Tomo o carro e, quando me [...] da casa, ouço um chôro convulsionado. O [...] Mario recebeu-me na porta, com as mãos na [...], quasi sem poder articular uma palavra, voz [...]ada pelo pranto. Com difficuldade, conseguiu [...]:

— E'... tarde... dr.... Monteiro... Morreu ha [...]inho...

[...] Estendi-lhe a mão e abracei-o, externando meus [...] de pesar. Sahi. Aquella scena enlutou-me [...]. Eu, si tivesse dinheiro, nunca mais clinicaria. [...]mente, não ha peor carreira do que a do [...]

[...]ando:

— [...] Garçon, repete o cognac!

[...] Voltando-me para o Pinto, que estava muito [...] disse:

— [...]? Que tal a vida de medico?

[...] Batendo-lhe a mão no hombro:

— [...], na terra não ha felicidade completa.

Nos cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MAU — E . . . DETESTAVEL

COQUETTE

Dos Artistas Unidos

Cinema ELDORADO — Que tragedia, santo Deus! Como já está longe aquella pequena endiabrada, aquella "Noiva da America", ora trajando roupagens humildes, ora se revestindo dos seus lindos vestidos innocentes. Então Mary Pickford era a "coqueluche" do mundo. Agora esta sua evolução *coquette* transformou a sua arte numa tremenda massada. O argumento vae dum polo a outro: é espirituoso, futil, sensual, para se encerrar num tragico, emocionante desfecho. Mary Pickford, nas primeiras partes, não attinge a perfeição; nas ultimas é um pouco ella, mas sem grande relevo. Finalmente, não attingimos o alcance artistico ou commercial deste seu trabalho.

Cotação — SOFFRIVEL

REDEMPÇÃO

Da Metro

Cinema PALACIO — "Redempção" por que? Melhor seria "expiação". Isso não tem importancia, até certo ponto. O essencial é que o filme corresponda ao *cast* brilhante que elle nos annunciava. Diga-se antes de mais que não se trata dum grande filme de John Gilbert. Se elle é, na realidade, uma boa pellicula, sob o criterio do parallelo dos filmes victoriosos do eminente artista, fica aquem. De todos os quatro artistas Nagel, Gilbert, — Boardman e Adorée, o primeiro tem um trabalho de destaque, talvez [illegible]cado pela sympathia da personalidade. E' um filme bello, mas triste. O ambiente é de desventura. O sol da felicidade pouco aquece. Mas — não póde duvidar-se — trata-se duma excellente obra scenica das que honram o cinema. Boa direcção e ainda melhor a parte technica, limpa, brilhante, digna de todos os applausos.

Cotação — BOM

O LEÃO E O RATO

Da Warner Bros.

Cinema PATHE' — Um filme dramatico de grande intensidade emocional. Não estivesse no *cast* Lionel Barrymore, o maior artista da familia. O enredo é, além de fortemente commovente, bem humano. Tão humano, que o coração de ferro dum homem de negocios, é vencido pela felicidade amorosa do filho. A obra não atti-

Instantaneos das creanças....

que valor não terão mais tarde?

As creancinhas crescem, mas as photographias da Kodak as conservam sempre pequenas,—taes como eram...

Quaes os instantaneos que os paes devem tirar e como podem tiral-os facilmente com a Kodak, são questões que procuramos explicar abaixo e no nosso catalogo.

HA thesouros que dinheiro algum pode comprar. Uma collecção de photographias, por exemplo, dos nossos filhos quando pequeninos. Que fortuna não pagariamos nós agora por um album de retratos dos aureos dias da nossa infancia?

Os primeiros passos, os paes ainda jovens, o lar, os amiguinhos e companheiros de folguedos, paginas do passado que lembramos com saudades e que vivemos a recordar...

As photographias lembram...

E esses sêres, essas scenas queridas, as pequeninas lembranças dos dias idos, ahi estariam a viver de novo perante os nossos olhos *se apenas houvéssemos tido a felicidade de ter uma Kodak!*

Com o decorrer dos annos, a rever os retratos do passado, poderiamos dizer, com carinhosa saudade:

—Vejam Maria, com tres annos,—hoje mulher já feita!

—Este bebé, sorrindo para o mundo na sua cadeirinha, é o nosso Paulo, que está agora para se casar...

—Eis-me ahi, rodeada pelos meus filhos, ha vinte annos, nos jardins da bella casinha em que moravamos!

—E este endiabrado pequerrucho não é outro senão o Manoel, esse gigante que ahi está...

Para tirar bons retratos

Facil é de se calcular o valor estimativo de semelhantes instantaneos e hoje é mais facil do que nunca tiral-os, graças á Kodak. A Kodak moderna offerece maior segurança, mais prazer e melhores photographias. O seu manejo é de uma simplicidade extrema e a garantia dos resultados encontra-se nas suas esplendidas objectivas e perfeitos obturadores.

Para segurança use

Film Kodak

Os mais interessantes instantaneos acham-se sujeitos ao Film. Para ter certeza de exito use o Film Kodak,—"o film da caixa amarella é de segurança."

Para os que não têm Kodak

A Kodak moderna tem além de tudo a grande vantagem de ser economica e o seu preço não pode ser apresentado como desculpa por não guardarmos uma historia graphica dos nossos filhos.

Mas ainda assim se lhe parecer custosa, procure uma camara Brownie que é tão barata quanto qualquer brinquedo mas que, no emtanto, tira optimas photographias.

Quer maiores provas da efficacia e simplicidade da Kodak moderna? Basta encher e mandar-nos o coupon abaixo.

Á KODAK BRASILEIRA, LTD.,

Rua São Pedro, 268, Rio de Janeiro

Queiram mandar-me um exemplar do vosso Catalogo Kodak para o Brasil.

Nome:..........

Endereço:..........

KODAK

NOS CINEMAS DA AVENIDA (Continuação)

a culminancia, na realização, do valor do grande artista. Se o contrario se désse, apesar destes tempos de victorioso synchronismo, "O Leão e o Rato" seria um grande filme. Mary Mac Adoy, que foi um dos mais adorados idolos de ha meia duzia de annos, põe no seu modesto trabalho toda a sua alma delicada. Alec Francis completa o grupo dos bons artistas de outros tempos, em que o cinema era... só cinema.

Cotação — BOM

MANOLESCO

DA UFA

Cinema RIALTO — Reaberto o Rialto para os filmes falados, é de justiça dizer-se que entrou com o pé direito. Esta pellicula honra, sobretudo, pela interpretação, o cinema germanico. Em parte alguma do mundo se faz melhor, como technica e como realização. Brigitte Helm é um nome que vae ficar na galeria dos grandes nomes da arte filmesca. A sua figura original e delicadissima; a sua expressão physionomica de tão empolgante verdade; os seus nervos em intensa vibração, tudo nella é tão suggestivo e bello, que se justifica que sempre que o seu nome apparece no cartaz, os salões se enchem de bom publico. *Manolesco* serviu para reapparecer perante o publico carioca o creador de "Miguel Strogoff", o vibrante artista Ivan Masjukin. O seu trabalho é bom, mas não lhe dá margem a marcar a sua grande individualidade artistica. Não é justo esquecer Dita Parlo, que põe no seu pequeno, mas sentimental trabalho, um grande sentimento.

Cotação — BOM

Quando está escripto

De PIERRE MARIEL

MEIA noite soara havia muito tempo e eramos apenas alguns freguezes no bar da mãe Gertrudes, emquanto a dona da casa dormitava por detraz do balcão, como uma cadella em seu nicho.

Essa taberna, situada no velho porto de Marselha, é conhecida de todo aquelle que bordeja de um oceano a outro, e assemelha-se a todas que encontram dispersas pelos portos do vasto mundo; uma sala baixa e sordida de onde se exhala um cheiro pouco convidativo de tabaco, de alcool e de alcatrão e cujo mobiliario já se tornou cambaio pelas rixas continuas.

Mas eu não podia fazer-me exigente na occasião. As vicissitudes de uma existencia movimentada obrigavam-me a recrutar, no momento, uma equipagem para um cruzeiro que não tinha senão bem afastadas relações com a navegação official.

Eu sabia, ao entrar na taberna da mãe Gertrudes, que encontraria, com certeza, alguns desses lobos do mar, promptos para tudo... e para o que fosse máo tambem.

Tive, comtudo, uma impressão desagradavel ao perceber, no vão da porta, o irlandez O' Learey. Eu estava persuadido de que elle se encontrava a honrar alguma prisão com a sua honesta presença, e não esperava, em absoluto, vêl-o em casa da mãe Gertrudes.

Teria notado o meu espanto? Sentiu-se apenas encantado de revêr um camarada, um companheiro de viagem do cabo Horn ao estreito de Behring? Copiosas libações tinham-n'o tornado sociavel? Em todo caso, desde que me percebeu, precipitou-se ao meu encontro, deu-me um aperto de mão perfumado de vinho, e installou-se sem ceremonia á minha mesa.

Meus companheiros não se mostraram admirados. Pelo menos não o deixaram perceber. O' Learey tem uma reputação solidamente estabelecida de rixador, e todo mundo o sabe, capaz de abater, á escolha, um marujo ou um boi, com um murro.

Houve, portanto, um silencio glacial por toda a sala. A conversação caiu, e foi preciso que O' Learey me perguntasse:

— Qual era o assumpto que tanto apaixonava os honrados cavalheiros?

Eu não tinha razão alguma para mettel-o em minhas confidencias, mas não queria, em absoluto, descontental-o. Respondi-lhe, então, recobrando minha presença de espirito:

— Falavamos sobre a Fatalidade!

— E' uma galeota? Um cargueiro? Uma chalupa?

— Nada disso.

E procurei collocar á altura da intelligencia de meu irlandez a eterna discussão sobre o livre arbitrio e o determinismo. Devia ter comprehendido, porque me disse:

— Perguntem a si mesmos se os arabes têm razão quando exclamam "*Maktoub!*" — Está escripto. Tola conversação para marinheiros! Emfim... Reflectiu profundamente e tanto, que lhe perguntei:

— Tem alguma opinião sobre o problema, Jim?

— Não, palavra. Mas nunca lastimei tanto o desapparecimento do pobre velho Baoldlah!

Elle sabia explicar estas cousas.

— Quem era?

— Baoudlah! Não sabe quem é Baoudlah?

E pareceu tão admirado que gritei:

— Mas se desejo saber quem é!

— Muito tarde. Comtudo, honrados cavalheiros, eu me aventurarei, de bôa vontade, a narrar-lhes a sua historia. A vida de Baoudlah é um forte exemplo e creio que esse negro velho sabia mais sobre tal questão do que todos os philosophos reunidos. Mas é uma historia muito longa...

— Temos tempo bastante...

— Uma historia impressionante.

Fiz collocar diante de O' Learey alguns quartilhos de cerveja. Elles o puzeram em veia de eloquencia.

— Baoudlah era um negro do centro africano que não tive a honra de conhecer pessoalmente, mas cuja historia soube por intermedio de um tio, mestre a bordo de um navio negreiro. Era no tempo do trafico dos negros. Meu tio, de quem sou o digno retrato, servia então sob as ordens de um commandante que se chamava, justamente — *O Chacal*, num brigue negreiro, — *La Belle-au-Gui*. *O Chacal*, tendo experimentado difficuldades em exercer sua industria nas costas da Guiné, cruzava, nessa epoca, no Mar Vermelho, descendo, ás vezes, até Zanzibar, onde revendia a bom preço seu carregamento vivo.

Sabem os senhores como se operava para conse-

FORÇA VIGOR SAÚDE?
CYTO-HEMATIL
ARSENICO-PHOSPHORO-KOLA
GUARANA-PEPSINA
O GIGANTE DOS TONICOS
ESTOMACAL-PALADAR DE VINHO DO PORTO
DEPOSITARIOS: INFANTE & Cª — RUA S. PEDRO, 192 - RIO

2 canetas
pelo preço de
1
PARKER offerece a V. S. um outro aperfeiçoamento. Cada jogo de Canetas de secretária vae accompanhado de uma presilha para bolso, gratis.
Ao deixar o escriptorio, retira-se a ponta fina, substituindo-a pela tampa com presilha, ficando assim a Parker Duofold transformada numa elegante caneta de algibeira.
Peça ao seu fornecedor para explicar-lhe a vantagem deste caracteristico de permutação, que dá a uma caneta a funcção de duas.
Unico Distribuidor no Brasil:
A. Cardoso Filho
Rua Buenos Aires, 208
Rio de Janeiro
Parker Duofold
Porta-Canetas Para Escrivaninha

TOSSE TOSSE TOSSE TOSSE TOSSE TOSSE
EU VI
TU VISTE
ELLE VIU
EU TOSSI
TU TOSSISTE
ELLE TOSSIU
EU USEI
TU USASTE
ELLE USOU
BRONCOSIL
BRONCOSIL
EU SAREI-
TU SARASTE
-ELLE SAROU
Depositarios: INFANTE & CIA Rua São Pedro 192 - RIO

O fogo deve ser
com agua apagado,
Nas Queimaduras
BOROSTYROL
é o remedio indicado!

QUANDO ESTÁ ESCRIPTO

(Conclusão)

guir a mercadoria humana? O brigue encostava numa enseada deserta, enviava uma parte da tripulação á terra, e esta, agindo de surpresa, conduzia para bordo o maior numero de prisioneiros possivel.

Guardavam-se os melhores especimens. Alimentavam-se os tubarões com os demais. Que bello mister, não é verdade, cavalheiros?"

Nunca soube se o deplorava ou não. Depois de um silencio, continuou:

— Uma *rezzau*, nas costas do Somalis, foi particularmente fructuosa. A expedição, de que meu tio fazia parte, tombou em plena festa, numa aldêa maritima, e trouxe uma centena de pobres creaturas para *La Belle-au-Gui*.

A colheita valia mais pela quantidade do que pela qualidade. Grandes, desengonçados, os filhos de Somalis não constituiam mercadoria de primeira ordem.

"Mas o *Chacal* ficou encantado de encontrar entre elles um negro soberbo, vindo seguramente da região dos Grandes Lagos. Era elle o Baoudlah.

"Acceitou sua sorte com uma alegria delirante. E a tal ponto, que o *Chacal* perguntou-lhe a razão. Honrados cavalheiros, a Felicidade é sempre relativa. Era uma grande felicidade para Baoudlah ser reduzido á escravidão. Se *La Belle-au-Gui* não chegasse inopinadamente, teria sido transformada em bifteckst Comprehendem. Baoudlah era um prisioneiro de guerra. Ia ser saboreado no curso da grande festa então interrompida. O fogo que deveria assal-o, estava já acceso.

"Chamava o *Chacal* seu salvador! E de tal modo o fazia, que o commandante achava graça. Deu-lhe um lugar de confiança: auxiliava o cozinheiro chefe em suas funcções.

Mas os negocios iam mal. O offerecimento era maior do que a procura. O *Chacal* desfazia-se do stock a baixo preço. O humor resentia-se com o desequilibrio, e para distrahir-se, entregava-se a brincadeiras innocentes, tão innocentes, que a equipagem se revoltou ao largo de Bad-El-Mandeb.

"Depois de um começo de successo, os rebeldes que meu tio commandava se viram perdidos O *Chacal* retomou rapidamente sua autoridade. Contando pouco com a sua mansidão, meu tio aproveitou as ultimas phases do combate para fretar uma canôa, e para deixar, á ingleza, *La Belle-au-Gui*, com tres companheiros, entre os quaes se encontrava Baoudlah.

"A noite cahia, e depois de algumas pesquisas infructiferas, o *Chacal* abandonou os fugitivos pensando que provavelmente o mar saberia vingal-o.

"Elle o previra com razão. Partidos apressadamente, na confusão da derrota, quasi sem provisões, os quatro fugitivos reconheceram logo que, excepto feita de um milagre, morreriam de fome antes de ter percebido uma costa qualquer.

"No emtanto, queriam luctar até o fim. Reduziram as rações a uma quantidade conveniente e conservaram-se decididos sobre os remos. Exgottaram-se de prompto, sem vêr outra cousa que vagas immensas, eternas, monotonas.

"Não lhes descreverei a sua agonia. Durou mais de uma semana. Meu tio, mais resistente, era o unico a alimentar alguma esperança, ao passo que Baoudlah, mal nutrido na *Belle-au-Gui*, não era mais do que farrapo humano.

"Não sei se o acreditarão, mas a equipagem de um navio é recrutada raramente entre gente de sentimento. E, ao fim de soffrimentos, de angustia, ex-que arrebentavam de fome, não lhes pareceu extraordinario entregar, no decimo dia de inanição, Baoudlah ao seu primeiro destino: fazel-o succumbir á morte que lhe fôra imposta pelos habitantes da Somalis.

"Quizeram apoderar-se delle de surpreza, estrangulal-o e...

"Mas não é cousa facil conspirar-se dentro de uma canôa. Baoudlah adivinhou o que lhe estava reservado. O terror deu-lhe forças supremas. Quando o tio arrojou-se sobre elle, conseguiu repellil-o. O jejum esgottava os miseraveis. Durante tres dias Baoudlah manteve-os á distancia.

"Deixo á imaginação dos senhores este espectaculo: tres larvas humanas procurando, em vão, atirar-se sobre um moribundo para devoral-o!

"Baoudlah, seguramente, teria succumbido afinal, se na decima quarta madrugada, meu tio não percebesse uma linha sombria no horizonte: a terra! Uma corrente arrastava-os para ella...

"Os quatro infelizes reuniram suas ultimas forças para urrarem de alegria. Baoudlah comprehendeu que estava salvo. Estendeu os braços num gesto de allivio, de prece talvez.

"Perdeu o equilibrio, e antes que meu tio pudesse tentar um movimento para arribal-o, foi cortado ao meio por um tubarão...

"Admittem agora, que quando está escripto que um homem será devorado, elle o será irremediavelmente?..."

E O' Leary esvasiou um novo quartilho de cerveja, contente comsigo mesmo.

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

Joven Actriz

De GENE MARKEY

O salãozinho do estudante Antonio Merivale era bem mobilado, com estantes para livros, fundas poltronas de couro vermelho e uma lareira crepitante. Um aposento socegado, se bem que á noite fosse, ás vezes, perturbada a sua quietação pelo espectaculo do proprio Merivale, andando de um lado para outro sobre os tapetes de Buckarn. Era um rapaz alto, de faces bronzeadas pelo mez de fevereiro passado na Florida; e trajava elegantemente. Deteve-se de subito:

— Hodge! — chamou em voz alta.

Ouviu-se um rumor de passos; a porta abriu-se e Hodge, o camareiro, appareceu. — um homem algum tanto velho que piscava constantemente.

— Telephona para Lyceum Theater e pergunta se Miss Stanton já sahiu.

— Sim, senhor. — Hodge tomou o phone e pediu: "Bryant 9543. — E, em seguida, falando ao amo — A senhorinha Stanton é bellissima, e tambem uma joven actriz que promette muito, ao que dizem...

— Cala esta bocca!... — E Merivale, tomando duas almofadas, atirou-lhe ambas ás costas.

— Peço-lhe desculpas, senhor — disse Hodge, sempre ao telephone — mas falei alguma cousa inconveniente?

— Inconveniente? — gritou o amo — E parece-te que não ha nada de inconveniente naquillo que dizes? Faze com que te dêem a communicação e fica por algum tempo, ao menos, calado.

— Parece que não querem responder.

Da campainha da escada chegou um som debil.

— Quem será?

— Provavelmente o elevador. Deixei a porta aberta para ter um pouco de ventilação no quarto.

E Merivale se poz de novo a passear sobre os tapetes.

— Oh, por que não vem ella? Talvez se irritasse por ter-lhe eu pedido para vir sozinha.

— Talvez — aventurou-se a dizer o loquaz Hodge — talvez esteja a caminho e não tarde a chegar.

— Não estava falando comtigo.

— Ninguem responde, senhor — disse Hodge, collocando em seu lugar o phone.

— Mas, afinal de contas, por que não deverei falar-te? Tenho necessidade de falar a alguem. Hodge, notaste alguma cousa nos meus modo para com ella, alguma cousa que denotasse sentimentos amorosos?

Hodge suspirou: — A senhorinha estava verdadeiramente attrahente.

— Muito attrahente. O mal está em que seja uma bôa rapariga.

— E' o que tambem receio, senhor!

Hodge trouxe uma pequena mesa para o centro do aposento e collocou sobre a mesma uma jarra cheia de rosas vermelhas.

— E depois é tambem um pouco esquiva. Não digo que tal me desagrade. E' tão adoravel, tão tranquilla e simples, que se fará querer bem sem sentir; mas certo não é como nós homens figuramos as actrizes.

— Veste muito modestamente, senhor, — ajuntou Hodge, pondo sobre a mesa o serviço de chá.

— Sim, é muito virtuosa para trazer vestidos demasiadamente decotados. — Merivale franziu as sobrancelhas: — E' no emtanto pouco provocante, se bem que graciosa. Eu a quereria talvez mais viva, mais fementida tambem. Uma rapariga com quem a gente se diverte e esquece depois.

— Mas — Hodge continuou a suspirar — tenho receio de que a senhorinha esteja enamorada do senhor.

— Sim, é verdade — está apaixonada por mim, — ajuntou, sem nenhum acanhamento, Merivale; e demais isto significa uma unica coisa: casamento. — A expressão do seu rosto tornou-se sombria. — Casamento! Eis o que me causa horror! até a propria palavra me aterroriza!

— E' isto mesmo — senhor. — E Hodge dispoz duas cadeiras em torno da pequena mesa.

— Que horas são?

— Onze e vinte, senhor.

— Então não virá mais. — A sua voz tornou-se triste. — Talvez seja melhor; é melhor acabar com tudo de uma vez. Hodge, creio que para mim e para ti é indispensavel uma mudança de ares. Partiremos amanhã para a California.

Foi um golpe rude para Hodge tal nova. Não era muito enthusiasta de viagens tão longas. Comtudo nada disse.

— Esta é a ultima noite que passo aqui.

— O senhor tem razão.

— Vá para o diabo! Não sabes dizer outra cousa senão "o senhor tem razão?" Como se não tivesse razão em todo este negocio! P[illegible]ao até a cabeça.

— O senhor póde contar com a minha sympathia.

— Acredito. — Olhou tristemente a pequena mesa: — a nossa ceia de despedida... Póde dar-se que venha ainda, quem sabe?

Houve uma pausa apenas interrompida pelo crepitar da lenha na lareira. Afinal Hodge disse: — Puz o champagne no gelo. Clicquot 1911. Um copo só, como das outras vezes, senhor?

— Que? — Antonio estava distrahido — Sim, naturalmente. Sabes bem que a senhorinha não bebe... — Aprofundando-se depois numa poltrona diante do fogo, murmurou: — Bem, assim está tudo acabado... — Levantou-se logo depois, de chofre, e accendeu um charuto.

— Poderei dizer-lhe, dado que espera uma visita, que parece um pouco em desordem toda a sua pessoa?

— Estou desordenado? — perguntou Antonio passando nervosamente a mão nos cabellos.

— Se assim posso dizer, o senhor não tem lá muito bom aspecto.

— Mas não o desejo em absoluto. Quero que ella me veja sob o aspecto mais odioso possivel. Assim me esquecerá mais depressa.

— E fixou a chamma distraidamente. — Pobre pequena! espero que se não sinta profundamente triste...

Nesse momento, soou a campainha da entrada. Merivale logo estremeceu, surprehendido. Logo em seguida, Sylvia Stanton entrou; estava muito graciosa, com bellos cabellos, grandes olhos pro-

fundos e uns labios vermelhos como cerejas maduras. Quando ella surgiu, Antonio ficou com a respiração suspensa, porque a senhorinha apparecia desta vez numa toilette maravilhosa, com uma manta de arminho sobre os hombros.

— Como estivesse aberta a porta, entrei sem cerimonias. Bôa noite, Hodge. — O seu sorriso era radiante. — Olá, Tony!

Antonio olhava-a fixamente, aturdido.

— Bem — disse alegremente — parece-me mais pallido do que habitualmente; e mais interessante tambem. Mas por que me olha deste modo? Ah! está admirado por eu ter vindo; não pensava que viesse aqui sozinha. E, no emtanto, eis-me em sua casa!

— Em minha casa — balbuciou elle — Onde foi buscar este traje?

— Mas que lhe interessa? — foi a surprehendente resposta. — As contas das costureiras, não as salda você com a sua carteira!

— Sylvia!

— Bem, vá depressa mudar de roupa. Devo, talvez, lembrar-lhe que tem uma senhora para a ceia?

— Um momento, desculpe. — E Merivale dirigiu-se rapidamente para o seu quarto de dormir.

— E por favor, ponha tambem em ordem os cabellos.

Sylvia Stanton voltou-se depois para o camareiro: — Toma este agasalho, Hodge. — E cuidado com elle, porque vale uma fortuna.

Hodge, com as mãos embaraçadas na manta de arminho, ficou no mesmo lugar, a piscar. Não conseguia capacitar-se daquella metamorphose.

— Você — perguntou a actriz — está ahi parado a admirar o meu vestido?

Na verdade, estava elegante como um desenho de Drian.

Merivale entrou na pequenina sala enfiando uma camelia na botoeira da casaca.

— Olhe-me, Sylvia...

— Oh! velho Merivale! — E emquanto uma estranha agitação passava nos seus olhos luminosos, accrescentou: — Não é até um peccado que eu não possa mais vir aqui?

— Que? — balbuciou Antonio.

— Oh! pois não o disse? — ajuntou Sylvia ligeiramente — esta é a ultima vez que posso vir.

— Mas por que, por que?

— Não tome as cousas assim, meu caro.

— Mas eu... — e elle fixou-a com grande admiração — eu não vejo...

— Tony, menti.

— Mentiu? Sobre que?

— Sobre a vida, sobre tudo. Cheguei á conclusão de que era muito velho estylo. As raparigas serenas como eu representam um anachronismo hoje. O mundo está

JOVEN ACTRIZ

(Continuação)

mudado, e a Cinderella moderna que se encontra junto á lareira, ahi fica, porque o Principe Azul está nos *dancings*. Logo... dagora em deante, entregar-me-ei, eu tambem, a uma alegria louca.

Antonio estava estupefacto.

— Mas por que? — interrogou elle — você é a ultima pessoa no mundo de quem eu esperaria... um...

— A virtude — respondeu Sylvia — póde obter a sua recompensa, mas não obtem senão pequenos proveitos.

Foi o golpe de graça para Antonio que tombou pesadamente na cadeira.

— Champagne — exclamou a actriz — muito bem! Far-me-á bem esta noite. — E erguendo a taça. — Não sei o que faço. Enche, Hodge. Hodge e Antonio entreolharam-se. Em seguida, Hodge suspirou e derramou a espuma dourada na taça.

— Mas eu pensava que você não bebesse em absoluto — conseguiu articular Antonio.

— Enche de novo Hodge! e quanto a você, Tony, não desejo causar-lhe incommodo, mas peço-lhe fazer-me cear o mais depressa

possivel, porque tenho um appetite phantastico.

— A ceia está prompta — interveio em tempo Hodge.

— Bravo! Se bem que esteja um pouco excitada, comerei qualquer prato. Estão muito scintillantes os meus olhos?

— Os seus olhos — murmurou Antonio, olhando-os — estão mais maravilhosos do que nunca. Agora estava Sylvia assentada alegremente á mesa — Põe o champagne aqui, a meu lado, disse. Hodge apressou-se a pôr o balde ao chão, ao pé da cadeira.

Antonio encontrava-se assentado em frente della, extraordinariamente assombrado.

— Que horas são? — perguntou Sylvia.

Hospedeiro e camareiro consultaram os relogios e quando ergueram os olhos, a taça de Sylvia estava já vasia.

— Onze e quarenta — disse Antonio.

— Tão tarde? — exclamou Sylvia — Meu caro, devo apressar-me.

— Deve apressar-se? Por que?

— Tenho de ir a um lugar. — Ella conservava a taça vasia na mão. — Um pouco mais ainda, por favor.

— Onde quer ir?

— Ah! Este é o grande segredo!

— Mas que diabo de cousa lhe succedeu hoje? — perguntou Antonio.

— Queira dizer-me que cousa está para succeder-me! Encha, por favor, a minha taça.

A mente de Antonio trabalhava ha um bom pedaço, sobre novo *puzzle*. Podia, na verdade, ser Sylvia, aquella mulher assentada a seu lado? A pequena Sylvia sempre tão serena, tão modesta?

— Quer explicar-me o que significa tamanha pressa?

— Significa, — (uma pausa —) significa que alguem me espera naquelle lugar.

— Alguem a espera? — Um pequeno clarão de ciume brilhou na mente agitada de Antonio. — Quem é este *alguem*?

— Oh! um homem — e Sylvia sorriu mysteriosamente.

— Que especie de homem?

— Um homem como os outros. Mas é muito gentil este interesse de sua parte, Tony.

— Bem, eu... eu... Onde o vae encontrar?

— Lá embaixo, apenas desça do elevador: no *dancing*! E' muito agradavel isto aqui para você, Tony, porque o apartamento onde justamente sobre o *dancing* onde iniciarei a minha vida brilhante. Que horas são agora, Hodge? Marquei o encontro para meia noite.

— Onze e cincoenta, senhorita.

— Póde ir-se embora — disse Antonio ao camareiro. — Servirei a ceia.

— Então, encha a minha taça — disse Sylvia.

— Como, de novo? — estava outra vez vasia.

Então desapparecera para sempre a pequena, tranquilla e suave Sylvia? —

— Abra uma das janellas! — Sylvia abriu os braços num gesto de abandono. Vinha de baixo um debil echo de musica. Era o jazz do *dancing* no andar inferior.

— Ah! — ella deteve-se a escutar — Começaram já a dansar. Devo encontral-o lá á meia noite.

— Sylvia — exclamou Antonio, e havia na sua voz uma supplica — quem é este homem? como se chama?

— Oh! Não sei o seu ultimo nome; disse-me chamar-se Herman E imagine que deseja esposar-me! Mas não farei nunca tal loucura. Desejo permanecer livre sempre.

— Conheceu-o por acaso? — perguntou Merivale.

— Não sei. Mas agora dê-me ainda um pouco de beber. — E de novo a taça foi esvasiada, emquanto Antonio a fixava com magua.

— E agora, a grande aventura! — exclamou a actriz e levantou-se. Antonio segurou-a com força.

— Este homem... que quer fazer?

— O que quero fazer... é que já estou farta de ser uma bôa rapariga. Não succede nunca cousa alguma de importante a semelhante rapariga. Trabalhei e soffri pelo theatro, mas que lucro alcancei? Nenhum!

— Mas você, você é uma joven actriz que promette muito!

— Ah! sim? Pois bem, esta noite quero tornar-me uma *estrella*, e escolho o caminho mais commodo para conseguil-o. — A sua voz elevou-se — Mas é que, ás vezes, o caminho mais facil é tão difficil de emprehender-se... Dê-me ainda champagne.

— Sylvia! — exclamou elle, estarrecido.

— Quero possuir *limousines* elegantes, e perolas, e pelliças, e pulseiras, e diamantes, e uma fileiras de millionarios encartolados que me esperem com muitas flôres, fóra do palco!

— Sylvia! — e elle se fizera muito pallido — você está fóra da si esta noite!

— Tem razão — mas a primeira Sylvia não voltará mais, nunca mais. Quereria ser tua, Tony; mas amo-o muito, e, depois, você é apenas um rapaz sympathico. E eu estou farta dos rapazes como você!

— Mas como póde dizer estas cousas, você, Sylvia, você que era tão bôa?

* * *

Chegava do *dancing* a musica perturbadora de um tango. Com um chale hespanhol sobre os hombros, Sylvia poz uma rosa vermelha entre os dentes. E, então, fazendo estalar os dedos, dansou, anhelante, com uma graça feiticeira... E quando a musica cessou, atirou a rosa a Antonio.

— A ultima rosa da ceia! — e assentou-se.

— Sylvia, preciso falar a você, fica um momento tranquilla e séria.

JOVEN ACTRIZ

(Conclusão)

Ouvia-se agora u'a melodia de sonhos vir do *dancing*, lá em baixo. Sylvia inclinou-se para o companheiro e nos seus olhos havia mais sentimento que alegria fatua de champagne.

— Está bem; ficarei séria. Recorda-se da noite em que ouvimos pela primeira vez esta musica?

— Se a recordo! — suspirou Antonio. Nunca aquella creatura lhe apparecera tão deliciosa como naquelle momento.

— E você me narrava a sua vida...

— Deveras? Sabe Deus quanto não a aborreceu...

— Não me parece, oh! não: — E ella sorriu, com um sorriso leve e triste.

Do quarto proximo chegaram as doze pancadas de um pendulo. Ao soar o duodecima, Sylvia ergueu-se.

— E' meia noite! Devo ir-me embora.

— Você não o fará.

— Não o farei? Não diga cousas absurdas. — E as suas delicadas sobrancelhas se franziram. — Faça-me o obsequio de mandar vir Hodge com o meu agasalho.

— Você não deverá ir! — gritou

Antonio, collocando-se deante da porta. — Não o permittirei!

— E por que não?

— Por que eu... pois bem, porque... — conseguiu balbuciar o infeliz.

— As suas razões são excellentes. Mostrarei se vou ou não. Ha alguem que me espera lá em baixo.

— Você não irá ter com este *alguem!* — exclamou Antonio com voz suffocada.

— Que direito tem você para falar assim? [illegible]

— Que direito? Mas é porque eu a amo!

As espaduas de Sylvia tiveram um calafrio. Fechou os olhos. — Diga-m'o ainda! — disse ella.

— Amo-a, Sylvia! — disse de novo, de um folego. — Não sabia até esta noite que a amava tão fortemente.

— Quando se ama assim existe uma unica solução: casar-se. — Sua voz tornara-se mais doce. — Casar-se, eis a cousa que receia. Até da propria palavra você tem medo. E tanto assim que decidiu afastar-se, partir para muito longe.

— Que diz você?

— Sim, afastar-se de uma rapariga que era muito bôa, muito virtuosa e não muito provocante. Desejava você, ás vezes, que ella fosse inteiramente differente. Um pouco fingida, um pouco arrojada, um pouco mundana. Uma aventura passageira, em summa.

— Sylvia!

— Você é como milhões de outros homens, Tony. Deseja o que não existe.

— Como?

— Sim. Uma bôa e má mulher, ou u'a má e bôa mulher. Pois bem, não existem sobre a face da terra semelhantes mulheres.

— Mas então, pelo amor de Deus, que mulher é você afinal? — perguntou Merivale exasperado.

— Eu... eu não sou a rapariga que pretendi ser esta noite.

— Pretendeu?

— Devo dizer tudo a você francamente. — e agora ella o fixava ousadamente nos olhos. — Tomei emprestado este vestido e aquella manta de arminho da nossa primeira actriz.

Eu desejava estar bellissima esta noite. Quando cheguei, a porta encontrava-se aberta, e não pude deixar de ouvir o que diziam. Assim...

— Minha querida, eu não sabia o que dizia. [illegible] o homem que [illegible]

Mas é verdade, e o [illegible] á espera? [illegible]

Deixe-me ir lá em baixo para dizer-lhe que você não comparecerá ao encontro marcado. Encontral-o-ei.

— Não, porque o inventei! Eu inventei toda esta historia. [illegible] bebi nem metade daquelle champagne, porque o derramei quasi todo no balde a meu lado. Pois bem, e agora diga-me: qual é o typo de rapariga que deseja? [illegible] so ser uma e outra.

— Desejo só você, Sylvia!

— Ah! mas somente eu? [illegible] seus olhos scintillavam de alegria. [illegible] Sylvia! Casar-

— A verdadeira [illegible] nos-emos então?

— Sim — e ella cahiu-lhe nos braços.

VERSOS

(Ao fino espirito de BASTOS PORTELA)

Cantiga da Felicidade

Todos querem, mas ninguem
alcança a Felicidade.
Pois fogem quando ella vem
e a chamam quando se evade...

Mesmo os sabios mais sabidos
não sabem porque razão
toda rosa tem espinhos,
todo amor contradicção...

De tão pouco precisamos
para encontrarmos ventura,
e tanto nos esfalfamos
na vida, á sua procura...

Só póde avaliar o preço
bem exacto da Ventura,
quem nunca sentiu tropeço
ante o amor que a alma enclausura.

Não digas nem graceijando:
— "desta agua não beberei",
porque Deus não foi brincando
que ditou a sua Lei...

Os teus olhos são tão doces
e ha nelles tanta bondade,
que eu suppuz, ao vel-os, fosses
a propria Felicidade...

Cantigas que eu não cantei...

— Conselheiro não dá provas,
diz o adagio popular.
Por isso nas minhas trôvas
não pretendo aconselhar.

Digo sómente o que sinto
nas chagas da Experiencia...
Todos sabem que não minto:
— a dôr só tem uma essencia...

Quantos homens tão pequenos
que fingem tanto valor!
Nem se recordam, ao menos,
de que ha um Deus Nosso Senhor...

Não queiras de modo algum
atirar pêchas a esmo...
Pois bem sabes — cada um
julga os outros por si mesmo...

Todo aquelle que se abysma
nos peccados da existencia
julga os outros por um prisma
de cêga maledicencia.

Meu Deus, eu não mais aturo
martyrio tão grande assim:
— Quanto mais quero ser puro
tanto mais zombam de mim...

J O N N Y   D O I N

Kola-
Cardinette
Kola-
Cardinette
Fortificante
de Effeitos Rapidos